

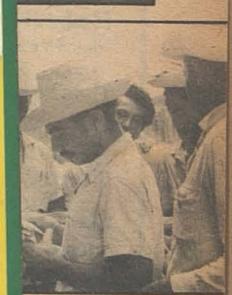
adernos do erceiro mundo 12

março 1979

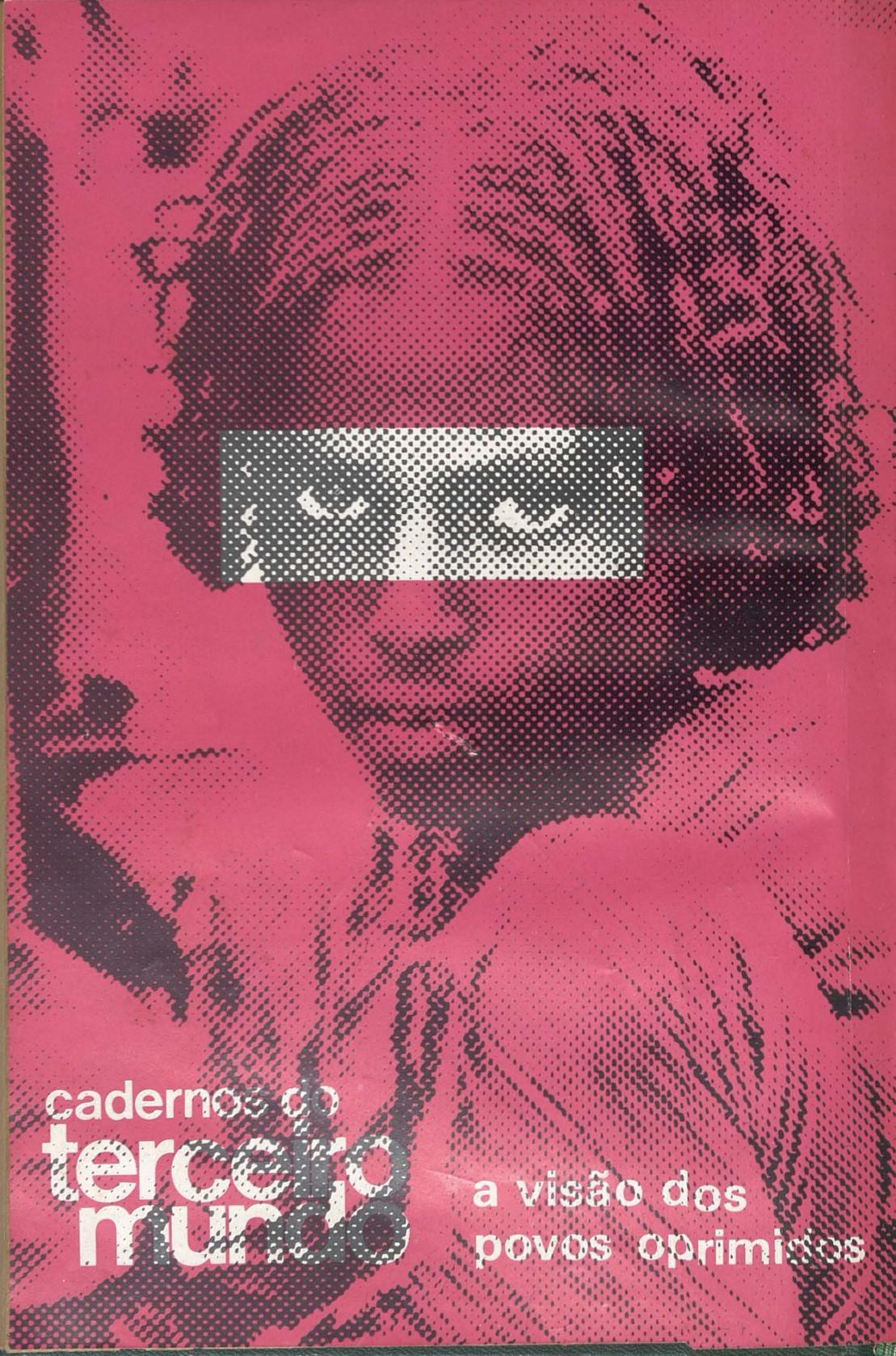
40\$00 KZ 40,00 ESC. 40\$00 PG 40,00 — Ano II N.º 12



OS CUBANOS EM ÁFRICA



s de Lang Son



**cadernos do
terceiro
mundo**

**a visão dos
povos oprimidos**

Nesta edição

- 3 correio do leitor
4 EDITORIAL
REPORTAGEM ESPECIAL
9 os cubanos em áfrica — Neiva Moreira e Beatriz Bissio

ÁFRICA

- 65 não alinhados II: reunião em maputo — Altair L. Campos
73 zimbabwe: libertação de prisioneiros
74 tanzânia: grupo dos 77 — a conferência de Arusha — Mohamed Salem

AMÉRICA LATINA

- 77 brasil: agroflorestas, o resto já foi vendido — Eric Nepomuceno
80 o sequestro de dois uruguaios

ÁSIA

- 84 china ataca o vietnam — Pablo Pacentini
88 vietnam: «o direito de viver em paz» — Eraldo Hipólito

MÉDIO ORIENTE

- 92 solidariedade com o povo árabe
95 palestina: «não esqueceremos o inimigo principal» — Margarida Gouveia Fernandes
98 israel rakak — uma só luta, um só futuro
102 PANORAMA TRICONTINENTAL
CULTURA
106 travolta: febre transnacional para lá de sábado — Fernando Reyes Matta
110 investigar para libertar
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
113 as vantagens do leite materno e o «perigo Nestlé» — Maurice Jacques
120 breves
123 ALMANAQUE

a foto do mês

prisioneiro chinês capturado nos arredores de Lang Son

cadernos do
terceiro
mundo 12



cadernos do terceiro mundo 12

Publicação mensal n.º 12 — Mar. 1979

Director: Pablo Piacentini

Editor Internacional: Neiva Moreira

Editora Adjunta: Beatriz Bissio

Chefe de Redacção: Roberto Remo

Edição em Espanhol ano III n.º 28

Periodistas del Tercer Mundo, A. C.

San Lorenzo 153, Desp. 406-407

México 12, D.F. — Tel. 559-3013

Edição em Português ano II n.º 12

Tricontinental Editora, Lda.

Editor: Altair L. Campos

Administração: Ernesto Pádua

Redacção: António Viana, Baptista da Silva, Leonel M., Manuela Fernandes, Margarida Nunes, Mário Osava.

Colaboraram neste número:

Etevaldo Hipólito, Eric Nepomuceno, Fernandes Reyes Matta, Margarida Gouveia Fernandes, Maurice Jacques, Mohamed Salem, Vasco.

Os Cadernos do Terceiro Mundo utilizam os serviços da Agência de informação Moçambicana (AIM), da Inter Press Service (IPS), da Irakian National Agency (INA), da SHIHATA (agência tanzaniana), da Nipon Agency News (NAN) e Prensa Latina (PL). Mantem intercâmbio editorial com as revistas Nueva (Equador), Tempo (Moçambique) e Novembro (Angola).

Administração e Redacção: Rua Pinheiro Chagas 41-2.º Dto. — LISBOA — 1100

Composição e impressão: Empresa Jornal do Comércio — Rua Dr. Luís Almeida e Albuquerque, 5 — LISBOA

Distribuição: Dijornal/Distribuidora de Livros e Periódicos, Lda. — Rua Joaquim António de Aguiar, 64-2.º Dto. Lisboa

assinaturas

PORTUGAL

ANUAL (12 números) 380\$00

semestral (6 números) 220\$00

ESTRANGEIRO — Anual (12 números) por via aérea

Angola, Moçambique, Cabo Verde

Guiné e São Tomé e Príncipe 600\$00 (escudos) ou

14 DÓLARES USA

Restantes Países 17 DÓLARES USA

distribuidores

PORUGAL: *Dijornal*, Rua Joaquim António de Aguiar n.º 64-2.º Dto. Lisboa

ANGOLA: *Empresa Nacional de Apoio Técnico do DOR/MPLA/PT*, Praça Farinha Leitão 27 — Luanda.

GUINÉ-BISSAU: *Departamento de Edição-Difusão do Livro e do Disco* — Conselho Nacional da Cultura.

MOÇAMBIQUE: *Instituto do Livro e do Disco*, Av. Ho Chi Minh 103, Maputo

S. TOMÉ E PRÍNCIPE: *Ministério de Informação e Cultura Popular*.

MÉXICO: *Unión de Expendedores y Voceadores de Periódicos*, Humboldt N.º 47, México 1, DE — *Distribuidora Sayrols de Publicaciones, S.A.* Mier y Pesada N.º 130, México 12, DF. *Metropolitana de Publicaciones Librerías de Cristal*.

FRANÇA: *Libraria Portugaise*, Rue Gay Lussac 33 — Paris. *Centre des Pays de Langue Espagnole et Portugaise*, 16 Rue des Ecoles 75005 Paris.

ITALIA: *Paesi Nuovi*, Piazza de Montecitorio 59/60 Roma. *Feltrinelli* Via Monserrato 35/6 Roma. *Uscita Banchi Vechi* 45 Roma.

SUÉCIA: *Wennergren-Williams AB* S-10425 Stockholm.

HOLANDA: *Athenaeum Boekhandel* Spui 14/16 — Amsterdam.

correio do leitor

identificação

É uma revista que se identifica com a libertação de todos os povos explorados na sua luta contra o imperialismo.

Amaro F. A. Júnior, Estremoz, Portugal.

incentivo

Pretendo (...) endereçar aos incansáveis trabalhadores dos *Cadernos do Terceiro Mundo*, as mais cordiais saudações revolucionárias, exortando-os a continuar com o amplo trabalho de informação e formação que efectivamente a revista proporciona aos seus leitores em todos os recantos do Mundo. — José Maria Mendes Ribeiro, Luanda, Angola.

assinatura

Aqui na Praia, e penso que em Cabo Verde, não encontramos a Revista para comprar. Um amigo esteve em missão em Luanda e Maputo, e encontrou os *Cadernos*. O problema da assinatura é sempre complicado. — J. A. Ferreira, Praia, Cabo Verde.

guiné-bissau

Quando é que essa excelente Revista vai apresentar um bom artigo sobre a Guiné-Bissau? Não é «chauvinismo» da minha parte, mas muita coisa importante tem sido feita aqui no meu país. — Jorge S. Costa, Bissau, Guiné-Bissau.

transferência

Tentem a sério alguma empresa distribuidora aqui de São Paulo. O banco cria problemas ineríveis para a transferência de dólares. E os *Cadernos* têm um espaço a preencher neste país. — Malvino S. Soares, São Paulo, Brasil.

itamarati

Concretamente: o Itamarati e a sua política de «fronteiras móveis», são instrumentos dos capitais multinacionais. E enquanto isso, o povo latino-americano continua a reverenciar um papa que recomenda paciência e evangelização... Felicitações pela orientação da Revista. — Celeste Ortiz, México, D. F.

cooperação cubana na África e Médio Oriente

A imprensa ligada às multinacionais da "intoxicação" têm dado bastante relevo à "intervenção militar cubana" quer em Angola, na Etiópia, ou mais recentemente no Yémen do Sul, os objectivos são os mesmos de sempre: lançar a confusão no espírito dos incautos, combater o socialismo, e, em particular, atingir a revolução cubana. Para além de denegrir os contextos e as situações em que se deram essas "intervenções", a imprensa da intoxicação "esquece-se" de dar mais pormenores sobre a cooperação cubana em outros domínios — e são muitos, — e estende-se pelos mais variados países da África e do Médio Oriente — dos quais o "militar", constitui apenas uma gota de água no oceano.

Os nossos companheiros editores Neiva Moreira e Beatriz Bissio tiveram a oportunidade de, ao longo de várias viagens por África e Médio Oriente, viver por dentro a cooperação cubana nos mais diferentes domínios, — desde a pesca aos transportes, da educação à cooperação médica, da agricultura ao desporto, — e nos mais recônditos lugares de Angola ou da Etiópia, da Tanzânia ou do Yémen Democrático.

Destaque ainda neste número para a guerra que a China levou a território da República Socialista do Vietnam, onde o nosso director Pablo Piacentini procura resposta, ainda que deixe em aberto a questão: para onde vai a China?

Na impossibilidade de colocar esta questão aos dirigentes chineses, ouvimos a senhora Thi Binh, lendária dirigente da luta de libertação no Vietnam e hoje Ministra da Educação, que representou o seu país na reunião do Bureau de Coordenação do Movimento dos Países Não Alinhados que se realizou recentemente em Maputo. É precisamente desta reunião e das suas conclusões que o nosso editor em Lisboa, Altair Campos, nos fala.

Na América Latina, a nossa atenção vira-se para o Brasil, onde o regime parece disposto a vender ao desbarato as riquíssimas florestas da Amazónia às multinacionais madeireiras, e para o sequestro de dois uruguaios nesse país: um verdadeiro escândalo policial ou, por outras palavras, a solidariedade repressiva entre aquelas duas ditaduras.

A respeito do Médio Oriente, destaque para a reunião preparatória da Conferência Mundial de Solidariedade com a Nação Árabe e em particular com a resistência palestiniana. Questão, aliás, que é tema para duas conversas que mantivemos: uma com a própria Organização de Libertação da Palestina e outra com um dirigente do Bureau Político do PC de Israel.

agradecimentos

Os nossos agradecimentos pela colaboração e amizade para com os campesinos equatorianos, através da nossa Federação Campesina (...). Esperamos continuar contando com essa valiosa colaboração no futuro. — Messias Tatamuez, Secretário-Geral da Federação Nacional de Organizações Campesinas, Quito, Equador.

O novo Irão

A rebeldia do povo iraniano derrotou de um mesmo golpe o despotismo monárquico e o imperialismo norte-americano. Poucos acontecimentos contemporâneos se podem comparar a este pela sua projecção internacional: a correlação de forças nesta insurreição provocou mudanças, o que equivale dizer que foi modificada a correlação de forças no Mundo.

Tanto a localização geográfica do Irão quanto a sua riqueza petrolífera, obrigaram o imperialismo norte-americano a designá-lo como o país chave da área, e portanto, a convertê-lo em gendarme dos seus vizinhos. Era talvez do ponto de vista dos Estados Unidos o mais importante dos seus gendarmes, a quem competia custodiar o Golfo Arábico, por onde passa a maior parte das exportações mundiais de petróleo.

A partir do golpe de Estado organizado pela CIA que derrubou, em 1953, o governo nacionalista de Mossadegh e repôs no trono Mohammed Reza Palehvi, estavam reunidas as condições para a realização do desígnio norte-americano.

Durante um quarto de século pretendeu-se fazer a conversão de um país subdesenvolvido e atrasado — não obstante a sua antiga e rica cultura —, em uma potência dotada do exército mais poderoso e moderno do Terceiro Mundo, em uma colónia próspera, industrializada, mas dependente, e em um grande consumidor da indústria, da tecnologia e da cultura «occidental». Seria em suma, o parâigma de um país periférico que mostraria um modelo de integração no sistema transnacional, como se não existisse uma contradição radical entre o capitalismo central e as nações dependentes. Varrida agora a monarquia e o seu modelo pelo furor do povo, espanta que, ignorantes da realidade iraniana, os sucessivos governos norte-americanos, não obstante contarem com refinados organismos de espionagem, tenham apostado tão a fundo na carta do «Rei dos Reis».

editorial

andamentos do

terceiro

mundo

Rua da Lapa, 180 - S/Loja - RJ
CEP 20.021 - Tel. 242-1957

E, no entanto, foi isso que se passou. Os sonhos de grandeza de Palehvi não se concretizaram. Mas criou-se um exército potentíssimo ao qual confiaram armas de incalculável valor para o imperialismo. E mais: esboçou-se toda a estratégia da área com base na presença norte-americana no Irão, como se se acreditasse que o trono do pavão real seria eterno. Daí o significado que esta mudança revolucionária traz à política imperialista. Com a queda do Xá desaparece um aliado insubstituível, a quem Carter ofereceu a sua campanha dos Direitos Humanos em troca de subserviência.

E os Estados Unidos procuram com métodos semelhantes aos utilizados no Irão, sustentar os seus maiores aliados sobreviventes da região: o Egípto de Anwar Sadat e a Arábia Saudita do Rei Khaled. Não conseguirá deste modo poupar a vida destes regimes condenados à morte pelo povo, e pela História; o imperialismo é incapaz de utilizar outros métodos. Aliás, nada poderá preencher o vazio deixado pela monarquia persa. Encarar este assunto somente em relação ao jogo das grandes potências, como tem feito a imprensa «ocidental», é ver só um aspecto da mudança realizada. Sua verdadeira globalidade apresenta-se quando vista onde foi gerada, ou seja, nesta parte do Terceiro Mundo.

Em primeiro lugar, há que ressaltar que mais um povo submetido livrou-se da monarquia, a forma mais retrógada de organização estatal, para implantar um sistema republicano. Ou seja, trata-se de uma mudança histórica por si mesma, verificada na região do mundo subdesenvolvido onde ainda subsiste um conjunto de monarquias ou principados (e era a coroa persa a mais poderosa entre todas). O exemplo iraniano é pois um vigoroso estímulo para as forças republicanas latentes.

Segundo: o Irão empreende o caminho da libertação económica, ou seja, começa a luta contra a dependência. Trata-se de reorganizar toda uma economia até hoje associada

editorial

ao capitalismo central. Isso significará a recuperação dos recursos naturais mediante nacionalizações, e a conservação dos mesmos.

O novo governo de Teerão, segundo anuncia, seguirá uma política de moderação em matéria de extracção e exportação de petróleo. É uma opção dramática e decisiva para um país que, seguindo o ritmo delapidador imposto pela monarquia, esgotaria a sua principal riqueza daqui a uns vinte anos. E isto é um notável incentivo para todos os países do Terceiro Mundo, empenhados em sobreviver com os seus próprios recursos, em protegê-los e em orientá-los ao serviço da própria economia, em exigir preços remunerativos para as suas matérias-primas e em repelir a pretensão transnacional de prover-se de matérias-primas abundantes e baratas, com preços fixados pelo mercado «livre» controlado pelos monopólios, e nas quantidades que só a eles lhes convêm.

Verificou-se que a resistência ao regime imperial não traçou um programa preciso, de tal maneira que é impossível saber para onde se orientará o novo governo. É verdade que, pelas características da luta contra o Xá, na qual se privilegiava uma unidade ampla em favor da qual se adiou o debate programático, não se avançou em relação a uma plataforma de governo minuciosa.

Houve e há consenso entre todos os componentes do movimento revolucionário em nacionalizar a economia. Cada medida que se adopte em tal sentido será um passo que afectará negativamente o capitalismo transnacional, e fortalecerá os países que lutam para dele se libertar. Isto pode parecer um tanto abstracto, mas tenha-se em conta que o Irão recebia 22 000 milhões de dólares anuais de receitas oriundas do petróleo, e que em razão da sua política anterior, destinava grande parte desses milhões a «reciclar» o capitalismo central, isto é, devolvia-os ao seu ponto de origem e sustentava assim o sistema.

editorial

cadernos do

terceiro

mundo

Rua da Lapa, 180 - S/Loja - RJ
CEP 20.021 - Tel. 242-1957

Pode-se desde já prever que o Irão deixará de cumprir esta missão, ainda que não se possa antecipar em que medida, mas esta será significativa, pois combaterá a dependência industrial, o consumismo de tipo «occidental», e procurar-se-á um tipo diferente de desenvolvimento que requererá grandes investimentos, especialmente na agricultura, um sector que involuiu durante a monarquia, e que agora será estimulado.

No campo externo, outro exemplo da influência que exercerá a nova política iraniana, surge da sua decisão de cessar a entrega de petróleo a Israel e à África do Sul. Com Israel, o regime caído mantinha estreita aliança, que entre outras coisas, compensava a negativa dos exportadores, árabes ao abastecê-lo de petróleo. Agora, Teerão junta-se aos seus vizinhos árabes, como adversário do expansionismo sionista, dando maior coerência e vigor à pressão regional contra esse expansionismo. E, emprestará, também, a sua solidariedade ao povo palestiniano, em reciprocidade à valiosa solidariedade política e militar que os palestinianos deram à oposição iraniana.

A potência persa passa, com efeito, a lutar contra o racismo e o colonialismo, a quem até hoje prestou incalculáveis serviços. E para os rascistas e colonialistas, isso será um duríssimo golpe. Outra consequência, é o reforço que será dado ao Movimento dos Países Não-Alinhados com a participação de Teerão, e em igual medida, a debilitação que sofrerá a aliança militar pró-norte-americana CENTO.

Restam algumas incógnitas sobre o modelo político e económico que o Irão seguirá. O adiamento do debate facilitou a total unidade nacional contra o déspota, mas agora, mal se inicia a discussão e análise de um programa detalhado.

Em relação ao sistema político, o procedimento anunciado consistirá em um referendum popular que propõe a consagração da República Islâmica, que foi já «plebiscitada»

editorial

em gigantescas manifestações convocadas pelo movimento religioso.

Tratar-se-á de um modelo inédito, no qual haverá, provavelmente, alguns pontos de contacto com o «socialismo islâmico». Há, no entanto, quem teme que a instituição teocrática traga sérias restrições às liberdades sociais e democráticas.

Espera-se, todavia, que a sabedoria do povo iraniano e dos seus dirigentes apresentem como resultado uma criação política, que tanto espelhe as tradições e a cultura nacional, como consinta a participação nas decisões de todos aqueles que conseguiram a libertação. Há muitos pontos de vista comuns, como também divergências significativas. Se as primeiras prevalecerem, dando continuidade à unidade, a reconstrução nacional estará assegurada.

É certo que o movimento religioso foi o componente principal da luta e que, em particular, o «ayatollah» Khomeini opôs-se desde o começo, com firmeza e coerência excepcionais, à dinastia Pahlavi. Mas, por outro lado, essa oposição não teria sido possível sem a vigorosa participação da esquerda e do movimento operário, que foram os mais selvaticamente golpeados pela repressão do Xá. Em consequência, a eles também deverá ser reconhecida, não só a liberdade política, mas também a sua contribuição na dura empresa da reconstrução.

É nestes sectores que se encontram os quadros progressistas que poderão preencher os cargos técnicos para administrar o país e concretizar as mudanças prometidas. Sem eles, o movimento religioso teria que valer-se dos quadros que serviram o Xá, que foram por sua vez formados na mentalidade do velho regime, e condicionaram ou desviaram toda a tentativa de mudança das estruturas.

A unidade, por difícil que seja, é pois um requisito ineludível para a realização da Revolução Iraniana.

os cubanos em África



Os nossos companheiros Neiva Moreira e Beatriz Bissio percorreram, numa demorada viagem, vários países da África e do Médio Oriente, onde realizaram reportagens sobre um dos acontecimentos mais importantes do nosso tempo: a cooperação cubana com os países africanos e árabes.

Além de países como a Argélia e a Guiné-Bissau, sobre os quais já tinham reunido informações em oportunidades anteriores, os editores de «*Cadernos do Terceiro Mundo*» estiveram, num período de mais de dois meses, em Angola, Congo-Brazzaville, Tanzânia e Etiópia, na África; e Yemen Democrático e Iraque, no Médio Oriente. Governos e partidos no poder nesses países e autoridades cubanas facilitaram e apoiaram de múltiplas formas o trabalho dos nossos companheiros. Cooperaram com entusiasmo, para que esse imenso esforço que Cuba realiza fosse melhor conhecido, num momento em que as agências transnacionais de notícias dão uma imagem distorcida, e muito distanciada da realidade, da presença cubana na África e no Mundo Árabe.

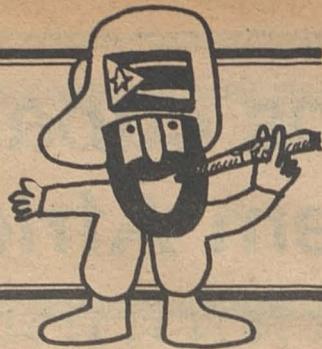
Desde a crise dos mísseis em 1962 — quando Cuba enfrentou a ameaça do poderio norte-americano, — até à comemoração este ano do vigésimo aniversário do triunfo da rebelião, muitas coisas ocorreram no Mundo e uma profunda transformação marcou os avanços do processo revolucionário cubano.

Estes avanços podem ser analisados de muitos ângulos, mas poucos aspectos do processo são mais expressivos da transformação da sociedade e do homem cubano do que essa massiva presença em países tão distantes, num projecto solidário junto a povos em luta pela sua libertação política e emancipação social e económica.



da Argélia à África Austral

Neiva Moreira e Beatriz Bissio



Já em 1962 os primeiros médicos cubanos desembarcavam na Argélia, num momento em que a maioria dos profissionais abandonavam a Ilha, a caminho do mundo capitalista.

Desde então, essa cooperação não se interrompeu e, hoje, mais de dez mil cooperantes apoiam na prática o imenso esforço de libertação em que estão empenhados muitos países africanos e árabes. Essa cooperação tem aspectos sem paralelos no campo da ajuda internacional, e só se tornou possível graças à transformação da sociedade cubana.

AGORA vamos à clínica dermatológica onde trabalhamos.

Relacionávamos a dermatologia com a ideia de enfermidades secundárias da pele. Tratava-se, no entanto, de um leprosário nos arredores de Dar-es-Salaam.

O dermatólogo cubano Valentín Villar estava ali, entre os doentes, assistindo-os a todos com uma dedicação exemplar. A seu lado, um médico e enfermeiras tanzanianas, aos quais ele transmitia a sua experiência.

É possível que nenhum dos doentes soubesse que ele era um médico cubano e muito menos compreendesse porque estava ali. E os que soubessem possivelmente se perguntariam porque faria o que está a fazer.

E porque o faz, doutor?

"Desde jovem a gente aprende em Cuba que o internacionalismo é um dever de todo o revolucionário. A nossa história está cheia de gestos de solidariedade internacionalista, combatentes de outros países que deram o seu sangue a lutar ao

nosso lado. Por que não actuarmos nós da mesma maneira?"

Há duas décadas falou-se muito de um homem extraordinário, que levantou hospitais na África, especialmente no Gabão, e que para lá levou as técnicas modernas de tratamento da lepra. Chamava-se Albert Schweitzer e os centros de ciência, as academias e os meios de comunicação consagraram-no com o merecido título de benfeitor da humanidade, ao mesmo tempo que recebia o Prémio Nobel da Paz em 1952.

Neste continente, onde o colonialismo deixou mais de três milhões de jovens de menos de vinte anos atacados de lepra, um médico tranquilo e modesto como o dr. Villar é um continuador da obra do dr. Schweitzer. Com uma diferença: a tarefa daquele humanista franco-germânico era exaltada, com justiça, na imprensa internacional, enquanto o trabalho anónimo, sacrificado e sem pausa de um médico como o que encontrámos no leprosário de Dar-es-Salaam é, para a mesma imprensa, exemplo da presença de "mercenários cubanos em África".



Um médico tanzaniano e outro cubano: juntos zelam pela saúde do menino

MAIS DE DEZ MIL COOPERANTES CIVIS

A história deste especialista é um dado quotidiano da presença cubana em África e nos países árabes. Ele é um dos cooperantes civis que actuam em quase todas as regiões africanas e em muitas do Mundo Árabe. O seu número global é definido por acordos entre governos e não é, portanto, uma cifra confidencial. Oscila entre os dez e os onze mil cooperantes, um número que causa preocupação e perplexidade aos diplomatas ocidentais em África.

As suas apreensões são justificadas. Cuba é um país pequeno, de pouco mais de 114 mil quilómetros quadrados e cerca de 10 milhões de habitantes, com recursos económicos limitados, distante vinte a trinta mil quilómetros das regiões onde actuam os seus cooperantes.

Se a tudo isso somarmos o facto de que, além dos cooperantes enviados a países distantes, vários milhares de jovens provenientes daqueles países estão estudando em Cuba, em escolas especialmente criadas na Ilha da Juventude, teremos uma ideia mais aproximada do esforço que esta cooperação implica e do porquê das preocupações ocidentais.

Embora sejam evidentes os progressos destes vinte anos, Cuba enfrenta ainda problemas que não foram totalmente solucionados. Quando oferece a São Tomé e Príncipe um certo número de autocar-

ros urbanos, retira das cidades e estradas cubanas veículos necessários para um serviço público que está longe de ser o mais eficaz e de atender a procura local.

Ao contrário do trigo que os Estados Unidos vendem a outros países, aqueles autocarros não são um excedente de produção que necessita ser exportado como uma das condições de funcionamento do sistema capitalista no campo. Aqueles autocarros sem dúvida fazem falta a Cuba, onde o dado mais significativo é que, a nível popular, essa oferta é comentada não com amargura, mas como resultado de uma compreensão correcta da solidariedade internacionalista.

É o mesmo sentimento que nos expressavam os cooperantes, a maioria dos quais tem de separar-se das suas famílias por 12 a 18 meses, com todos os inconvenientes provocados pela situação.

Esta cooperação representa, também, um esforço financeiro muito importante para Cuba. As Nações Unidas fixaram em um por cento sobre o Produto Nacional Bruto, a contribuição que cada país desenvolvido deve dar às nações do Terceiro Mundo. Apenas a Suécia (0,82%) e a Holanda (0,81%) se aproximam dessa quota. Os Estados Unidos andam pelos 0,26% e o Japão por 0,20%.

Cuba supera amplamente essa base. "Um perito das Nações Unidas — observou-nos um funcionário daquela organização — custa mais ou menos uns 58 mil dólares, em média, por ano, considerando salários, ajudas de custo, transportes. Se

tomarmos como base dez mil cooperantes cubanos (e são mais), totalizariam cerca de 600 milhões de dólares anuais, o que equivale à ajuda financeira total encaminhado através da ONU ao Terceiro Mundo".

No entanto, este é um dado que não reflecte na sua totalidade a real cooperação cubana, ainda que seja expressivo. Além dos salários dos cooperantes, haveria que ter em conta que, em muitos projectos onde participam, os cubanos transportam todo o pessoal, enviam os materiais e as máquinas necessárias para as obras e, em casos especiais, também os alimentos para os seus trabalhadores.

"Sem menosprezar a importância de muitos peritos internacionais que colaboraram com os países africanos num plano puramente profissional, a verdade é que não podem ser comparados, enquanto eficácia e empenho, com os cubanos, os latino-americanos em geral ou com outros que vêm dos países capitalistas e socialistas europeus por um impulso de militância revolucionária", dizia-nos um alto funcionário tanzaniano.

TRINTA DÓLARES POR MÊS

Aos cubanos, objecto desta reportagem, é necessáriovê-los em ação. Na construção de edifícios e reconstrução de pontes destruídas, durante a guerra em Angola, nos projectos agrícolas, pecuários, avícolas, na pesca, nas repartições públicas. Trabalham 10 e 12 horas diárias, incluídos os sábados até às quatro da tarde. Aos domingos fazem trabalho voluntário vinculado aos programas de governo de cada país.

"Estávamos no parque nacional de Kisama, a mais de cem quilómetros de Luanda, no domingo passado. Bem cedo vimos chegar um grupo muito numeroso de cubanos. Pensei comigo: é um pic-nic. Afinal, essa gente não é de ferro. Mas estava equivocado. Começaram a instalar as suas tendas e os aparelhos médicos e odontológicos e, em pouco tempo, era enorme a fila de crianças que estavam atendendo. Médicos, dentistas e enfermeiros descansavam esse domingo a atender voluntariamente aquela juventude necessitada de assistência médica e odontológica". O testemunho é de Jaime Balcazar, representante das Nações Unidas em Angola.

E a outra face da moeda?

Eis o que nos contou um diplomata do norte da Europa, em exercício numa capital africana:

"o meu governo demonstrou interesse em conhecer melhor o que estão a fazer os cubanos aqui, no campo civil, já que as notícias que circulam na Europa apenas se referem à presença militar. Recebi, portanto, instruções para analisar essa operação de ajuda e assim o fizemos. Chegámos a uma conclusão preliminar: não é fácil para os técnicos europeus substituí-los. Primeiro, a não ser que venham por uma opção ideológica, são poucos os que aceitam um contrato na África, dadas as condições radicalmente diferentes e quase sempre adversas em que têm de trabalhar. Em geral, pedem salários muito elevados, inclusive de oito a dez mil dólares, além de fazerem determinadas exigências no que concerne a habitação, transportes, alimentação, horários de trabalho. Essas condições não são fáceis de atender a não ser em casos muito excepcionais, relacionados com a função técnica a desempenhar".

E acrescentou:

"Considero um erro da imprensa europeia e norte-americana desconhecer o que é hoje a cooperação cubana em África. Insistem em falar de "mercenários" cubanos e outras qualificações do estilo, quando qualquer um pode ver que aqui a realidade é outra."

E como vê o futuro da cooperação internacional — e falo aqui dos países capitalistas — na África?

"Respondo em carácter pessoal, pois não conheço o ponto de vista do meu governo. Pessoalmente creio que seria mais eficaz uma cooperação entre os dois campos. Afinal, não seria a primeira entre socialistas e capitalistas. Entraríamos com recursos materiais e tecnológicos e os cubanos com os cooperantes."

É viável essa ideia? Serão os governos africanos que deverão decidir em primeiro lugar, mas o facto de estar a ser cogitada mostra que é outra a realidade da cooperação cubana, insistentemente negada ou tergiversada pelas agências de notícias transnacionais.

Os cubanos recebem o indispensável para os seus gastos mínimos, cerca de trinta dólares por mês. Os salários que ganham em Cuba continuam a ser pagos. São entregues às famílias que fica na Ilha.

Nos países em que trabalham, enquadram-se nas estruturas do Partido e são disciplinados e modestos, seguindo uma linha ideológica coerente. Há, naturalmente, casos excepcionais, mas estes são solucionados a nível partidário e do próprio governo cubano, com rigor disciplinar e absoluto respeito ao país em que se encontram.

Esta situação difere da do cooperante "free-lancer", cuja conduta é pautada, em geral, pela sua exclusiva orientação profissional, sem compromissos políticos ou partidários.

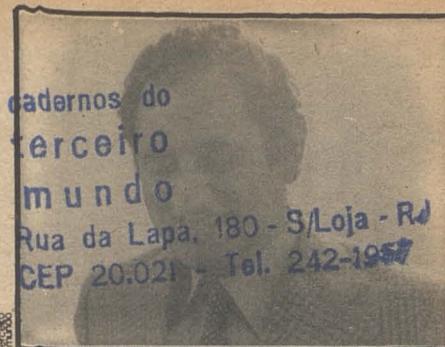
OS RAPAZES QUE "NÃO SABEM DAR INJECÇÕES"

A realidade é distorcida no marco de uma campanha destinada a um público internacional quase sempre desinformado e frequentemente apto a absorver fantasias e mentiras que às vezes chegam a extremos ridículos.

"Cuba está a mandar para a África gente incapaz", publicam com frequência. "São estudantes ou recém-formados que vão ganhar experiência à custa dos africanos".

A tarefa de disseminar estas versões dentro de cada país, recai nos serviços secretos da África do Sul ou da Rodésia, naturalmente teleguiados de Washington, Londres ou Paris. "São bons rapazes, mas mal sabem dar uma injecção", ou então a pergunta maliciosa: "Você sabia que um médico cubano operou uma perna sã e deixou-a que estava doente?"

"Enganar-se de perna é um exagero. O que pode ter dado origem a este tipo de rumor é que, com um conceito socialista da medicina, algum médico nosso pode ter recomendado a amputação de uma perna depois de um diagnóstico completo, mas realizado em tempo breve. Isto pode ter chocado algum parente ou amigo do paciente. Na época do colonialismo, se se apresentava o caso, o médico sabia que essa seria a decisão correta. E sabia-o desde o começo. Mas preferia, se o cliente tinha dinheiro — e só os ricos em geral recebiam atenção médica — inventar exames, pedir análises, placas de raio X de diferentes zonas do corpo, receitas e mais receitas, visitas e mais remédios para finalmente cortar a perna quando a conta já tinha sido aumentada ao



Comandante Curbelo: «nossa ajuda é uma gota no imenso esforço realizado pelos povos africanos»

máximo" dizia-nos um médico cubano em Moçambique.

O dr. Fernando Vaz é o director do Hospital Central de Maputo que, além de ser o mais importante do país, tem uma particularidade: foi dali que o presidente Samora Machel então enfermeiro, saiu para a guerra. Ainda hoje, Samora refere-se àquele estabelecimento como "o meu hospital", e acompanha de perto a sua administração.

Vaz é um dos poucos médicos moçambicanos que permaneceram no país, após a independência. O trabalho da equipa que ele coordena na reorganização do hospital, é exemplar. Fazem-no com uma participação directa dos doentes e seus parentes. Eleito deputado à Assembleia Nacional, o dr. Vaz é um militante revolucionário. Ele falou-nos sobre a cooperação cubana, encarando-a por um aspecto muito mais amplo.

"Os camaradas cubanos — dizia-nos — abriram-nos os olhos em muitas coisas. Frequentemente, sem nos darmos conta, actuávamos seguindo os padrões do colonialismo. Com a sua maneira de actuar, eles mostraram-nos o que é uma verdadeira opção socialista? E acrescentava em seguida: "O inimigo sabia muito bem que se destruisse esta cooperação, se a desvirtuasse, nós teríamos mais dificuldades. Implementaram uma verdadeira guerra psicológica contra a cooperação, denegrindo-a, difamando-a. O partido tomou medidas imediatamente e hoje tratamos com prioridade da integração dos companheiros cubanos e dos cooperantes em geral na vida do povo moçambicano."

Um embaixador cubano na África falava-nos sobre essa campanha e o seu carác-

ter contraditório. Enquanto a imprensa ocidental realiza este tipo de propaganda sobre a qualidade da cooperação, ele recebia permanentes pedidos dos seus colegas embaixadores ocidentais para que os médicos cubanos atendessem os seus funcionários, as famílias dos seus funcionários ou as suas próprias famílias, sempre com palavras de elogio ao trabalho profissional dos médicos da missão.

Não é certo que todos estes médicos estejam a fazer na África a sua "iniciação". A média de exercício da profissão dos membros da missão médica oscila entre seis e dez anos. Muitos deles são professores eminentes, directores de hospitais, investigadores que ganharam fama dentro e fora do seu país. Os catedráticos que fundaram e dirigem a Faculdade de Medicina em Adén estão entre eles. Uma escola superior de medicina, transplantada de Cuba para mais de vinte mil quilómetros de distância, não é algo que se encontre todos os dias.

Sobre a dedicação destes médicos e enfermeiras, assim como sobre a dos demais cooperantes, os episódios e testemunhos são inumeráveis. "Não deixe de ver os médicos cubanos. Estão realizando um trabalho excepcional" — dizia-nos em Brazzaville Ngalebaye Ngassaye, conselheiro da secção internacional do Partido Congolês do Trabalho.

Não foi possível atendê-lo. As duas brigadas médicas que actuam no Congo estão muito distantes de Brazzaville. Uma delas está no norte, na fronteira com os Camarões, combatendo a mosca "tsé-tsé", num trabalho sacrificado e com riscos. A outra está na fronteira com o Zaire, numa região inóspita onde as condições de vida são sumamente difíceis. O episódio do leprosário de Dar-es-Salaam é um exemplo de impacto, mas não é o único na missão médica cubana.

A OUTRA GUERRA

Como começou a cooperação civil nos países africanos e árabes?

Apesar de os meios de comunicação e de massas só a terem mencionado (pelo menos na propaganda adversária) depois das guerras de Angola e de Moçambique, a verdade é que a cooperação começou muito antes, embora sem a amplitude que adquiriu nos últimos tempos.

Os primeiros médicos e enfermeiros cubanos chegaram à Argélia em 1962. O actual ministro da Saúde Pública de Cuba, Gutiérrez Muñé, foi o primeiro chefe de brigada médica naquele país. Na Guiné-Bissau a cooperação é anterior à independência.

No Congo-Brazzaville, encontramos veterinários e outros especialistas formados em Cuba, onde foram estudar faz mais de dez anos. "Foi depois que o Che esteve aqui", dizia-nos Anatole Goma-Kick, um veterinário que trabalha hoje num projeto leiteiro cubano-congolês, a duzentos quilómetros da capital.

Em Angola, o começo da cooperação civil foi uma contingência do pós-guerra. O governo do MPLA encontrou graves problemas depois da derrota militar do inimigo. Quase todas as pontes do país estavam destruídas. Os serviços médicos, escolares e de comunicações paralizados, os transportes totalmente desorganizados pelo êxodo massivo dos portugueses e pela guerra. Em consequência, o governo angolano solicitou a cooperação cubana na nova batalha da reconstrução. "Foi quase de um momento para o outro, até se converter na cooperação actual", comentaram-nos nesse país.

Angola recebe o maior número de cooperantes, cuja presença se faz sentir em muitos campos. Por exemplo, a levantar edifícios, através da Empresa Cubana de Construção. A presença de grandes contingentes de operários cubanos em Luanda é um aspecto novo da ajuda à África, mas não é um caso inédito. O Vietnam já tinha recebido esse apoio através de uma brigada de reconstrução de pontes e estradas destruídas pela aviação norte-americana.

Um aspecto peculiar da cooperação cubana a nível técnico é o seu poder de adaptação às condições e realidades locais.

Em geral, um técnico dos países industrializados leva para a África determinados critérios de trabalho, não só do ponto de vista da sua actuação profissional como no que concerne aos métodos utilizados.

Os cubanos trabalham como podem. Em 1975, no Hospital Militar de Luanda, já os vimos a improvisar aparelhos ortopédicos com pedaços de arame. Agora, em Maragra — uma central açucareira de



Brigada médica num hospital de Luanda

Moçambique — encontrámos-los a trabalhar junto com os operários, improvisando peças para recuperar motores e engrenagens que antes eram importados da África do Sul.

Neste terreno os cubanos têm uma velha experiência, a de improvisar soluções, fabricar peças, recuperar máquinas e aparelhos, cujas peças sobressalentes o bloqueio norte-americano não lhes permitia obter. As velhas "guaguas" (como chamam aos autocarros em Cuba) são um modelo de longevidade. Muitas delas deviam estar nos museus ou em depósitos de sucata, e, no entanto, continuam a percorrer a Ilha.

"Aqui, neste "laboratório", onde os moçambicanos estão a fazer o impossível para recuperar peças, sentimo-nos como peixe na água", dizia-nos um perito açucareiro cubano, Miguel Amador, que coopera com os trabalhadores da fábrica de Maragra, no sul de Moçambique.

A PROJEÇÃO FUTURA DA COOPERAÇÃO

Um programa desta magnitude sugere, evidentemente, algumas interrogações. A primeira é em que medida Cuba poderá, no futuro, continuar a oferecer esta assistência técnica. Mesmo considerando os resultados de uma revolução que converteu o país numa imensa escola, é evidente que essa deslocação massiva de técnicos

pode desfalcar as frentes de trabalho no próprio país.

"Não foi fácil — comentou-nos em Addis Ababa o comandante Raul Curbelo, membro do Comité Central do Partido Comunista Cubano, responsável pela administração provincial de Camaguey e que está a coordenar a cooperação civil na Etiópia — prescindir de alguns técnicos que dirigiam importantes projectos no nosso país. No nosso caso, tivemos dificuldades para substituir o chefe provincial de projectos de represas, que está aqui, pois ele tinha muita experiência no seu trabalho. O substituto é igualmente capaz, mas sem a experiência do anterior. Mas esta cooperação é uma ajuda modesta, num momento decisivo. É uma gota de água no esforço que os povos africanos realizam para superar os seus problemas."

As expectativas de envio de técnicos cubanos para a África são crescentes. Um director de hospital na Etiópia mostrava-se despreocupado com esse problema, pois, segundo ele, "no campo médico não haverá dificuldades em Cuba. Sabemos que lá se formam cerca de mil médicos por ano, o que permitirá que se aumente a assistência. Os especialistas que nos enviam já estão a ajudar-nos na preparação dos nossos, mas antes que estes estejam em condições de assumir todas as responsabilidades, necessitamos dessa cooperação fraternal."

A maneira como se encara esse problema não é diferente no campo da educação. Falou-nos a respeito o major Ndale Tessema, membro do Bureau Permanente do Conselho Administrativo Militar Provisório, do governo etíope: "No próximo ano, instalaremos várias escolas preparatórias. Em alguns casos terão uma orientação tecnológica. Esperamos contar com a ajuda cubana. Sabemos que no campo da educação eles não têm problemas de técnicos para a cooperação."

E em outras áreas? Engenheiros, biólogos, arquitectos, técnicos em cibernetica, de pesca, de genética, topógrafos e laboratoristas. Em que medida o sistema educacional cubano está em condições de atender à procura crescente de grande parte do Terceiro Mundo?

Não só os países como a Líbia, Angola, Vietnam, Benin, Iraque, Afganistão, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Argélia, Moçambique, Yemen Democrático, Etiópia, Tanzânia, Madagascar, São Tomé e Príncipe, Guiné-Conakry e outros já contam com essa cooperação ou a desejam.

Outros países de orientação conservadora já receberam técnicos cubanos ou os esperam. Sectores influentes desses países consideram importante e desejável a presença técnica cubana, embora reconheçam as divergências ideológicas que os separam do regime de Havana.

O grande estádio de FreeTown, em Serra Leoa, aguarda a chegada dos campeões olímpicos como Stevenson ou Gomez, para ser inaugurado.

Quando visitámos Mogadiscio, em 1975, os dirigentes somalis falaram-nos com entusiasmo da cooperação cubana, médica em particular, na região de Kisimai, nas costas do Índico, no sul do país. Quando o governo de Mogadiscio rompeu as relações com Cuba, esses cooperantes deixaram a Somália, por uma decisão unilateral deste país, mas são muitas as pessoas da região que recordam com simpatia o seu trabalho.

COOPERAÇÃO AFRO-LATINOAMERICANA

O governo cubano está atento a essa crescente procura de técnicos. Dar resposta a essas necessidades é algo que se enquadra na linha internacionalista da revolução. Mas não será esta uma tarefa

que se conjuga com uma realidade mais vasta, que é a da cooperação afro-latino-americana?

A cooperação cubana em África e nos países árabes é feita em múltiplos campos e constitui uma ajuda inestimável pelas condições em que se desenvolve. Mas tem, além de outros aspectos, o valor de constituir a primeira grande presença latino-americana no continente negro e no Mundo árabe.

O fluxo anterior foi inverso: de escravos que enchiam de angústias e rebeliões os barcos negreiros que levavam ao Novo Mundo esse contingente de dezenas de milhões de africanos, os quais marcariam, em muitos países, a cultura e o próprio sentido da vida das suas populações.

Não só na cor da pele, mas na música, nas comidas, nas danças, nos hábitos extrovertidos e espontâneos, nas expressões idiomáticas, encontramos em muitos países da África exemplos das raízes da cultura latino-americana. Nos *musseques* de Luanda e nas selvas de Cabo Delgado, nas margens do rio Rovuma que divide (hoje une) Moçambique e Tanzânia, assim como no Benin, na Guiné, encontramos danças e pratos tão brasileiros e tão caribeanos que não se necessita uma profunda investigação antropológica para saber que ali estavam as origens do muito que se come e se dança hoje na América Latina.

Mas se este é um factor importante de união entre nós, não é menor a coincidência de aspirações e interesses que confluem nesta etapa dos processos revolucionários de ambos os continentes.

O facto de os actos de independência formal terem ocorrido faz mais de um século em alguns países latino-americanos, e que na África certas ex-colónias se tenham tornado independentes apenas há três, cinco ou dez anos, pouco importa. O fundamental é que todos estamos empenhados numa mesma luta contra o neocolonialismo, que se disfarça de muitas maneiras e que é o mesmo, seja no Brasil ou no Paraguai, nas Honduras ou na Venezuela, no Senegal, no Gabão ou no Marrocos.

Nem os políticos nem os intelectuais latino-americanos compreendem bem essa realidade. Os primeiros enganam-se quando limitam em muito o que os africanos têm a oferecer em contrapartida à cooperação dos seus países. Não é só no



Etiópia: os olhos postos no futuro

campo cultural e do intercâmbio econômico que a África pode dar muito de importante. Especialmente se tivermos em conta as criativas e singulares experiências revolucionárias que vivem grandes áreas do continente.

O pior, no entanto, não é que se desconheça esta realidade, mas que a mesma seja tergiversada. Alguns governos latino-americanos, como por exemplo o do Brasil, crêem que esta é a hora apenas de vender jeeps e camiões aos países africanos e de converter os seus embaixadores em agentes comerciais. Esquecem-se que o desafio da luta pela modificação de estruturas económicas, e o esforço por abrir novas vias de libertação dos nossos povos, é um desafio comum.

Os cubanos entenderam esta realidade e transformaram a cooperação num instrumento dinâmico de entendimento afro-latinoamericano. No futuro, esta cooperação será analisada em múltiplos aspectos, mas há dois particularmente expressivos: o fortalecimento da unidade popular entre África e América Latina e a real valorização da imagem do socialismo para os povos africanos, asiáticos e árabes, que são testemunhos da prática da cooperação cubana.

Acima das dificuldades, das carências, da improvisação inevitável em alguns campos e da coítra-informação das agências transnacionais de notícias, está-se a forjar – do Caribe ao Índico – uma imensa aliança de povos que reunem as suas forças para romper o cerco da dependência neocolonialista.

Mas a cooperação cubana cumpre com êxito outro papel fundamental: para milhões de africanos que acabam de sair do colonialismo, é a face oposta à exploração capitalista, é a presença concreta, generosa e espontânea do que melhor pode caracterizar a *praxis* socialista: o internacionalismo.

E QUANTOS COMBATENTES?

A ênfase deste artigo na presença cubana no campo civil não é um subterfúgio jornalístico para desviar a atenção da outra cooperação, a militar. Na verdade, uma está ligada à outra e têm em comum uma explicação ideológica. Mas este é um tema para abordar mais adiante, embora sobre a ajuda militar sejam muito eloquentes os testemunhos dos congoleses, dos sírios, yemenitas, angolanos, dos etíopes.

Essa colaboração militar, em muitos países, ajudou a preparar quadros que, em diferentes etapas, foram importantes no enfrentamento das ameaças contra-revolucionárias externas. Em outros, como em Angola e na Etiópia, o sangue cubano confundiu-se com os sangue dos angolanos e etíopes que deram as suas vidas em duras batalhas.

Ao contrário das versões que se fazem circular no mundo capitalista, o reconhecimento na África desse supremo gesto de solidariedade revolucionária é permanente, e expressa-se tanto através de iniciativas populares como de declarações dos dirigentes daqueles países.

"Angola está orgulhosa de beneficiar da ajuda cubana, franca, leal e amistosa, para a reconstrução do país. Hoje, como ontem, Cuba tem um lugar especial no coração de todos os angolanos", declarou o Presidente Agostinho Neto quando recebia as credenciais do novo embaixador cubano, Manuel Agramont.

Contaram-nos em Addis Ababa que o governo da Etiópia desejava que os corpos dos combatentes cubanos mortos na guerra do Ogaden permanecessem no solo nacional, junto aos seus camaradas etíopes, como símbolo do internacionalismo revolucionário. Quantos cubanos cruzaram o oceano para combater em África? E por que o fizeram? Na entrada de um acampamento militar no Congo, lê-se um mural onde se afirma que só se pode considerar internacionalista aquele que é ca-

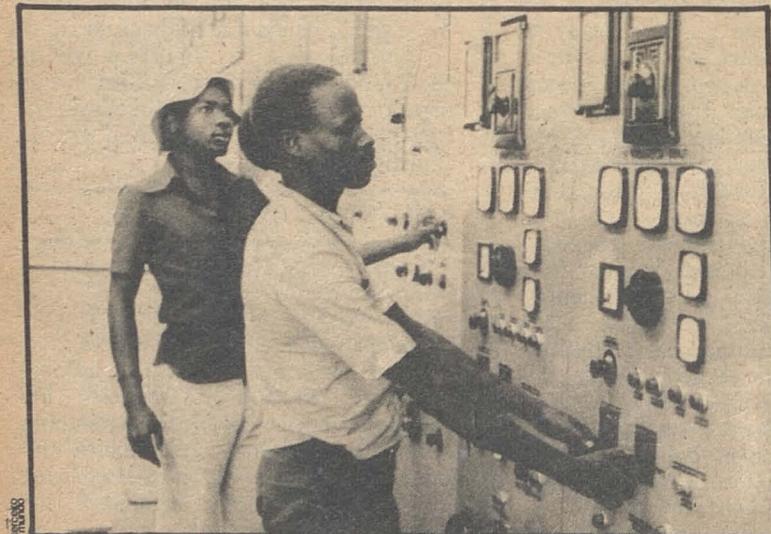
paz de sacrificar-se na ajuda a outros povos.

E na fachada de uma escola construída por cubanos no interior da Tanzânia, está a seguinte inscrição, escrita em espanhol e em swahili: "Somos internacionalistas. Nossa pátria é a Humanidade".

Estas frases são fáceis de escrever, difícil é convertê-las numa linha política e numa conduta pessoal. Os cubanos estão-o fazendo.

Quantos podem ser os cooperantes militares cubanos em África? Eis um dado que inquieta os inimigos da revolução africana e perturba os peritos do Pentágono. Baseadas em antecedentes dos corpos expedicionários franceses na Indochina e na Argélia, cifras muito exageradas são publicadas na imprensa parisiense. Também caem nisso os norte-americanos, cujos antecedentes em São Domingos, no Vietname e em Taiwan servem de base para os cálculos dos seus computadores, multiplicando o número real dos combatentes cubanos.

O facto concreto é que as situações não são comparáveis. Os pára-quedistas franceses que desembarcavam na Argélia ou os fuzileiros norte-americanos que combatiam no Vietname eram soldados profissionais, recrutados obrigatoriamente para aquelas expedições, segundo os regulamentos e critérios puramente militares. Eram peças de uma engrenagem montada para submeter os povos à força, e contra a vontade deles. Os cuba-



Moçambique: um novo panorama, operários a manejear máquinas modernas na indústria açucareira



Angola: o reconhecimento popular nos muros de Caxito

nos que combatem em África são militantes revolucionários, voluntários que têm uma visão ideológica e uma definição política da guerra que vão travar. A sua presença ali obedece, além disso, a solicitações expressas dos governos desses países.

Mas afinal, quantos são cubanos em armas, em Angola? — perguntou um diplomata francês ao embaixador Agramonte, em Luanda.

Quarenta mil — respondeu o embaixador cubano.

Oh! Quarenta mil! — comentou o francês, saboreando a informação que enviria imediatamente a Paris.

Claro. Esta é a cifra que a imprensa francesa publica. Como vou duvidar da seriedade das informações dos jornais do seu país? — disse Agramonte.

O que interessa não é precisamente a cifra, mas analisar o facto em si mesmo. "Nem para nós seria fácil dizer com exactidão quantos somos. A linha divisória entre um civil e em militar em Cuba é definida apenas pela missão revolucionária e não pelo sentido profissional", dizia-nos um combatente do Ogaden que se restabelecia em Addis Ababa das feridas de guerra.

DOIS MOMENTOS DETERMINANTES

A revolução cubana acaba de comemorar o seu vigésimo aniversário. O que para muitos era uma quimera há vinte anos, uma temeridade há quinze anos, e um desafio imprudente há dez, é hoje uma realidade.

O mérito de transformar uma sociedade e de institucionalizar uma revolução é engrandecido pelo facto de realizar-se a algumas dezenas de quilómetros de um inimigo implacável, que lhe faz uma guerra sem quartel.

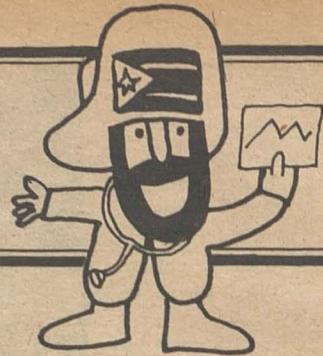
A história de David e Golias repete-se, mas desta vez o pequeno que se tornou grande e invencível já não é o herói bíblico, mas o povo.

Pode-se testemunhar o êxito e também as carências da revolução cubana de muitos ângulos, neste vigésimo aniversário. Mas existem, a nosso ver, dois momentos que indicam não só a sua consolidação como a sua capacidade de se projectar internacionalmente: o retorno dos exilados e a presença na África.

Vimos em Havana grupos de jovens de 15, 18 e 20 anos que, pela primeira vez desde a vitória da revolução, pisavam o solo pátrio. A maior parte tinha saído exilada na infância, levados por seus pais para os Estados Unidos. Em todos esses anos de vida, foram objecto de uma propaganda sistemática que apresentava Cuba como um campo de concentração, e o processo que ali se desenvolvia como a negação sumária e cruel de todos os valores éticos e humanos. Agora, regressam à Ilha e proclamam, num momento de emocionante reencontro: "Esta é a minha pátria e esta é a minha revolução!"

A alegria transbordante destes jovens não era diferente da militância entusiástica e sem descanso daqueles rapazes e raparigas que encontrámos a aprender

as brigadas médicas



Cerca de mil e duzentos profissionais em mais de dez países cooperam nos programas de assistência médica dos governos saídos do colonialismo e do feudalismo.

*Só na Etiópia foram atendidas mais de 900 mil pessoas.
Médicos e enfermeiras relatam-nos as suas experiências.*

A medicina foi o campo pioneiro da cooperação, e tem ainda um outro mérito: é um dos sectores em que actuaram ou continuam a actuar o maior número de cooperantes na Argélia, Angola, Moçambique, Congo Brazzaville, Guiné-Bissau, Tanzânia, Iraque, Yemén Democrático, Etiópia, Líbia, Somália, Guiné-Equatorial. Não o podiam imaginar aqueles médicos que, para não perder privilégios, abandonaram massivamente a Ilha no começo da revolução. Com um esforço reconhecido por entidades internacionais como a Organização Mundial da Saúde, Cuba não apenas conseguiu nestes vinte anos ter a menor mortalidade infantil do continente e a relação, também única na América Latina, de um médico para 750 habitantes, como já pode cooperar com as nações africanas e árabes com a significativa cifra de 1 200 médicos e pessoal para-médico, incluindo especialistas em saúde pública.

ca. E antes de 1980 formar-se-ão mais 2 400 médicos na Ilha.

Em Angola e na Etiópia, actua no campo da medicina um terço do total de cooperantes e o seu trabalho é, junto com o dos educadores, o mais reconhecido a nível popular.

Cuba tinha uns seis mil profissionais antes do triunfo da revolução. Entre 1959 a 1962, quase metade deles abandonou o país rumo aos Estados Unidos, México e outros. A situação era difícil. Fidel fez um apelo aos estudantes de medicina para darem uma grande prioridade aos seus estudos. Houve quem mudasse de profissão e se transferisse para o sector da saúde.

Actualmente, entre os êxitos obtidos pela medicina cubana enumeram-se o estabelecimento de um sistema de saúde que cobre todo o território nacional, a transformação do próprio conceito de medicina — com a prioridade aos aspectos preventivos, combina-

dos com os curativos —, o serviço médico rural para os pós-graduados, o atendimento de mais de 97 por cento dos nascimentos em maternidades, a erradicação do paludismo, da difteria e da poliomielite, a gratuidade total dos serviços médicos, etc.

E qual é a realidade da cooperação médica? Que opinião têm dela os próprios profissionais? Que significa para Cuba, em termos de experiência profissional, haver destacado mais de 1 200 dos seus melhores quadros para a África, Médio Oriente e, no caso da medicina, também para o Caribe? Que sentimento leva um profissional (que muitas vezes tem a seu cargo em Cuba a direção de um grande hospital) a sentir-se realizado ao cumprir funções muito mais modestas num país do qual desconhece até mesmo a língua?

A melhor resposta é dada pelos próprios protagonistas.



Cadernos do
terceiro
mundo

Rua da Lapa, 180 - S/Loja - RJ
CEP 20.021 - Tel. 242-1957

O dr. Manoel Sanchez Martinez cuida de uma pequenita da região dos *affars*, Etiópia, mordida por uma cobra no braço

ANGOLA

O contacto chocante com a exploração colonial

"Os médicos são os que estão mais espalhados por todo o país", dizia-nos o embaixador Agramonte ao comentar as características da cooperação. "Você encontra mesmo nas províncias mais distantes. Nos lugares onde não havia instalações hospitalares, acondicionaram-se casas. O governo angolano, empenhado num gigantesco esforço por solucionar os problemas da saúde, está muito reconhecido. Recentemente pediu-nos que o prazo de permanência dos médicos fosse ampliado de 12 para 18 meses. E aceitámo-lo. Trabalharão nove meses, em seguida passarão um mês em Cuba e regressarão para nove meses mais. Estas férias são necessárias porque em 90 por cento dos casos os cooperantes vêm sós, sem a família."

Os médicos são talvez os cooperantes que conseguem um contacto mais estreito com a população. Em Angola, alguns já falam kimbundo e umbundo, e um médico na província do Uige já atende as suas consultas em kicongo.

A cooperação na saúde pública abrange três áreas principais: a medicina propriamente dita, a enfermaria e a técnica de laboratório. Também há professores de medicina.

Doutora, qual é o seu nome e há quanto tempo já está em Angola?

Teresa Torres. Já estou cá há oito meses.

Qual é a sua tarefa específica?

Trabalho no Hospital Universitário "Américo Boavida". Sou especialista em anatomia patológica. Além de desempenhar as funções de médica, damos

aulas desta especialidade aos alunos da Universidade.

E tu?

Maria Luísa Garcia Gómez. Médica de anatomia patológica. Tenho 27 anos de idade e um ano em Angola.

Qual é o aspecto mais positivo da sua experiência aqui, Teresa?

Depois da independência e da chegada ao poder do MPLA, liderado pelo presidente Neto, o novo governo encontrou uma situação caracterizada, do ponto de vista sanitário, pela falta de médicos. Crêmos que um aspecto destacável da cooperação é a possibilidade de trabalhar junto ao pessoal médico angolano que permaneceu no país; secundando-os na tarefa de impulsionar diversos planos de desenvolvimento. Além disso, vão-se criando as bases organizativas para um

trabalho sistemático que permita começar a dar ao povo o nível de vida que ele merece. Os angolanos estão conscientes de que é obrigação de um Estado socialista oferecer essa atenção.

Luisa acrescenta: No que respeita especificamente à nossa especialidade, dedicamos muito tempo à parte de investigação. Depois de um paciente morrer, tentamos sempre encontrar a causa. E assim temos visto que muitas vezes é por tuberculose ou parasitismo, enfermidades típicas da herança colonial de tantos séculos.

Deve ser chocante constatar um alto índice de mortes por doenças que em outras partes do Mundo estão controladas ou erradicadas.

Exactamente. A lepra, a tuberculose e outras doenças infecciosas não controladas pela falta de uma medicina preventiva na época colonial deixavam este povo numa situação muito desvantajosa. Antes do triunfo da revolução, os sistemas de vacinação não estavam implantados no país.

Neste hospital atendia-se a população local ou apenas a colónia portuguesa?

Vimos antes em Cuba e voltámos a encontrar aqui: os hospitais no sistema anterior estavam reservados à classe dominante. A grande maioria da população não tinha acesso a eles.

Qual é a reacção dos pacientes que antes nunca foram atendidos por um médico?

Imaginem. Deixar de ser tratados como "pretos", que por não terem dinheiro não despertavam o menor interesse do médico, a tem agora o direito de ir

aos bancos de urgência e serem atendidos, internados se necessário...

Uma constatação concreta do que significou para eles a revolução...

Inclusivé já se está a tratar as doenças do ponto de vista profilático, educando o povo para que não se socorra do banco de urgência quando já não há nada que fazer.

Como é a relação dos médicos angolanos com vocês?

A melhor possível. Identificamo-nos plenamente na luta contra a doença e a morte. E isso nos une.

A nível pessoal, que satisfação da experiência destes meses em Angola?

O poder comprovar objectivamente o que significa a exploração do homem pelo homem, ao conhecer a herança colonial. Uma experiência que nunca se encontra com a mesma riqueza num livro.

EU ERA NEGRO E NASCI NUMA FAMÍLIA OPERÁRIA

O seu nome, doutor?

José Domingo Garcia Regeira.

De que província?

De Caibari, província de Las Villas.

E a sua especialidade?

Cirurgião máxilo-facial.

Formado há quantos anos?

Catorze...

Que pode dizer-nos da sua experiência como cooperante?

O maior problema aqui é que não existem médicos da minha especialidade. Então a patologia é muito abundante. Isso faz com que vejamos um grande número de casos.

E você, doutor, como se chama?

Jorge Roberto Neith James.

De que província?

De Oriente, mas agora estou radicado em Havana.

E a sua especialidade?

Cardiologia.

Quando chegou?

A 21 de Junho de 1977. Estou cá há quase 18 meses.

A mudança foi grande?

Naturalmente. Em Cuba tudo está organizado. Aqui somente depois da independência se organizou um verdadeiro programa de saúde.

Quantos anos tinha quando triunfou a revolução em Cuba?

Tinha 19. E veja como são as coisas. Eu era filho de pais operários, e além disso, negro. Tínhamos dificuldades económicas e raciais, porque em Cuba havia discriminação racial antes da revolução. Em 1959 eu tinha terminado o liceu, mas para a classificação tinha de lutar muito.

Há quantos anos se formou?

Treze. Eu sou dos finalistas que começámos a estudar na Universidade com a revolução, isto é, em 1959. E tivemos Fidel na formatura, em 1965. Foi a homenagem que se fez ao nosso grupo. Fidel foi para a graduação connosco no Turquino, na Sierra Maestra. Aqui exactamente sinto-me como peixe na água. Estou no hospital e dou aulas de cardiologia. Os alunos têm interesse e como são poucos trabalha-se muito bem. Há uma grande aproximação entre o instrutor e os jovens. Dedicamo-nos inteiramente a eles, tanto na enfermaria como no banco de urgências.

A SELECÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS

O seu nome, doutor?

Jorge Martinez.

Como está composta a brigada cubana neste hospital?

Há companheiros de diversas especialidades. E neste momento em particular estão-se fazendo mudanças. Os companheiros que cumpriram o seu tempo de trabalho internacionalista estão sendo substituídos por outros, aos quais estão transmitindo o entusiasmo da experiência adquirida.

A brigada tem uma composição rígida, com número fixo de especialistas, ou vai-se modificando?

A composição é flexível, pois depende das necessidades que vão surgindo nas diferentes especialidades, as quais nos são expostas pelas autoridades angolanas.

Há quanto tempo está aqui?

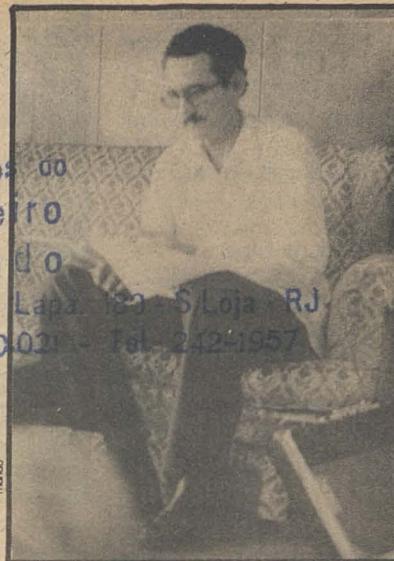
Muito pouco, somente um mês. Mas já pude comprovar o entusiasmo com que trabalham os meus companheiros e o seu empenho em contribuir para resolver os problemas de saúde deste país.

Qual foi o mecanismo pelo qual você acabou por ser seleccionado para vir para Angola?

Era necessário substituir um companheiro da minha especialidade que já tinha um ano aqui. Entre os companheiros do nosso grupo fez-se uma selecção e elegeram-me a mim. Primeiro, estuda-se a disposição dos companheiros em participar numa missão internacionalista, e a partir

caixas do
terceiro
mundo
Rua da Lapa 153 S. Loja - RJ
CEP 20.021 Tel. 242-1557

Emiliano Manreza,
encarregado da
cooperação cubana
em Angola



dessa disposição procede-se à selecção.

Ou seja, que é completamente voluntária...

Assim é.

Você sabia de antemão que vinha a Angola, ou podia ser outro país?

Primeiro foi-nos proposto em forma genérica vir a um país da África. Posteriormente fui-nos informado exactamente o lugar onde vamos.

E tu?

Chamo-me Noemi...

Especialidade?

Técnico em gastroenterologia. E tenho cinco meses aqui.

Já há casos de cubanos do seu grupo casados com angolanas ou vice-versa?

Não, ainda não. Não temos tempo para pensar nisso...

Seu nome doutor?

Ernesto Silva Capote. Sou angiólogo, ou seja, tratamos de tudo referente à circulação, cirurgia vascular.

Como avalia o trabalho da brigada cubana?

Creio que neste momen-

to o nosso trabalho é necessário aqui, posto que não há técnicos nem médicos suficientes para atender as necessidades da população. Cada um de nós tem muitíssimo trabalho. No meu caso, por exemplo, sou o único angiólogo pela parte civil em toda a região de Luanda.

E você, doutora, como se chama?

Doutora, não, sou técnica em iconografia. Chamo-me Maria Esther Pairas e sou de Havana.

Há mais especialistas, além de você, neste ramo?

Nem cubanos nem angolanos. Há somente um português.

Então você está trabalhando muito...

Não mais que em Cuba, não creia.

Qual é a sua relação com os doentes, com os empregados do hospital?

Muito boa.

Mas sendo tão loira, não lhe será difícil demonstrar que tem avós angolanos...

Não sanguíneos, talvez, mas sim no coração.

E você, doutor, que é certamente dos mais jovens da brigada?

Sou Rafael Escalona, de Santiago de Cuba. Tenho 25 anos.

Primeira missão no exterior?

Sim.

Quando se formou?

Em 1976, na especialidade de anatomia patológica.

Quanto tempo tem em Angola?

Um ano.

Vai continuar mais tempo?

Não sei ainda, mas ficarei o tempo que seja necessário.



MOÇAMBIQUE

«Revivemos experiências que fazem sentir-nos jovens novamente»

Em Moçambique, a cooperação médica começou em Abril de 1977. Primeiro chegaram nove especialistas, que foram posteriormente aumentados para 29, em Agosto do mesmo ano. Com a nacionalização da medicina, em Junho de 1975, poucos dias depois da independência, o país sofreu o processo que se deu em Cuba nos anos 59 e 60: o êxodo massivo dos médicos. No entanto, a FRELIMO enfrentou com grande decisão esse problema. Lançou a campanha de vacinação, que atingiu 90 por cento da população. Posteriormente, deram-se cursos de saúde pública em todo o país. "Cada elemento da população deve transformar-se num agente sanitário", dizia-nos um médico moçambicano em Nampula.

O Dr. Francisco Javier

Murias, psiquiatra, é o chefe da Brigada médica cubana. Trabalha em estreita colaboração com o Dr. Fernando Vaz, director do Hospital Central de Maputo, e com o Ministério da Saúde Pública.

"Fomos testemunhas excepcionais do desenvolvimento do sector da saúde em Moçambique", disse-nos. "E honra-nos a modesta colaboração que demos a este avanço. Tratamos de dar a nossa maior ajuda e experiência."

De certa forma, foi reviver toda uma etapa da revolução cubana e voltar a sentir o entusiasmo do povo com o triunfo. Mas também revivemos uma etapa de lutas; de enfrentamentos não só com necessidades materiais, como com o bloqueio, com as campanhas do inimigo. Por isso sentimo-nos novamente jo-

vens e isto temos que agradecer a este magnífico povo moçambicano.

Temos encontrado sempre, da parte das autoridades, um decisivo e sincero apoio à nossa tarefa — acrescenta — pelo que a nossa missão se viu facilitada.

O facto de seis companheiros da primeira missão terem decidido prolongar o seu compromisso por mais um ano é um testemunho do nosso desejo de cooperar, transmitindo e recebendo experiências.

Dos 29 companheiros, quatro somos da especialidade de psiquiatria. Depois da independência, constatou-se que havia um só psiquiatra moçambicano e agora estão chegando alguns cooperantes de outras nacionalidades com esta especialidade. Há também especialistas em ginecologia e

obstetrícia, em gastroenterologia, estomatologia, farmacologia, radiologia, pneumotisiologia.

Estamos colocados em Maputo, Pemba e Beira. Na capital, há uma procura muito grande, pois o povo já sabe que a assistência médica é para todos. Há médicos cubanos distribuídos em hospitais periféricos, na prevenção, assistência primária e secundária".

Qual é a sua experiência no campo da psiquiatria?

Existem vários hospitais psiquiátricos. A cidade de Maputo, por exemplo, tem 1200 camas para psiquiatria, em centros que pertenciam a ordens religiosas. Funcionavam como empresas privadas e o doente mental era um instrumento para ganhar dinheiro. A FRELIMO teve de romper com essa estrutura, modificar absolutamente todos os critérios, do ponto de vista terapêutico e administrativo. Há um ano que se trabalha nesse sentido.

Os hospitais estavam divididos em classes. A primeira classe, com dieta e comida à parte, habitação especial, quartos individuais com camas de luxo, etc. Uma segunda classe com quartos de 2 ou 3 camas e uma terceira classe para os indigentes, para os nativos. Que também comiam uma comida especial, mas no sentido negativo.

A FRELIMO luta por mudar a mentalidade dos próprios empregados, que viam tudo isso como normal, porque não conheciam outra coisa. Além disso, o governo trata de fazer com que a população e a sociedade em geral aceitem a reabilitação do paciente mental, inclusivé com o

menor tempo de internamento possível, evitando assim que os hospitais se convertam em depósito de seres humanos.

Como era antes?

O critério colonial e arcaico era que "às coisas más, há que afastá-las para longe". Depois do leprosário, o hospital psiquiátrico foi sempre uma das instituições que na sociedade capitalista necessitava estar afastada da população.

E agora? Quantos pacientes já tiveram alta?

Muitos. Quando chegámos aqui, havia umas mil e cem camas ocupadas por pacientes psiquiátricos, devido à falta de atenção. Esse número já se reduziu em 50 por cento. A direcção do Hospital está agora a procurar montar oficinas de laboterapia e, desde o primeiro momento, os pacientes dedicam-se a tarefas que os habilitam a reincorporar-se na sociedade.

Com a reestruturação, aspira-se a que os pacientes não permaneçam mais de 30 ou 45 dias internados. Os 500 que restam são situações herdadas. Alguns estão no hospital abandonados desde há quinze anos. Provêm de regiões do norte, muitos deles da Rodesia, da Swazilândia, outros da África do Sul. Há histórias clínicas de pacientes internados em 1950 e nem eles já se recordam de onde vieram. Com outros a comunicação é impossível por causa da língua. Não falam nenhuma das línguas vernáculas moçambicanas.

Passando ao tema da adaptação do médico cubano à realidade africana, qual é a sua opinião, doutor?

Aqui o cubano não se

sente fora do seu país. Sente-se como em casa e a população dá-se conta disso imediatamente. Nós vivemos os seus problemas. Creio que é fundamental a influência da cultura. Nós cubanos temos raízes africanas. E na vida quotidiana é evidente que o cubano consegue com os africanos uma comunicação que para outros cooperantes é mais difícil de alcançar.

O Dr. Fernando Vaz (moçambicano, director do Hospital Central de Maputo) comenta: Os companheiros cubanos mal caem no hospital e já começam a produzir. Adaptam-se muito bem porque têm uma mentalidade muito semelhante à nossa. Há cooperantes que vêm de sociedades industrializadas e, logicamente, não estão acostumados a resolver o tipo de problemas que aqui se apresentam. Os cubanos, se têm que "criar" as 24 horas do dia, fazem-no. Se têm que encontrar soluções engenhosas, usam o melhor de si para fazê-lo.

Por outra parte, a própria medicina que se faz em Cuba é similar à nossa. Na faculdade de Medicina, onde eles estão em estreito contacto com os jovens, a cooperação também foi fundamental. Eu penso que os estudantes concluiram pela necessidade de mudar os *curriculums* quando comprovaram, com o exemplo dos médicos cubanos, como é um profissional socialista.

(Participou na entrevista o Dr. Carlos Zamorano, chileno, actual administrador do Hospital Central).

TANZÂNIA

«Aprendemos o swahili com os pacientes, o inglês com os colegas»

Em 1970 já havia médicos cubanos na ilha de Zanzibar. No entanto, foi em 1975 que se assinaram os convênios para a cooperação em diferentes campos, depois do Presidente Nyerere ter visitado Cuba, em 1974.

Para a saúde, estabeleceu-se a presença por um ano, renovável por outras brigadas, de 52 médicos, enfermeiras e pessoal paramédico. São designados para três regiões do país: Dar-es-Salaam (a capital), Tanga e Arusha. Desde 1975 até hoje, já passaram três delegações de especialistas, todos reconhecidos pela sua alta qualidade profissional.

Recentemente, o Ministro da Informação, Isaac Sepetu, teve um grave acidente e foi atendido pelo Dr. Lino Zulueta Nocedo, neuro-cirurgião cubano. Foi também o Dr. Zulueta quem operou o filho do Presidente Nyerere, piloto militar, ferido num acidente enquanto voava num Mig. Ambos manifestaram pessoalmente a gratidão e o reconhecimento pela assistência que lhes brindou a brigada cubana.

No último convénio assinado, em resposta a uma solicitação do governo tanzaniano, estabelece-se que os médicos passarão dois anos na Tanzânia, com um mês de férias ao completar o primeiro. A experiência demonstrou que, assim, o médico tem mais possibilidades de contribuir com a sua experiência, já que no

primeiro ano desenvolve vínculos com os companheiros tanzanianos e começa a adaptar-se ao uso da língua local, de forma que, no ano seguinte, está em óptimas condições para trabalhar. Modificou-se também o número de cooperantes. Como neste período os profissionais cubanos formaram pessoal de enfermaria tanzaniano, diminui agora o número de enfermeiras e aumentará o de médicos. Atendem ainda duas novas regiões: Zanzibar (onde regressam os cooperantes cubanos após quase dez anos) e Lindi, no sul do país, uma das zonas mais pobres da Tanzânia.

MÉDIA: 10 ANOS DE EXPERIÊNCIA

Em Muhimbili Flat Kitulu, Edifício E, está a modesta casa dos doze médicos que trabalham em Dar-es-Salaam. Vivem nos terrenos do Muhimbili Medical Center, que é o hospital universitário da capital.

Num almoço com muito sabor cubano (o doce de goiaba foi enviado de Cuba pelas famílias) compartilhamos uns momentos da vida destes profissionais. A conversa surge desordenada porque o encontro é emocionante e queremos abranger todos os temas de uma só vez.

Estão presentes o Dr. Juan Roberto Menchaca (cirurgião), chefe da Delegação Médica; o Dr. Osvaldo Legón, pediatra; o Dr.

Bernardo Amador Sandoval, urólogo; Dr. Lino Zulueta, neuro-cirurgião; Dr. René Padrón Martínez, clínico; Dr. Valentino Villar, dermatólogo; Dra. Irene Ramil, oftalmóloga; Dr. José M. Montebelanco, obstetra; Dr. Reinaldo Riet, ortopédico; Dra. María Goti, patóloga; Minerva Penton Morales, enfermeira e o Dr. Juan Manuel Flores, cirurgião.

“Entre nós há vários professores da Universidade de Havana e directores e subdirectores de hospitais de Cuba. Temos uns dez anos de experiência em média como diplomados. Todos ministraram aulas, tanto a estudantes como ao pessoal graduado tanzaniano”, explica-nos o Dr. Menchaca.

“Os companheiros de Tanga e Arusha estão vinculados tanto à formação de enfermeiras como dos ‘medical assistant’ (um técnico médio, diríamos nós) que ao terminarem o curso, dadas as imperiosas necessidades, passam a trabalhar como médicos”, complementa o Dr. Zulueta.

“Em Dar-es-Salaam somos todos especialistas. Um por cada departamento. Os pacientes chegam-nos já com um diagnóstico definido das clínicas e dispensários”.

Contam com a ajuda da medicina tradicional?

Sabemos que em algumas partes da África se integrou a medicina tradicional com a “occidental” e trabalha-se

cadernos do
terceiro
mundo
Rua da Lapa, 150 - S/Loja - RJ
CEP 20.021 - Tel. 242-1957

O dr. Villar, um mé-
dico e enfermeiros
tanzanianos no lepro-
sário de Dar-Es-Salaam

em conjunto. No entanto, aqui a medicina tradicional não tem nenhum papel positivo a cumprir, já que, mais do que medicina, é feitiçaria — responde o Dr. Flores.

A brigada cubana de Dar-es-Salaam é quem atende todo o corpo diplomático.

Contem-nos um pouco da vida diária, das horas livres...

Durante a semana não há quase horas livres. Aos domingos vamos à praia, descansamos, praticamos algum desporto nos terrenos do hospital. Mas a verdade é que os domingos são dias difíceis. Ataca-nos o "gorrião" (gorrião, pequeno pássaro, é a denominação que os cooperantes encontraram para a saudade. Houve alguns que nos confessaram que o "gorrião" cresceu tanto que já era como uma "águia"). O difícil é que fazer depois de descansar e de ir à praia. Mas o fundamental é saber porque estamos aqui. No cumprimento do dever supõe-se bem. Não seria fácil aceitar esta situação se não

tivessemos claros os motivos da cooperação".

Como está formado o corpo médico deste hospital?

Há médicos tanzanianos, formados na Alemanha, na Inglaterra, na URSS ou na China, inclusivé. Estrangeiros quase não há. E estamos nós.

E como é a relação com os pacientes e com os colegas?

Bom, embora com a barreira do idioma com os pacientes aprendemos o *swahili* e com os colegas o inglês.

Dra. Ramil, qual é a aceitação do paciente tanzaniano a uma profissional mulher?

Não sentimos nenhum tipo de discriminação com a mulher. Aceitam-nos bem, ainda que na verdade dependa um pouco da especialidade. Houve aqui uma companheira cirurgiã, e ela, sim, notou a diferença.

Minerva, qual é a sua experiência como enfermeira?

Eu estou aqui, em Dar-es-Salaam, numa missão especial de assessoria em enfermagem no Ministério

do Saúde. Trata-se de um programa para melhorar as técnicas de enfermaria. Tenho já quinze meses na Tanzânia. Estive todo o tempo em Arusha. E desde há quinze dias que estou aqui.

Qual foi a experiência pessoal que mais te causou impacto neste tempo?

O ter de enfrentar patologias para mim desconhecidas.

Quais são as principais doenças deste país?

Sarampo, desnutrição em graus extremos, tétanos de recém-nascido, doenças infecciosas. Aqui o sarampo é a terceira causa de morte. A vacinação ainda é deficiente. As crianças às vezes chegam-nos em péssimas condições e falecem na porta do hospital.

Dr. Villar, você já esteve antes numa missão internacionalista?

Sim, na Argélia, em 1972, durante catorze meses. Trabalhei no hospital de Mostaganem, que se chama "Ché Guevara". É atendido exclusivamente por pessoal cubano. Foi montado por cubanos no

que era um antigo quartel francês.

A PRIMEIRA OPERAÇÃO CARDIO-VASCULAR NA TANZÂNIA

O Dr. Menchaca já lhes contou a sua história? — perguntou-nos um dos cooperantes. Tínhamos almoçado e conversado longamente com ele, mas nunca suspeitámos que aquele modesto profissional, de rosto bondoso e com um olhar às vezes penetrante, tinha uma vida tão apaixonante.

Segundo nos dizem, nunca fala de si mesmo, mas é um "excelente representante do internacionalismo cubano". Têm razão.

O doutor Juan Roberto Menchaca, cirurgião de 43 anos, cumpria na Tanzânia a sua quinta missão internacionalista.

Esteve no Vietnam nos anos 67 e 68, dezoito meses que o levaram por quase todo o país (Vietnam do Norte, naquele momento). Trabalhou no hospital de Hanói e em hospitais de campanha. Foi à Síria como voluntário, durante a última guerra de agressão israelita, em 1973. Nessa ocasião também trabalhou em hospitais de campanha e em centros médicos de Damasco. Terminada a guerra, ali permaneceu, na reabilitação de feridos, muitos deles queimados.

Tanto no Vietnam como na Síria, foi condecorado pelos serviços prestados. Viajou às Honduras quando o ciclone "Jena" devastou grande parte do território, trabalhou com a população de San Pedro Zula, uma das mais afectadas. Novamente se ofereceu para ir numa brigada interna-

cionalista quando, em 1974, um terremoto abalou o Peru, com um elevado saldo de mortos e feridos. Atendeu pessoalmente o general Velasco Alvarado, quando se começou a pensar na necessidade de amputar-lhe a perna direita.

Quando estivemos com ele, já estava há quinze meses na Tanzânia como chefe da Delegação Médica. Tinha viajado por todo o país, como assessor do Ministério da Saúde.

Embora ele considere que é pouco o que fez, entre as suas actividades na Tanzânia está o ter sido o primeiro cirurgião a realizar uma operação cardiovascular naquele país. "A imprensa deu muito destaque, uma primeira página, e soube que a notícia foi publicada em outras partes de todo o Mundo; se as 'Apesar de ser muito simples como operação, pois não necessita de aparelhos

especiais. Anteriormente esses casos eram enviados a Londres para serem operados lá. Dois médicos tanzanianos, que estão a treinar connosco, ajudaram-nos na operação". Foi em Fevereiro de 1978, numa jovem de 18 anos que sofria uma enfermidade cardíaca congénita.

Em Cuba, o Dr. Menchaca é Director do Hospital Calixto Garcia, o maior da Ilha, e é o titular da Cátedra de Cirurgia na Faculdade de Medicina da Universidade de Havana. É um dos melhores cirurgiões cubanos. Na etapa da luta contra Batista, integrou o Directório do Movimento "26 de Julho". Foi um dos comandantes da luta na planície. Na sua época de estudante, tinha sido vice-presidente da FEU (Federação de Estudantes Universitários) e, posteriormente, Presidente da Faculdade de Ciências Médicas.

ETIÓPIA

A menina afar e a serpente

"Aqui ficaram assombrados quando os médicos chegaram e ao se apresentarem no Ministério, tendo-lhes sido perguntado: "Bom, e quanto querem ganhar?" — eles responderam: "Isso não têm que falar connosco, estamos aqui por conta do nosso governo, é com ele que devem conversar".

Assim nos explicava o Dr. Jimmy Davis como o carácter da cooperação cubana, mesmo num país com uma filosofia revolucionária, desperta reconhecimento e rompe esquemas

formados por longos anos de funcionamento mercantil da medicina. O Dr. Davis é o chefe da Brigada Médica cubana na Etiópia, onde há trezentos profissionais com diferentes especialidades: oftalmologia, neurologia, cirurgia, ortopedia, técnicos em Raios X, etc.

Na Etiópia, a brigada cubana atendeu num ano 900 mil pacientes, em todas as regiões do país. Segundo um cômputo realizado pelo epideólogo cubano, de cada mil crianças nascidas vivas no país, 263 morrem



A enfermeira Norma Diaz trabalha 14 horas por dia no Hospital Jekatit de Adis Ababa

INSCREVA-SE

antes de completar os cinco anos.

Do total de médicos que há actualmente na Etiópia, os cubanos constituem o maior grupo. Vêm depois os etíopes e, em terceiro lugar, uma brigada soviética e os médicos europeus ocidentais contratados pela OMS ou pelo governo etíope. Estes últimos têm salários que variam entre os três mil e os quatro mil e quinhentos dólares por mês. Quando termina o contrato, a maioria não o renova.

Houve algum morto entre o pessoal médico cubano? — perguntamos ao Dr. Davis, quando nos informa que durante a guerra do Ogaden vários profissionais foram transferidos para a área de combate, onde atendiam em hospitais de campanha.

“Sim. Mas não directamente em consequência da guerra. Em Chachemen havia uma só máquina anestésica, embora muito antiquada. Com o chefe da brigada que lá está, decidimos transportá-la para os hospitais de campanha. No caminho houve um acidente

e morreu a enfermeira Margarida Castro.

Qual é a atitude do povo etíope para com os médicos cubanos?

De carinho e amor.

O Dr. Davis, que é o sub-director do Hospital Manuel Fajardo, de Havana, esteve à frente da primeira brigada médica cubana na Jamaica. Lá trabalhou no Hospital Savanna La Mar. Após passar 17 meses na Jamaica, regressou a Havana em fins de 1976. E, em Janeiro de 1978, saiu para a Etiópia. Luisa, a sua esposa, que também esteve com ele na Jamaica, é actualmente a chefe de enfermeiras do Hospital Jaketit, de Addis Ababa.

São modernos os hospitais? Estão bem equipados?

Há grandes centros hospitalares, tanto em Addis Ababa como em Harrar (Ogaden) e em Asmara (Eritreia), mas actualmente — com um aumento de 43 por cento nos níveis de assistência hospitalar em relação à situação anterior à revolução — apenas 35 por cento da população tem

acesso aos hospitais. Depois da guerra, os centros hospitalares estão bem equipados. Houve que modernizá-los.

Quais são as doenças mais comuns aqui?

Setenta e cinco por cento dos problemas de saúde dos etíopes é originado por doenças infecto-contagiosas ou transmissíveis: varíola, tuberculose, febre intermitente, tracoma, raiva, febre amarela).

Entre as regiões onde trabalham os cubanos está a de Wolo, assolada por uma seca permanente.

SÃO OS DO NOVO TURNO

A viagem a Nazareth com o Doutor Davis e René Duquesne, secretário da embaixada cubana, faz-se rápida, entre a beleza da paisagem e a conversa amena. São uns duzentos quilómetros entre colinas e campões com os seus burriscos carregados. Nos povoados que cruzamos, há cartazes revolucionários e na fisionomia quotidiana desabrem-se sinais do processo de transformações que o

país está vivendo.

Em Nazareth, as ruas estão tranquilas. É um pequeno povoado cheio de flores. Entramos no hospital e cruzamos o pátio. Ao fundo, uma casa austera onde vivem os médicos cubanos.

"São os do novo turno. São os do revezamento..." anuncia alguém lá dentro, ao identificar o carro do Dr. Davis.

Após ficar esclarecida a situação e sermos apresentados (é óbvio que não fámos revezar nenhum médico), o Dr. Davis procede à distribuição da correspondência chegada de Cuba: um momento de alegria. A reportagem desperta imediatamente o interesse e a conversa decorre espontânea e rica em anedotas.

O Dr. Manuel Sánchez Martínez (31 anos) é o chefe da Brigada de Nazareth. Conhecíamo-lo por haverem falado a seu respeito. A sua passagem pela Etiópia será recordada. Há alguns meses, tinham-se apresentado na região de Wolo casos de gangrena seca, doença cujas causas e tratamento se desconheciam. Tinha-se registado a última vez na Bélgica, na década de cinquenta.

Os médicos cubanos e particularmente o Dr. Manuel, começaram a procurar bibliografia. Leram desde a Bíblia, onde há referências à doença, até aos livros escritos sobre a medicina local. Conversaram com as pessoas e finalmente encontraram a causa.

Tratava-se de doentes que comiam — devido à fome — uma erva que estava contaminada por um fungo. A reacção bioquímica da ingestão libertava ergotamina, um coagulante do

sangue. O nome científico da doença é *ergotismo*. Antes de se poder tratá-la, houve que efectuar centenas de amputações. Depois começou-se a aplicar injeções nos pacientes, através da veia femoral, e assim o sangue deixava de coagular.

"A primeira brigada cubana chegou aqui em Julho passado, devido à saída de uma missão norte-americana que se encontrava neste hospital", explica o Dr. Manuel. "Temos aqui 120 camas. Às vezes um pouco mais, quando a situação se torna difícil. A especialidade mais deficiente era a ginecoobstetrícia. Mas com a chegada do especialista e de mais uma enfermeira obstetra, a situação melhorou notavelmente. O trabalho é muito, porque cada dia acorrem mais pacientes ao hospital. Creio que isso se deve ao trabalho realizado. Esta zona, comparada com outras da Etiópia, tem um nível cultural mais elevado e também um maior poder aquisitivo. Por isso fazem-se mais partos hospitalares e as grávidas vêm regularmente para a consulta.

Há somente um médico etíope, o Dr. Wondu Alemayhu, que foi nomeado director quando saiu a missão norte-americana. Também são etíopes a chefe de enfermeiros, Dessalegne Funchunie, e o chefe da Sala de Cirurgia, Almas Siraj.

Aqui ainda existe o problema do *tratamento local*, que consiste em queimar a pele na área afectada. Se lhes dói o abdómen, fazem pequenas queimaduras aí (para queimar o mal). Assim, muitas vezes, encontramos pacientes com uma obstrução intestinal e uma grande extensão no abdó-

men cheia de queimaduras. Quando surgem complicações, 10 ou 12 dias depois, vêm ao hospital.

Houve alguma experiência em particular que os tenha marcado no tempo que levam na Etiópia?

A enfermeira Nancy Fundora responde-nos:

"Aqui adquiri uma grande experiência. Vi coisas que em Cuba não se vêm: por exemplo, neste momento temos no hospital uma menina affar que foi picada por uma serpente. O cirurgião convidou-me a fazer-lhe curativos e foi muito duro, porque é uma menina muito pequena e ver-lhe uma parte do corpo praticamente inútil... Todo o músculo e a pele cairam. Assim chegou ao hospital. Os curativos e os antibióticos poderão permitir que mais adiante se lhe faça um enxerto de pele."

Uma das salas do hospital foi inaugurada depois de terem chegado os médicos cubanos. Antes estava desocupada.

Na parte dedicada à gineco-obstetrícia há umas oito mães com os seus bebés, a



O dr. Jimmy Davis: da Jamaica para a Etiópia

receberem noções de higiene, de como alimentar e cuidar de um recém-nascido. Também isto é novo.

SENTIMOS GRATIDÃO

A doutora pediatra Leicy Ortega tinha completado 14 meses na Etiópia no dia anterior à nossa visita ao Hospital Jekatit. Exercera durante muitos meses no Black Lion, o maior hospital da capital.

"Esta sala estava fechada por falta de pessoal. Foi construída em 1970. Tem 29 camas. Nós pusemo-la em condições. A maior parte do pessoal é cubano. Com a abertura desta sala, contribuímos para que mais crianças sejam tratadas."

Foi difícil a adaptação?

Houve um aspecto que nos custou bastante: trabalhar num sistema no qual a medicina ainda não é gratuita. Não estamos acostumados a que um pai tenha de pagar a consulta. Nós trabalhamos no sentido de romper com a tradição de que o tratamento depende de quanto se paga. E o pessoal etíope tem compreendido bem. Nunca tinha trabalhado de outra maneira que não fosse a de seguir as pautas da sociedade injusta da época do imperador.

A mim custou-me adaptar a ver meninos desnutridos. Eles não dão leite aos bebés depois de findo o aleitamento materno. Por vezes, alimentam crianças de quase um ano apenas com chá..." comenta Norma Diaz, enfermeira que está há dez meses na Etiópia. "Para o ano vou a Cuba e regresso por um ano mais".

Havia uma certa insensibilização — acrescenta a Dra. Leicy. A morte de uma criança era vista como natural. Mas quando nos viam a lutar com tanto afincô, sem resignação, por cada vida, mudaram ou começaram a mudar. Trata-

va-se de começar a questionar as coisas que eram tidas como normais na época da monarquia feudal, completa Cristina Rangel Rodriguez, enfermeira da província de Cienfuegos que já tem sete meses em Addis Ababa.

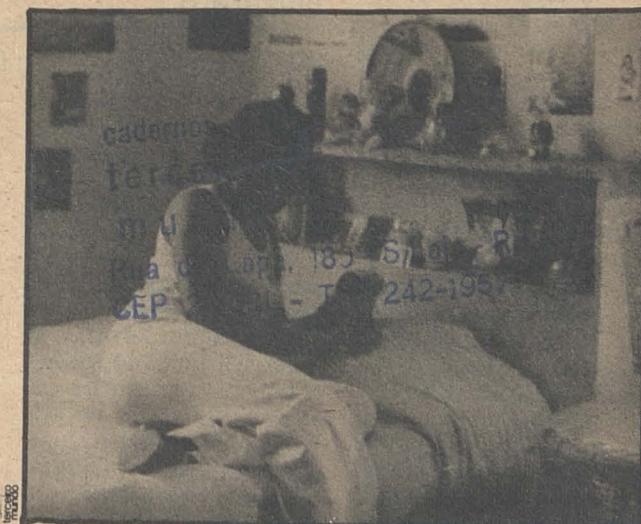
«Gambela»

Na região sudoeste da Etiópia, bem perto da fronteira com o Sudão e no meio de uma enorme reserva de animais, está o povoado de Gambela. Ali se encontra um destacamento médico cubano que possivelmente é dos que viveram mais historietas e experiências. Não muito tempo atrás, os nativos tinham matado um elefante que já estava muito doente. Em resposta, a manada atacou o povo, matou várias pessoas e só voltou à calma quando, ante a força das metralhadoras AK e da guarda permanente dos Kebeles, os elefantes se foram retirando.

Esperanza Adel Machin será acompanhada para

sempre pelas suas recordações de Gambela, e se a vida lhe proporcionar uma filha, essa será o nome dela, em homenagem àqueles meses de missão internacionalista em que viveu algumas situações assim relatadas:

"Sou enfermeira obstetra e aqui encontrei-me com muitas coisas novas. Por exemplo, na região de Gambela, pratica-se ainda a circuncisão nas mulheres. Para o meu trabalho específico, no parto, isto dificulta muito as coisas. A vulva deve ter certa amplitude, mas em virtude das crenças que eles têm e dos métodos da circuncisão na mulher, a cavidade vaginal estreita-se e, dessa forma, é



A enfermeira Esperanza não mais esquecerá a sua experiência em Gambela

quase impossível trabalhar o parto.

Perguntámos a algumas enfermeiras etíopes que trabalham connosco, se os pais o praticaram quando elas eram pequenas e disseram-nos que sim, e em algumas quando já eram maiores. E isto, que é novo para nós, para elas que atingiram um avanço educacional em relação às suas famílias, é muito doloroso. Além disso, do ponto de vista do trabalho como enfermeiras, essa deformação confunde-as e impede-as de manipular corretamente as pacientes. Penso que isto só será superado com o tempo e com a campanha educacional que o governo está a promover.

Justamente hoje morreu-nos uma menina de 12 dias porque lhe praticaram a circuncisão em casa e começou a sair sangue e mais sangue, e não houve como lhe salvar a vida...

Mas isso não é tudo. Uma das coisas interessantes que tive a oportunidade de viver foi o caso de um bebé. Atendemos ao parto de madrugada e quando voltámos ao hospital de manhã, vimos a mesma criança em condições bastante desagradáveis: o rosto estava todo azulado. Imediatamente observámos que tinha uma corda atada à fronte passada sete vezes. Assustada, tirei a corda e comecei a dar-lhe oxigénio. Pensei que poderia tratar-se de algum mal que lhe queriam fazer. Na verdade, tratava-se de uma prática religiosa que aplicam às crianças acabadas de nascer... Quando estava a dar-lhe oxigénio chegou a mãe. Viu o que eu fazia e começou a gritar. Eu não sabia o que me estava a dizer. Vol-

tou a desaparecer. E olha que há menos de oito horas que tinha parido! (E nós pretendemos que estejam 72 horas num hospital...). Depois comprehendi que tinha saído à procura do chefe da tribo, do seu esposo e de toda a comunidade.

Chegam e rodeiam-me. Querem agredir-me. Chamo então o director do hospital, que funciona ao mesmo tempo funciona de intérprete e era o responsável político. Este diz-lhes que eu desconhecia a tradição e que actuei guiada por bons sentimentos. Que nunca me tinham explicado as características das religiões locais, que não podiam agredir-me porque o meu "delito" não era castigável... Intervieram também os kebeles e foram procurar a polícia do hospital.

O director então mostrou-me que também ele tinha sete marcas na fronte, que ficam quando aquele corda é retirada aos sete anos. Que por isso a mãe havia feito o mesmo a esse bebe-

zinho. Ele desculpou-os e disse-me que, infelizmente, eram assim as tradições feudais.

A maneira que encontram de me perdoar é eu aceitar que a mãe volte a pôr aquela corda na cabeça da criança, à minha frente.

E a cabeça não se deforma? ...

Sim, transforma-se totalmente como um cone, e, ao crescer, a corda vai-se incrustando. Ficam as sete marcas. Há crianças que morrem devido a essa situação. Veja você, como é difícil o processo político na Etiópia. Quanto resta por fazer no campo educacional. É um desafio, e o governo está consciente disso.

A minha filha chama-se-á Gambela. Para mim tem um profundo significado. E ela ficará orgulhosa do seu nome. Sabem? Em Gambela muitos meninos têm o meu nome... Tenho aqui muitos amigos etíopes, com os quais eu aprendi um montão de coisas.

Nazareth

No momento em que os visitámos, estavam em Nazareth:

Agrispín Ravelo, Técnico em raios X, 14 meses na Etiópia, oriundo da província de Havana; *Dr. José Manuel Faer Herrera*, ginecologista, da província de Pinar del Rio, 14 meses na Etiópia; a enfermeira *Isis Rodríguez García*, da província de Cienfuegos, 7 meses na Etiópia; a enfermeira geral *Nancy Fundora Sanguines*, de Havana, 10 meses; a enfermeira instru-

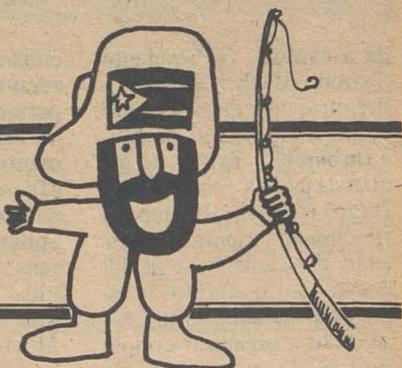
mentista *Nilda Concepción Dominguez*, de Pinar del Rio, 13 meses; *Emma Pérez Pi*, técnica anestesista, de Havana, 7 meses; *Ana María García Sánchez*, enfermeira geral, de Havana; *Ismael González*, técnico em laboratório, de Havana; *Dr. Francisco Rizo Rodríguez*, médico especialista em radiologia, de Cienfuegos (cumpria a sua segunda missão em África), 13 meses na Etiópia; *Dr. Jorge Luis Seijó*, médico, de Havana, seis meses; a enfermeira *Esperanza Adel Ma-*

chin, de Havana, 14 meses (tinha estado na frente de Ogaden); a enfermeira obstetra *Emilina Muñoz Vásquez* de Havana, 13 meses (tinha estado em Dire Dawa, atendendo feridos) e o Dr. *Manuel Sánchez Martínez*, de Las Villas, 14 meses na Etiópia.

Um dos pavilhões do Hospital de Nazareth, na Etiópia



a pesca



Em muitos países da região estão a ser desenvolvidos grandes projectos pesqueiros. E os cubanos colaboram em vários deles. Com os árabes, a matemática cubana Elvira apenas teve um problema, o de usar «bermudas».

AS costas do continente africano possuem zonas com um potencial piscatório extremamente rico. Neste campo, é grande o esforço que alguns governos estão a realizar no sentido de dotar os seus países da infra-estrutura piscatória necessária, desde a captura, ao processamento e respectiva industrialização.

"Na época do colonialismo português, como apenas interessava o camarão, devido aos preços interna-

cionais, desperdiçavam-se cinco quilos — que eram jogados de volta ao mar — por cada quilo de camarão que era posto à venda. O governo, agora pretende alterar esta herança por uma forma racional de organizar a pesca em função das necessidades do povo", diziamos uma técnica peruana, cooperante em Moçambique no Ministério da Pesca.

E uma situação que se repete. Ou os critérios de pesca eram exclusivamente em função do lucro, como

no caso anterior, ou as condições dos contratos com os barcos estrangeiros eram desvantajosas para o país, ou, simplesmente, a pesca era um recurso inexplorado, do qual, inclusive, não existiam estudos estatísticos das suas potencialidades.

Actualmente, as coisas estão a mudar. Moçambique, por exemplo, criou duas empresas estatais: a PESCON e a EMOPESCA, dedicando-se a primeira à comercialização e a segun-



Barcos de pesca cubanos no Mar Vermelho

da à captura. O Presidente Samora Machel chegou a definir os produtos do mar como o "petróleo de Moçambique". Estão a ser construídos entrepostos frigoríficos, destinados fundamentalmente ao mercado do camarão e da lagosta, com o auxílio de assessoria cubana. Também se estão a organizar cooperativas de pescadores, às quais os assessores cubanos dão também a sua colaboração, quer em matéria técnica, quer na própria artesanaria da pesca, ou seja a fabricação de redes, etc.

A assessoria directa na pesca do camarão, em embarcações moçambicanas, é outra das áreas que a cooperação cubana cobre.

Na pesca, também Cuba fornece cooperação a S. Tomé e Príncipe, onde barcos, doados pelo governo cubano, se encontram a pescar, para além da assessoria na parte artesanal.

A mesma assessoria é dada em Cabo Verde, Iraque e no Yemen.

No Yemen, a cooperação neste sector teve início em 1972. Um barco pesqueiro

cubano foi para Aden e fizera-se investigações das potencialidades da captura da lagosta. Foi dado igualmente assessoria na educação e na tecnologia pesqueira, e Cuba concedeu bolsas para que muitos jovens yemenitas fossem estudar para a Escola Superior de Pesca em Havana. Além disso, foram cedidos barcos e câmaras frigoríficas cubanas, dando Cuba ainda assessoria à comercialização de tartarugas e de outros recursos.

Elvira Carrillo, matemática especialista em estatística, universitária cubana com vários pos-graduações em várias universidades da Europa, é funcionária do Centro de Investigações Pesqueiras de Cuba, onde desempenha o cargo de chefe do Departamento de Pesca Oceânica. Foi ao Yemen por quatro meses para fazer um diagnóstico sobre a possível cooperação. Mas "como não viemos num plano de simples assessores", explica-nos, ficou onze meses, e, possivelmente, não ficará por aqui.

Elvira é uma das figuras

mais populares da cooperação cubana no Yemen, querida pelos pescadores yemenitas como se um deles se tratasse. Ela ajudou-os decisivamente na organização de base, "porque sem isso não podiam trabalhar", explica-nos.

Já andou por todo o país. *"Percorri-o em Land-Rover"*. E sempre que chegava a algum lugar bem distante, sempre lhe diziam: "aqui nunca esteve nenhum cubano".

Quando Elvira chegou ao Yemen, pelas próprias características do seu trabalho como especialista tanto em frota pesqueira artesanal como de alto mar, ela teve de passar várias semanas com os pescadores no mar.

"No primeiro dia apresentei-me para embarcar. Como fazia mais de 40 graus vesti-me como o faço nessas ocasiões em Cuba, enfiei umas "bermudas" bem cómodas. Cheguei ao porto e apresentei-me aos pescadores. Eles reuniram-se e vi que conversavam muito, mas como era em árabe, eu não percebia na-



Elvira entre os seus
companheiros,
pescadores yemenita

da. O tempo passava e nada de embarcarmos. Até que por fim um deles chegou-se a mim e disse-me num mau inglês que o problema era que eu não podia embarcar de bermudas.

A verdade é o que o problema não se me tinha posto, e eu estava num país árabe, onde a mulher anda de véus e tudo isso... Ofereceram-me então um manto negro para que me cobrisse, manto que tradicionalmente a mulher yemenita usa.

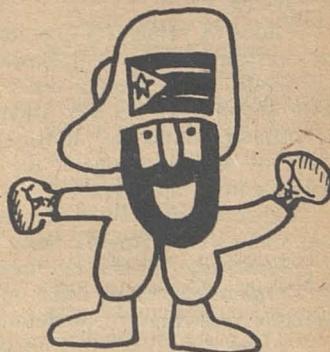
Respondi-lhes que sempre embarcara assim em Cuba e que não via razão para mudar de atitude só por estar noutro país. Retorqui que não usaria o manto negro porque não fazia parte dos meus hábitos. Houve outra assembleia em árabe e finalmente aceitaram. De princípio estavam um pouco distantes, mas passados alguns tempos, até caminhavam em bicos de pés quando eu dormia para não me despertarem. Hoje somos tão companheiros que me parece que sempre fui um deles".

Com Elvira estão igualmente na cooperação no sector das pescas, Alejandro Suárez, do Ministério da Pesca, assessor no campo das exportações (Suárez acabava de chegar de Cuba) e Benjamín Tomás, engenheiro construtor naval

que está há já oito meses no Yemén, trabalhando na frota de grande porte. Tomás havia passado um mês no alto mar quando o conhecemos. E tinha a mesma gratidão e carinho pelos pescadores yemenitas tal como Elvira.

boxe a quarenta graus

A cooperação cubana no campo desportivo é muito apreciada em África e no Mundo Árabe.



No bairro do Cráter, em Adén, há um terreno que foi adaptado a ginásio. José Antonio Faxa, de 29 anos, oriundo de Las Tunas — "a terra de Stevenson e José Gómez", acrescenta — dá aí todos os dias aulas de boxe. Os miúdos vêem-no chegar e é uma



festa. Apesar do problema da língua, as mãos são uma linguagem universal, e para mais no boxe... José António tem mais de cem alunos e o seu intérprete é um agrônomo que estudou dois anos em Cuba, Yaha Abudula Bamusa.

Também dá aulas de ginástica?

Em Cuba, sim. Aqui não, só de boxe.

Será que entre os seus alunos há algum futuro campeão yemenita de boxe?

Estamos ainda no começo. E eles são muito jovens. Mas, talvez, na medida em que este país avance na sua meta do socialismo e o desporto se constitua numa prática nacional, podemos ver surgir então os campeões.

Todos os yemenitas que conhecem José António nos comentam o seu entusiasmo (apesar das suas aulas serem dadas muitas vezes a mais de 40 graus). Está só há um mês em Adén, mas já é querido e respeitado. Como ele, muitos treinadores e ginastas cubanos estão a cooperar no sector-desportivo em África e no Mundo Árabe.

Existe cooperação no desporto com a Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Serra Leoa, Moçambique, e é provável que se inicie em breve com o Benin. Aqui, no Yemen, ela cobre várias modalidades: ginástica, voleibol, atletismo, basquetebol e educação física.

“É um dos sectores da nossa cooperação que tem tido maior aceitação”, afirmava o comandante Curbelo. “A África interessam-lhe muito os desportos e têm importantes perspectivas neste campo”.

Desportistas yemenitas viajarão em breve a Cuba para aprender a organizarem campeonatos e para observarem como se fornece os treinos.



francisco e manuel

A história de um menino de dez anos e de um jovem combatente de dezoito que se tornaram amigos pessoais de Fidel.

O Hospital Jekatit, de Adis Ababa, há duas personagens muito populares: Francisco, de dez anos, e Manuel, de 18. Ambos são etíopes e aprenderam o espanhol com os cooperantes cubanos. Esta é uma parte do diálogo que mantivemos com eles, poucos dias antes de terem partido para Havana.

Percebes o que dizemos?

Sim, eu falo espanhol, inglês, um pouco de russo, e amárico.

Quantos anos tens? E o teu nome.

Francisco, da província de Harar (Ogaden). Tenho 10 anos.

Como vieste aqui para?

Eu venho de Harar. Lá, falei com Fidel. Então fiz-lhe uma carta em espanhol. Eu dei-a a Fidel. Então, depois o director do Hospital me disse: "Amanhã tu te vais". Eu vou ir. Então eu falo com minha mãe. E disse-lhe: "Vou para Cuba". E então ela me felicitou. Venho com Cuevas, com doutor Leyva, com Aurelio, venho para Addis para esperar. Vou para Cuba. Vou neste voo ou noutro.

Tens mais irmãos?

Só dois. Um homem, de 18 anos, outro mais pequeno e eu.

E a tua mãe, ela está contente porque vais visitar Cuba?

Contente.

Como falas tão bem o espanhol?

Aprendi com os cubanos.

Como conheceste os cubanos?

Eu primeiro interno-me num hospital, na província de Harar, estava doente de um rim. Então eu fui aprender espanhol com os cubanos médicos. Depois, também uma enfermeira cubana de nome Margarita, me ensina. Ela me ensinou o espanhol. Então eu aprendo. Depois eu saio, mas o rim me doeu outra vez. Então eu fui internado outra vez. Então vem Fidel e eu falo com ele. Ele diz-me que eu posso ir estudar em Cuba.

E já sabes o que queres estudar, ou vais decidir lá?

Já sei. Piloto de Mig-23. Porquê piloto de Mig-23?

Eu quero ajudar ao meu povo, Mengistu, e a África.

Os teus amigos ficaram em Harar?

Sim

Escreves-lhes?

Não sei a direcção dos



Francisco no seu trabalho: a traduzir amárico

meus amigos.

Com a tua mamã, como te comunicas?

Com o telefone. Se tem problemas, ela fecha o telefone, então eu também fecho e ponho-me a passear.

O que faz aa tua mamã?

Trabalha em casa.

E o teu pai?

Está lutando na Eritreia. Faz quatro anos que não o vejo. Eu lhe mando carta. "Papá, vou pra Cuba". Ele responde: "Está bem". Eu passo por Eritreia, mas não o vejo. Eritreia é grande.

Conta-nos um pouco da tua cidade. Como é Harar?

A minha cidade é bonita. Bastante terreno em Harar. O povo bom, a frente, não bom. Então a minha cidade tudo militares. Todo o mundo lá.

E aqui no hospital, como é a tua vida?

Eu ajudo os médicos, de tradutor. Vêm um doente

etíope e eu traduzo o amárico.

É difícil o espanhol?

Diffícil, sim.

Mas tu aprendeste rápidamente...

Sim, eu muito rápido.

Porquê?

Sou um inteligente.

Disseste-me que também falavas inglês e russo...

Sim. Eu aprendo inglês com uma companheira, em Harar no hospital. Eu conheço ela. Ensina-me pouquinho inglês, os números, os cumprimentos.

E o russo?

Também no hospital. Mas pouquinho, agora vou aprender mais, para ser melhor piloto.

Ías à escola?

Sim, quarta classe.

MANUEL
SERÁ MÉDICO

Como te chamas?



Manuel e Francisco junto com o embaixador e internos cubanos no Hospital em Adis Ababa

Manuel.

Quantos anos?

Dezoito anos.

Quando foste ferido? Há quanto tempo estavas a combater?

Onze meses.

Tua família, também é de Harar?

Não, de Addis.

Que dizem da tua ida para Cuba?

Não sabem ainda, porque vão ficar tristes. Se confirmam a viagem amanhã, eu chamo.

Tens irmãos?

Quatro irmãos e três irmãs.

Conta-nos a tua história, como chegaste a combater no Ogaden?

Estive onze anos na escola em Addis Ababa. Quando estava na escola, ouvi que necessitavam de soldados para o Ogaden. Eu fui como voluntário. Depois aprendi muito no combate. Depois eu tive problemas com um tanque. Internaram-me então no Hospital. Fidel Castro vem e conversa

comigo. Eu conto o meu problema, que eu quero estudar em Cuba, professor de inglês e depois médico, e depois regresso aqui à Etiópia ajudar o meu povo. Fidel me diz que posso ir a Cuba e venho a Addis esperar a viagem.

Também aprendeste o espanhol com os médicos cubanos?

Sim, com os médicos no hospital.

A parte da história que não foi contada nesta conversa, reconstitúimola com os diálogos que mantivemos com os médicos e combatentes que tinham conhecido Francisco e Manuel no Ogaden. Francisco tinha ingressado no hospital por uma complicaçāo renal que prontamente foi curada. Os cubanos feridos de guerra que estavam internados e os médicos afeiçoraram-se a ele. E ele com os cubanos. O seu nome real é Getaun Bekele, mas os cubanos deram-lhe o de

Francisco, como fazem geralmente quando se encontram com pequenos amigos: "batizam"-nos com nomes que lhes são mais pronunciáveis. E ele, não só assumiu que se chama Francisco, como acrescentou, por isso mesmo, o sobrenome "cristão" do médico que o curou. Assim, chama-se agora Francisco Monrejón. Quando recebeu alta não podia com a sua tristeza. Poucos dias depois, estava de volta. Dizia sentir dores, mas já não sofria de nada, a não ser da terrível saudade do ambiente de carinho do hospital. A cartā que entrega a Fidel pessoalmente, escrita por ele, em espanhol, move o Chefe da Revolução cubana pela sua pureza. "Agora, Fidel, encarregou-me pessoalmente de terminar os trâmites da viagem de Francisco", confessa va-nos o Comandante Curbelo, que chefia uma missão que estuda a ampliação da cooperação cubano-etiópe.

Manuel chama-se na verdade Mandrefo Demise. Perdeu em combate as suas duas pernas, do joelho para baixo, ao explodir-lhe muito próximo uma mina. Em Cuba, ser-lhe-á colocada uma prótese e poderá satisfazer o seu desejo de ser médico. Teme comunicar a viagem à sua família, porque a mãe já sofreu muito desde que ele foi para a frente de combate, e depois com a notícia da perda das pernas. Falou com Fidel em espanhol e, da mesma forma que Francisco, não quer separar-se dos médicos e combatentes cubanos seus amigos. Quando esta reportagem vier a público, possivelmente os dois estarão já em Cuba.

os educadores



Dos estudantes de amárico aos professores do Contingente Pedagógico Che Guevara, sempre o mesmo entusiasmo em cooperar com os planos de trabalho dos governos progressistas africanos.

A faculdade de Medicina de Adén é um caso único: foi transplantada na sua totalidade de Havana para a capital do Yémen Democrático.

No sector da educação, a cooperação cubano-africana é estreita e apresenta dois aspectos. Por um lado, Cuba tem oferecido numerosas bolsas a estudantes africanos para se irem especializar na Ilha. Muitos deles regressaram já à África, diplomados em diferentes cursos.

Não é pois estranho que tivéssemos podido manter uma longa conversa em espanhol em pleno coração do Congo com um médico veterinário, chefe do Serviço de Zootecnia e Medicina Veterinária do Ministério da Agricultura, Anatole Goma Kick, diplomado em Cuba. No Yémen o nosso tradutor foi um funcionário das Relações Externas, Saleh Subaidi, também formado em Cuba; o intérprete do professor cubano de boxe em Adén é um agrônomo, diplomado pela Universidade de Havana, e que desempenha o cargo de tradutor nas horas livres. Na Argélia, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bis-

sau, Moçambique, Etiópia e na Tanzânia, ouvimos falar em espanhol não só o pessoal cubano em missão internacionalista, como também aqueles que por uma razão ou outra, aprenderam-no em Cuba.

O número de africanos a estudar em Cuba aumentou consideravelmente desde que na Ilha da Juventude foram instaladas escolas onde estudam exclusivamente jovens angolanos, moçambicanos, etíopes, etc. Escolas essas, que recebem nomes alusivos à cooperação. Por exemplo, Harar e Dire Dawa serão às escolas que receberão os 1200 bolsistas etíopes que irão frequentar o ensino secundário e que viajarão este ano para Havana, juntamente com os 300 estudantes que ingressarão directamente na Universidade, na Faculdade de Medicina. Harar e Dire Dawa foram dois pontos onde se travaram importantes combates na guerra do Ogaden.

No caso de Angola, Cu-

ba concedeu, em 1978, 951 bolsas, sem contar com os 1200 pioneiros do 5.º e 6.º anos que estão a estudar na Ilha da Juventude, cifra esta que se pensa ser elevada para 4800. Também de Angola viajaram para aquela ilha do Caribe 489 operários qualificados e 272 técnicos de nível médio para frequentar cursos de especialização.

Também nas escolas Samora Machel e Eduardo Mondlane, em Cuba, se encontram actualmente a estudar 1130 alunos moçambicanos, de diferentes partes do país.

Não existiam em Cuba bolsas para o ensino primário e secundário, mas com a independência das ex-colónias portuguesas, a necessidade urgente de formar quadros profissionais e médios manifestada em diferentes ocasiões por aqueles governos africanos, levou o governo cubano a tomar a decisão de ampliar inclusivamente a crianças as possibilidades de estudo

na Ilha. A mesma situação se apresentou de resto com o derrube do regime feudal etíope, com a diferença de neste caso a barreira da língua ser incomparavelmente maior, e, por consequência, ainda mais notável a iniciativa.

Neste momento há estudantes yemenitas e tanzanianos a cursarem nas universidades cubanas, e professores cubanos vão organizar a Faculdade de Medicina Veterinária na Etiópia, inexistente até agora neste país.

O outro aspecto da cooperação educativa de que falávamos, é a dos professores que se deslocam para a África e Médio Oriente. Há já professores cubanos na Guiné-Bissau, em Angola, Moçambique, Etiópia e no Yemen Democrático.

Em Moçambique, por exemplo, estão actualmente 15 especialistas cubanos nas Faculdades de Medicina, Veterinária e Agronomia, orientando 13 disciplinas. Encontram-se igualmente outros na Escola Agropecuária e na Escola Industrial (Instituto de Ensino Industrial de Maputo), como também na as-

sessoria ao Ministério da Educação, no ensino primário, no ensino de línguas e na educação de adultos. Cerca de 34 professores mais, para além dos que se encontram no ensino superior.

Em Angola, encontram cerca de 10 especialistas como assessores do Ministério da Cultura, e foram professores cubanos que ajudaram a montar uma escola de técnicos médios no campo da saúde. Junto aos edifícios em construção são dadas classes para a formação de operários qualificados; e estudantes angolanos preparam-se activamente nos campos da planificação física, do comércio externo e em tudo o que diga respeito ao café.

Ná educação física, cerca de 30 alunos pioneiros frequentam aulas dadas por professores cubanos, que deram igualmente cursos no Ministério do Trabalho. No campo da cultura estão a desenvolver-se cursos de teatro, dança e artes plásticas e um coro nacional está a ensaiar afincadamente. Na biblioteca da União de Escrito-

res Angolanos é dada também assessoria. Há actualmente 49 professores universitários distribuídos em Huambo, Huila e Luanda pelos cursos de agronomia, engenharia e medicina, sobretudo. Estão a ser dados também cursos sobre avicultura para angolanos e está em desenvolvimento o intercâmbio de documentos (tradução de materiais, dados económicos, etc.); assim como cursos para a formação de quadros no sector do ensino, tudo isto sem mencionar os 30 mil estudantes angolanos assistidos por professores cubanos do Destacamento Pedagógico Ché Guevara.

**"PROFESSORA:
ESSA PALAVRA
NÃO SE ESCREVE AS-
SIM"
ASSIM"**

"O Contingente Pedagógico surge de uma ideia do nosso Comandante-Chefe, Fidel Castro, apresentada quando foi inaugurado o curso de 77/78. Cuba já cooperava com Angola noutras áreas e foi então que nós mostrámos ao governo a nossa disposição em cooperar também na educação.

Estamos repartidos do Huambo a Benguela, de Cabinda a Luanda, não só nos municípios, capitais de província, como também nos lugares mais distantes, como nas reconditas paragens das províncias do Kuanza Norte e Kuanza Sul. O destacamento é composto por 732 companheiros, 147 mulheres e 91 homens, o que expressa o grau de participação que a mulher tem, tanto no nosso país como nas missões internacionalistas", in-

Brigada Che Guevara em formatura para início do trabalho diário



forma-nos o professor Ely Diaz Osorio, de 31 anos de idade, docente do Instituto Superior Pedagógico Enrique José Baroni, de Havana e um dos responsáveis do Contingente Pedagógico.

Que formação têm estes rapazes?

Fizeram o 1.º semestre nos institutos superiores pedagógicos de Cuba. Para os que vinham para Angola teve-se durante esse tempo uma atenção especial, com vistas ao trabalhos a realizar aqui.

Em que níveis de ensino participam?

Dão do quinto ao nono ano de escolaridade. Quando se programou a sua vinda, pensou-se em trabalhar apenas no sétimo e oitavo ano, mas, logo depois, ao chegarem, as autoridades angolanas decidiram que eles trabalhariam do quinto ao nono de escolaridade. Cobrimos uma parte importante das disciplinas que se repartem pelos diferentes níveis de ensino. Os companheiros receberam noções de português com a ajuda de professores angolanos que foram a Cuba e também com professores do Instituto Superior Pedagógico de Línguas Estrangeiras de Cuba. Aqui o principal professor da língua é o povo, são os alunos.

A conversa é momentaneamente interrompida com a entrada de Maria Elena González, da disciplina de geografia. Tal como os seus companheiros, Marta Elena está em Angola desde o mês de Abril do ano passado. E ela acaba de receber a surpresa de que os seus pais, ambos químicos, chegariam nesse domingo a Angola, também



Um encontro familiar em Luanda: os pais, químicos, se juntam à professora Marta Elena, todos cooperantes

em missão internacionalista.

Em encontro posterior com os seus pais perguntámos-lhes:

“Como encontraram a moça?” – todos os três se puseram a chorar.

“Bela...”, responde o pai. E tão feliz como eu não o esperava.”

Perguntámos ao professor Díaz Osorio qual tem sido o rendimento obtido pelo Contingente.

“Ainda que pensassemos” – responde-nos abertamente – “que a língua pudesse constituir uma grave limitação, ela foi uma barreira que conseguimos superar. As aulas decorrem normalmente, e o rendimento obtido pelos alunos com os professores cubanos está acima dos resultados que na época colonial havia sido alcançados neste país.

Os cursos dados pelos professores do Contingente têm programas especiais?

Não. Os programas são estabelecidos pelo Ministério da Cultura angolano. Os cursos que apresentam programas novos obedecem à necessidade de se ir transformando o sistema educa-

cional, e não devido à vinda dos professores cubanos. Em 1979, todos os programas serão novos, segundo foi decidido pelo Ministério.

Quanto tempo irão estar os jovens professores cubanos aqui?

Cada destacamento fica em Angola durante um curso. De 15 de Abril de 1978 à data em que os exames terminem, em Fevereiro de 1979, para este primeiro contingente. Depois chegará o grupo que já está a ser preparado em Cuba para os substituir.

E se por opção pessoal alguns deles quiserem permanecer por dois anos?

Não é possível, porque quando vieram apenas tinham terminado o primeiro semestre dos seus respectivos institutos. Como grupo têm de regressar para prosseguirem os seus estudos. Uma vez diplomados, terão seguramente novas oportunidades de sair em missões internacionalistas.

Angel Arzuaga, de 21 anos, é o secretário do Comité de Direcção da Organização da Juventude do Partido em Luanda.

"Ocupo a responsabilidade de secretário-geral da UJC do destacamento em Luanda por eleição dos militantes. Este grupo de professores é composto por jovens militantes e não militantes, porém, temos a responsabilidade de que todos cumpram satisfatoriamente esta missão pedida pelo nosso povo e pela nossa revolução".

Que actividades têm os militantes?

Organizamos actividades de carácter político, cultural e recreativo com jovens estudantes e militantes angolanos. Como irmãos que somos por razões históricas, convivemos não só nas aulas como em todo o tipo de actividades.

Tiveram dificuldades de adaptação?

Não. Somos jovens e além disso somos um grande grupo que vivemos juntos. Para nós a estadia em Angola é muito rica e tem um encanto muito especial. Sentimo-nos bem e contamos ir no futuro a outros países solidários que necessitem da nossa contribuição. Somos filhos de um povo internacionalista e a nossa prática é de acordo com essa herança.

Qual foi a tua experiência pessoal mais importante?



Maria Josefa Rivelino, Ieliz em Angola

Pouco difere a minha experiência da do resto do grupo. Só que eu tenho apenas um pouco mais de responsabilidade. Os nossos pais falavam-nos da exploração do homem pelo homem. Mas quando nós entramos para a escola o processo revolucionário já florescia em Cuba. Nascemos com a Revolução. Em Angola viemos encontrar uma situação muito diferente: um povo com quinhentos anos de exploração. Vemos ainda as marcas do colonialismo. Além disso, trabalhamos com a doença mais grave que deixa o colonialismo e todo o sistema de exploração: a educação. Sabímos que em Cuba também fora assim, mas não o tínhamos vivido.

O que faz o teu pai?

É trabalhador agrícola da província de Camaguey.

Como é a vossa relação com os angolanos?

Nós não pomos limites à nossa relação com o povo de Angola.

Fazem-lhes muitas perguntas sobre Cuba?

Sim, querem saber mais detalhes sobre a nossa revolução. Mas os jovens angolanos têm consciência que só conhecendo a sua própria realidade histórica poderão estar preparados para ajudar a sua pátria no difícil mas seguro caminho que

traçaram, o socialismo. A nossa tarefa aqui é apenas a de colaborar no caminho que os angolanos traçaram já.

Alicia Gonzalez tem 17 anos. Nasceu em Matanzas. Os seus pais são educadores do Instituto Superior daquela província. Ela dá aulas na escola "Angola Zinga". Tem 42 alunos no curso nocturno, das seis e meia às dez da noite.

Como vão os teus alunos?

São todos adultos, trabalhadores. Em geral têm bom aproveitamento, ainda que, por terem outras responsabilidades, não possam alcançar o mesmo rendimento que os alunos que só estudam e não têm qualquer outra obrigação. Dou Ciências Naturais.

Tens dificuldades com a língua?

Ao princípio sim. O problema era escrever... Falar é fácil, os alunos percebem-nos. Mas quando escrevímos eram eles mesmo que nos diziam: "professora, essa palavra não se escreve assim!". E algum mais aventureiro, levantava-se e corrigia-nos... Preparamos as aulas em português. Gosto muito de trabalhar aqui devido ao grande empenho e entusiasmo que põem os alunos.

E os companheiros de trabalho não cubanos?

São óptimos. Ajudam-nos muito. Somos um pequeno colectivo e qualquer preocupação é resolvida em conjunto.

Estás satisfeita com o teu trabalho?

Estou muito orgulhosa de fazer parte do primeiro destacamento internacionalista "Ché Guevara", porque ainda que sejamos jo-

vens o nosso partido apresentou-nos uma tarefa que estamos a cumprir o melhor que podemos.

Lourdes Gutierrez trabalha na Escola de Segundo Nível Angola Kanini.

"Fui eleita a melhor educadora da província de Luanda".

Eleita por quem?

Pelos meus companheiros. Foi um escrutínio interno.

Donde és?

De Havana. Estudo para professora em matemáticas.

Que reacção há por parte dos teus alunos às matemáticas?

As matemáticas desistem sempre um certo temor. O aluno fica com medo, porque pensa que não vai passar. E por isso que temos que nos esforçar para dar a matéria da maneira mais aliciante possível. O que requer da nossa parte um trabalho constante para que o aluno goste da sua frequência.

Há absentismo?

Há dificuldades, sobretudo com os alunos que vivem longe. Mas a todos nós nos impressiona o interesse que os estudantes angolanos revelam. Tenho até um aluno meu que é inválido, cuja preocupação pelo estudo é admirável.

Qual foi o momento mais inolvidável dos que tem vivido aqui?

O primeiro dia em que chegámos frente à classe e tivemos que começar a falar em português. Então olhava para as caras dos meus alunos e parecia ver o que pensavam: *Que estará a dizer a professora?* Gostaria de voltar depois dos dois anos e meio de estudos que ainda tenho de fazer em Cuba.



Jovens cubanos estão a estudar amárico na Universidade de Adis Ababa

Tens algum tipo de relação com os pais?

Conforme o trabalho do aluno. Ou seja, relaciono-me com eles através do trabalho na aula.

Há discussão política com os alunos fora das horas de aula?

O professor, além de actuar exclusivamente como educador, e para mais se vem para um país revolucionário, deve brindar ao aluno a assistência que este solicite, mesmo no terreno político. Por exemplo, temos ajudado no trabalho voluntário. Mas fazemos tudo de acordo com os companheiros angolanos.

Há alguma experiência que queiras contar?

Mais que uma experiência, uma constatação: eles vêem em nós um reflexo do que é uma geração de jovens provenientes de um país socialista e isso aumenta as nossas responsabilidades.

Maria Josefa Rivelino, de 19 anos, é de Santiago de Cuba. Sua mãe trabalha em casa e a sua família é modesta. Está feliz em Angola.

Que disseram os teus pais

quando souberam que tu vinhas?

Ficaram contentes.

E tu como te sentes?

Muito bem. Julgam sempre que sou angolana e falam-me sempre em kimbundo.

“NÓS NÃO TEMOS SALÁRIOS”

O professor Díaz Osorio dirigiu em Cuba a preparação do Contingente e à chegada a Angola foi designado para trabalhar com o grupo de Luanda, o mais numeroso. Outros quinze docentes chegaram também com a mesma função dele: a de “professores-guias”. Cada professor-guia colabora com os educadores do destacamento na preparação das aulas, fornecendo-lhes assistência técnico-pedagógica. Assistem às aulas como observadores após o que fazem recomendações. Além disso, viajaram com o grupo doze metodólogos que trabalham igualmente no apoio aos jovens educadores.

Professor Osorio, como é o problema da remuneração?



as escolas no campo

Valentine M. Dimoso é o jovem director da escola secundária de Ruvu. "As vezes é difícil saber como fomos escolhidos entre tantos", diz humildemente quando lhe perguntamos como chegou ao cargo que ocupa. Entretanto, apesar dos seus 33 anos, já tem um importante *curriculum* docente. Entre outras coisas, o de haver sido director de uma escola secundária técnica de mulheres na região de Tabora, durante cinco anos. Valentine frequentou os cursos da Escola de Formação Ideológica do Chama-Cha-Mapinduzi, o partido da Tanzânia.

A escola de Ruvu tem actualmente 512 estudantes, divididos em dois grupos. O que tem aulas de manhã, passa as tardes a trabalhar no campo e vice-versa.

O director comenta que no começo houve alguns tropeços, porque o sistema era novo, mas "agora se deixassem os rapazes escolher, nenhum deles quereria trocar o seu lugar aqui e ir para uma escola comum".

Quem são os alunos?

Há tanzanianos e estrangeiros. Estes são filhos de refugiados políticos da África do Sul, de Ruanda e do Uganda. Há diferentes canais para a escolha dos jovens, mas todos através do Ministério dos Assuntos Internos em colaboração com o Ministério da Educação. São quatro anos de estudo, pelo que ainda não temos graduados, mas estamos satisfeitos com os resultados obtidos.

Cada classe e cada dormitório (os estudantes vivem na escola) têm um representante eleito pelos jovens e que pertence ao Partido. Segundo o regime utilizado, não há alunos reprovados. Sempre se lhes dá novas oportunidades, além de haver incentivos para melhorar o rendimento nos estudos.

Os colaboradores cubanos em geral e os professores do contingente em particular não recebem remuneração pelo trabalho que realizam aqui.

No entanto, trabalhamos o mesmo que qualquer professor angolano, português ou de qualquer outra nacionalidade. Recebemos apenas mensalmente um quantitativo para gastos menores. Não temos nenhum privilégio que não tenha a população angolana.

YEMEN DEMOCRÁTICO UMA FACULDADE DE MEDICINA TRANSLADADA VINTE MIL QUILÓMETROS

Talvez seja este um dos aspectos mais espectaculares e, no entanto, mais ignorados da cooperação. Toda a equipa docente de uma faculdade de medicina transportada de Havana para o Yemen Democrático, adoptando por idioma o inglês e ensinando num país árabe.

Há quatro anos atrás, o Yemen Democrático solicitou a Cuba assessoria e cooperação para criar uma Faculdade de Medicina, explica-nos o Dr. Nelson Bustamante, urólogo e chefe da brigada de docentes naquele país.

"Posteriormente, veio de Cuba uma brigada para aqui fazer um estudo das condições. É a primeira vez que a Universidade de Havana assessorava este tipo de actividade fora de Cuba. A comissão decidiu que poderia ser concedida assessoria e foi assim que surgiu a Faculdade de Medicina em Adén. Creio que a decisão

foi muito meritória, pois não havia nenhum tipo de infra-estrutura. Houve que criá-la.

Havia apenas neste país um centro para formação de enfermeiras e técnicos de saúde. Os estudantes yemenitas tinham que partir para o estrangeiro se quisessem ser médicos. Alguns iam para países do campo capitalista e como geralmente sucede, acabavam por ser captados pelo sistema e já não voltavam. Adoptando uma medida revolucionária, o governo decide começar a formação de médicos no próprio Yémen, com um número inicial de matrículas de cinqüenta alunos.

Quantos docentes cubanos passaram por aqui?

Esta é a quarta delegação. As três delegações iniciais estavam viradas para a área de ciências básicas. Como se sabe, a formação profissional em medicina requer nos três primeiros anos do curso a aprendizagem de conhecimentos gerais para depois se iniciarem os estudos especializados das diferentes doenças e tratamentos. Foram 33 os professores que deram as ciências básicas.

E agora?

Em Janeiro de 1978 vieram oito professores da área clínica para preparar as condições do arranque da etapa seguinte. Éramos das especialidades de cirurgia, urologia, psiquiatria, anatomia patológica, medicina, laboratório químico, radiologia e ortopedia. Trabalhamos no hospital Al Gamudia, o maior do Yémen, e, em Outubro passado, foi iniciada a docência.

Nesses oito meses que trabalharam a preparar as condições para o arranque



Professores cubanos da Faculdade de Medicina transplantada do Caribe para Adén

do segundo ciclo do curso, o que é que fizeram?

Foi necessário transformar um hospital comum num hospital-escola. A discutir cada coisa com as autoridades. Elevou-se o nível de qualificação dos diferentes serviços, criou-se um departamento de patologia. Ou seja, uma série de elementos básicos e necessários para o curso.

Quantos alunos da primeira matrícula estão actualmente no quarto ano? Quantos passaram todos os anos?

Todos. Houve um pouco de deserção no campo, e até hoje só desistiram dois alunos.

E quantos alunos estão matriculados actualmente?

Uns 230 em toda a Faculdade. Três grupos, do primeiro ao terceiro estão na Faculdade de Medicina e o quarto está no Hospital Al Gamudia.

Há professores yemenitas?

Professores como tais não, a Faculdade ainda está no começo. E a nossa missão aqui não é apenas a de preparar estudantes como também os próprios médicos yemenitas que virão a

ser os futuros professores.

Em que língua falam?

Em inglês. Todos os cursos são dados em inglês. E decerto compreenderão que isso para nós é um grande esforço, mas... em árabe ainda seria pior.

Agora que o curso está iniciado vamos ficar aqui por mais dez meses para programar, desenvolver e acabar todo o ano escolar deste quarto curso. Ou seja, vamos estar no Yémen durante 18 meses a fio.

Qual é a média, em número de anos de experiência de docência, no grupo?

Dez anos.

“Eu tenho vinte anos de docência”, intervém o Dr. Jose Manuel Buchaca, professor de Medicina Interna da Universidade de Havana.

Antes de ser instalada a Faculdade de Medicina no Yémen cerca de 300 doentes em média eram enviados todos os anos ao estrangeiro para serem operados. O que representava para o Estado uma imensa despesa. Actualmente, cada caso é analisado para ver se requer ou não que seja enviado ao estrangeiro. O professor Guilhero Medeiros, professor de Cirurgia

do Hospital Calixto García, já efectuou várias intervenções cirúrgicas do tipo das que até há pouco tempo eram enviadas para o estrangeiro.

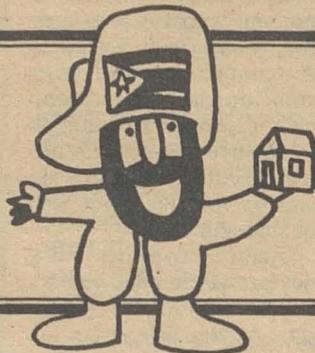
Todos os professores cumprem, além disso, funções de assistência às populações. Visitam outras províncias e trabalham simultaneamente na organização da saúde pública. No momento em que visitámos

Adén estavam a estudar a possibilidade de organizar uma campanha nacional de vacinação. A vacina do tétano — que é produzida já em Cuba, — poderia vir a ser enviada da Ilha. Note-se, no entanto, que para além dos médicos da Faculdade de Medicina existem brigadas médicas cubanas em diferentes pontos do país cumprindo tarefas assistenciais.

Vários estudantes yemenitas estão igualmente a cursar medicina na Faculdade de Havana.

Como nota interessante refira-se que inicialmente, na primeira matrícula, a percentagem de estudantes do sexo feminino era de 15 por cento e que já em 1978 a percentagem havia subido a cerca de cinquenta por cento.

a construção civil: pontes, casas e escolas



Técnicos e operários cubanos unem-se aos seus colegas africanos para reconstruir o que a guerra destruiu, ou para construir o que o colonialismo negou aos povos. A história de Segundo Carrera é um exemplo entre muitos.

Há um ensaio sobre o colonialismo no continente negro a que o autor (Walter Rodney) deu o título "Como a Europa subdesenvolveu a África". Se há um campo em que isto é evidente é no que se refere à infra-estrutura.

A África herdou do colonialismo apenas as estradas que foram necessárias para a evacuação das riquezas para a Europa, os portos que o possibilitavam, e as pontes imprescindíveis.

A construção civil tem, pois, na África um grande desafio diante de si. E os governos mais consequentes assumiram-no e estão a enfrentá-lo. Na Guiné-Co-

nakry, por exemplo, está em execução uma obra importante: uma estrada de mais de cem quilómetros que une a capital à região norte do país. Já está construída em cerca de 70 por cento. Os guineenses baptizaram-na de "Fidel Castro" porque o projecto foi possível graças à cooperação cubana. Concebida como uma obra integral, a cada trecho de determinados quilómetros são levantados de ambos os lados da estrada obras sociais, como escolas e postos médicos que ficarão para o futuro. A cooperação cubana é, também neste projecto, completamente gratuita.

NA TANZÂNIA

Na Tanzânia, a cooperação cubana na construção civil é relevante. Em 1975, um acordo com o governo cubano estabeleceu a edificação de três escolas secundárias totalmente construídas por Cuba, como oferta do povo cubano ou tanzaniano. Trabalharam nas obras 250 construtores cubanos, que utilizaram gruas, bulldozers e materiais pré-fabricados trazidos, na sua totalidade, da Ilha.

Quatrocentos jovens tanzanianos do National Servi-

ce (serviço militar obrigatório) trabalharam junto ao pessoal cubano, especializando-se na prática em diferentes ofícios da construção.

As escolas foram levantadas nas regiões de Kilosa e Ifkara, no centro do país (ao sul de Dodoma que será a nova capital da Tanzânia dentro de alguns anos) e em Ruvu, a pouco mais de setenta quilómetros de Dar-es-Salaam. Concluídas em Maio de 1977, estão a funcionar segundo um sistema de estudos e trabalho, semelhante ao cubano, com terrenos agrícolas próximos cultivados pelos alunos.

"Em Cuba, formamos também professores e directores. Eles viajaram ao nosso país para se familiarizarem com o sistema de trabalho — novo na Tanzânia, — das escolas secundárias no campo", dizia-nos Emilio Pérez Galdós, da Junta Central de Planificação de Cuba, que actualmente chefa o Gabinete de Cooperação na embaixada cubana em Dar-es-Salaam.

O valor das três escolas supera os dez milhões de dólares (75 milhões de shellings tanzanianos). Nos novos projectos, a cooperação com a Tanzânia faz-se de outra maneira. Cuba dá todos os materiais de construção (no valor de um milhão de pesos cubanos, pouco mais de um milhão de dólares) e como já há 400 técnicos tanzanianos — os jovens do National Service — eles são os construtores dos projectos em execução. Assim, em Kibiti, no sul do país, está a ser levantada outra escola secundária. Oito técnicos cubanos dirigem as obras. Está previsto que o novo

acordo incluirá a construção de hotéis, a ampliação da ponte que une as duas partes da capital, a construção de hospitais, etc. Assessorado por cubanos, o governo tanzaniano faz funcionar a unidade de pré-fabricação que lhe foi dada.

Na região de Mtwara e Lindi, das mais pobres do país, vão-se edificar mais duas escolas, para mil alunos cada uma (as anteriores são de quinhentos alunos). E já foram seleccionados os 16 educadores que se encarregão delas e que estão em Cuba desde o mês de Dezembro passado.

"Actualmente estamos assessorando os tanzanianos na produção de pré-fabricado, na mecanização e na brigada construtora de Kiviti", diz-nos José Ramos, chefe da delegação de assessores cubanos para a construção, na Tanzânia, e vice-director de desenvolvimento e investimento electro-energético nas cinco províncias orientais de Cuba. Ramos, natural de Camaguey, tem 37 anos e já cumpriu um na Tanzânia.

"Junto das obras em Kiviti estamos dando cursos

para 24 alunos sobre programação executiva, programação directiva, organização da construção, materiais, etc., etc. Pensamos que a brigada do National Service poderá terminar as obras em dois anos e meio, pelo que consideramos que é uma das empresas construtoras mais eficazes do país. Eles estão orgulhosos da técnica que agora dominam", acrescenta Ramos.

Na região de Kiviti, em três meses desapareceu a selva que era espessa, com macacos, leões e serpentes. Os nativos do lugar mostraram-se surpreendidos com a rapidez e a eficácia do trabalho. Mas ainda hoje os assessores cubanos não podem sair à noite porque as feras estão às portas da casa.

"A experiência na Tanzânia é enriquecedora de qualquer ponto de vista", comenta a arquitecta Gladys Farfán, que assessorou todas as construções. Gladys tem meio ano de Tanzânia, conta-nos que os seus filhos ficaram em Cuba e que o seu esposo está numa missão internacionalista na Etiópia. "Os miúdos estão orgulhosos dos seus pais e isso é um estímulo perma-



Tanzânia: laboratório de química da escola de Ruvu

nente para o nosso trabalho aqui". E acrescenta-nos um dado: a escola secundária de Mtwara cultivará onze mil acres de arroz, já que na zona há enormes extensões de terra fértil, bem irrigada e com pouco aproveitamento.

Existem em toda a Tanzânia apenas duas escolas técnicas para formação de canalizadores, electricistas, topógrafos, montadores, etc., o que faz com que os cursos dados junto às obras ajudem a cobrir uma área onde a procura é muito superior à oferta.

SEGUNDO CARRERA: VIETNAM, TANZÂNIA, E AMANHÃ...

Quando visitámos a escola de Ruvu, também fomos conhecer as instalações de pré-fabricação próxima. Encontrámos ali um afável construtor, Segundo Carrera Marin, de 52 anos, o único cubano a ficar, uma vez que os 250 operários regressaram a Cuba após a conclusão das obras das três primeiras escolas. Segundo Marin ficou como assessor dos jovens tanzanianos. É natural de Las Villas, "mas vivo há trinta anos em Havana, trabalho em pré-fabricados".

Quantos meses ainda fica na Tanzânia?

Quatro. Sou o único cubano dos 120 funcionários da fábrica.

Defende-se com o swahili ou com o inglês?

Nem com um nem com o outro, porque falo mal os dois. Entendemo-nos com algumas palavras em swahili, outras em espanhol e algumas em inglês.

Em espanhol?

Sim. Um dos rapazes tan-

zianos fala muito bem o espanhol, aprendeu-o com os operários cubanos quando construíam a escola. E quase todos falam um pouco.

Que fazia em Cuba?

Trabalhava na Empresa de Arquitectura número 9.

E depois nas microbrigadas da zona do aeroporto, durante quatro anos.

É esta a sua primeira missão no exterior?

Não, estive no Vietnam...

Quando?

Em 1974 e 1975. Quando chegámos, veio também



transportes urbanos

"Temos 103 motoristas que trabalham com os cem táxis que importámos", dizia-nos orgulhoso João Alfredo Manjate, um jovem moçambicano que desempenha o cargo de assessor do Departamento Económico e Financeiro do Ministério dos Transportes. Mas não é só ele quem se sente orgulhoso.

A racionalização do sistema de transportes, tanto em matéria de táxis como de autocarros para o serviço público, é um dos avanços mais visíveis nas cidades moçambicanas.

A formação de uma empresa estatal de táxis era uma das directivas do III Congresso da FRELIMO no campo dos transportes. E, a 24 de Julho de 1978, começaram os táxis a circular, exactamente três anos depois do Presidente Samora ter anunciado ao povo recém independente as nacionalizações do ensino e da saúde pública.

Rádio Táxi Maputo Empresa Estatal foi organizada com cooperação cubana. Foram instrutores cubanos que ajudaram a elaborar os cursos em 12 disciplinas (operação com o taxímetro, manutenção, reparação do equipamento, deveres do motorista, leis de trânsito, política do governo, etc.) que contaram com cerca de 92 por cento de aproveitamento. Com o apoio popular, através de uma campanha do diário "Notícias" e da Rádio de Moçambique, o serviço é cuidado e controlado. O aeroporto e o Hospital Central de Maputo têm já um serviço permanente de táxis.

Uma central de rádio, cujo equipamento foi comprado em Itália, controla o serviço.

Cinco cubanos acompanharam desde o início a formação da empresa. Entre eles encontra-se José

a vitória. Já tinham cessado os bombardeios e então começámos a construir estradas. Depois formámos também pessoal vietnamita e construímos com os próprios vietnamitas.

Aprendeu algo de vietnamita?



Sandoval, que trabalha na Direcção de Automóveis de Cuba, no Ministério dos Transportes, e que conta com mais de 14 anos de experiência. Sandoval veio a Moçambique como especialista para cooperar na formação da empresa. Mas já leva mais de 14 meses, tendo permanecido como assessor da brigada do sector de transportes.

No total, estão actualmente em Moçambique 112 cubanos cooperantes nesse sector (camiões, caminhos de ferro) e na aviação (rotas, controlo de tráfego, formação de pessoal). A experiência "forçada" cubana — esclarece-nos Sandoval — na recuperação de autocarros que ficavam fora de serviço também ajudou. De uma frota de 70 autocarros que havia em Maputo, cerca de 50 por cento encontrava-se impedida de fazer serviço. Actualmente cerca de 75 por cento da frota está na estrada.

Também na organização do tráfego interprovincial e de transporte de mercadorias em geral, a cooperação cubana desempenhou papel de importante solidariedade.

"Estamos mais que satisfeitos com o nível de aproveitamento dos companheiros moçambicanos. A eficiência alcançada supera todas as expectativas", diz-nos satisfeito Sandoval.

Idêntica observação nos fazem muitos outros cooperantes cubanos.

Em matéria de transporte, Cuba assessoria e coopera também com outros países africanos, particularmente com S. Tomé e Príncipe, onde os autocarros que circulam pela capital foram retirados do serviço em Cuba para serem enviados para aquela ilha atlântica.

Falo um pouco.

Coube-lhe viver o clima de guerra?

Na zona em que estávamos, podemos ouvir alguns dos últimos bombardeios, porque ficava a 70 quilómetros do paralelo.

Houve muitos cooperan-

tes cubanos na construção civil no Vietnam?

Houve um momento em que éramos uns mil cubanos, a construir a estrada, um hospital, um hotel e estabulos. Depois ficámos uns duzentos.

E esta é a primeira missão em África?

Sim, a primeira. Hoje estou aqui, amanhã poderá ser na Etiópia...

O "gorrião" deve estar grande...

Já não. Estamos acostumados a estar fora. E se me pedem, irei a outra missão.

Com quem é mais fácil relacionar-se, com um vietnamita ou com um tanzaniano?

Todos somos trabalhadores e temo-nos dado sempre bem, lá e cá.

Segundo levou-nos a sua casa, onde conversámos um pouco mais, sob o impacto da sua serenidade e modéstia. A casita está junto à fábrica, ao lado da dos operários tanzanianos. Segundo cozinha, lava a própria roupa e arruma a modesta habitação. "Estou acostumado a viver só".

E chegam-lhe notícias de Cuba?

Este rádio (*diz ao conduzir-nos para junto da sua cama, onde está um aparelho de rádio de ondas curtas*) é a minha comunicação permanente com Cuba e com a América Latina. Graças a ele estou em dia.

EM ANGOLA: EXEMPLO DE DISCIPLINA E TRABALHO

Luanda é uma cidade construída numa baía natural cercada por colinas e declives e uma arquitectura



Segundo Carreira: do Vietname ao interior da Tanzânia

vistosa. Mas os angolanos negros estavam contidos na periferia miserável dos *musseques* (os bairros marginais). Com a independência, um dos aspectos que mais preocupou o governo do MPLA foi dar uma habitação digna a todos os habitantes do país, no menor prazo possível.

Vários projectos estão em marcha. Um dos mais ambiciosos é o chamado "Brasil I" e "Brasil II", dois conjuntos de cem blocos de vinte habitações cada um, que adoptaram o nome da avenida Brasil em que se situam.

Dois mil e duzentos operários da construção, nas diferentes especialidades de canalização, acabamento eléctrico, e todas as necessárias para a conclusão de uma obra deste tipo, estão a trabalhar como voluntários em Luanda.

"Temos que assisti-los, porque mesmo doentes querem vir trabalhar", comenta-nos o jovem arquitecto de 31 anos, "Cordobês", que dirige a parte de obras do projecto. "Temos que discutir com eles para que aceitem ir ao posto médico ou permanecer na

cama se se sentem mal. Os níveis de rendimento superaram de longe os alcançados em Cuba, e estamos orgulhosos da disciplina do grupo, apesar de ser tão numeroso".

"A mim pessoalmente — acrescenta — coube-me organizar algumas sessões de cinema no acampamento onde vivemos, para distrair um pouco os companheiros. Se fosse por eles, tudo seria trabalho.

E a saudade, sentem-na às vezes?

Mantemo-la neutralizada com o trabalho. Mas às vezes toca-nos a alguns sentir o famoso "gorrião". Então vemos a cara do companheiro e dizemos-lhe: "espanta esse gorrião, que já te veio incomodar".

Aos domingos, há trabalho voluntário nas obras. Comentavam os operários que alguns deles ainda não conheciam as praias de Luanda, porque tinham preferido passar os fins de semana a trabalhar de alguma forma. Outros estavam mais interessados em usar os seus tempos livres para tomar contacto com o povo angolano e aprender mais coisas sobre o seu pro-

cesso revolucionário.

Sabem que na América Latina e no Mundo se conhece muito pouco do que vocês estão a fazer?

Sabemos que a propaganda imperialista nos apresenta como exportadores de revolução e até como neocolonizadores. Nós viemos aqui para contribuir. E com o único que podemos contribuir: com o trabalho e com o exemplo. Sentimos amor pelos demais povos e embora muitos de nós soubéssemos muito pouco de Angola antes de vir, acima de tudo estão os ideais. O Mundo do futuro não terá injustiças sociais como as que herdou este povo irmão e por isso não nos interessam nem as distâncias nem os oceanos, nem as cores dos homens, nem as línguas. Não há barreiras para o nosso desejo de ajudar.

Na zona do Brasil I e Brasil II, em fins de 1979, serão entregues cinco edifícios. É a parte da cidade próxima ao hospital universitário e o governo está a dar prioridade à população dessa área. Outra parte importante do projecto de construção civil angolano-cubano está no bairro do Golfe, na periferia da capital, uma das zonas mais combativas e de maior actuação na época da luta contra a FNLA e a UNITA. "São como as primeiras construções que se fizeram em Cuba depois do triunfo da Revolução", informava-nos o embaixador Agramonte, referindo-se às obras do bairro do Golfe.

"Também há cubanos a trabalhar com comissões angolanas que estudam a possibilidade de terminar os edifícios deixados a meio pelos portugueses",



«compartilham até a compota»

Ao pé das obras do Brasil I e Brasil II juntam-se pequenos pioneiros atraídos pela dinâmica das construções e pela possibilidade de conhecer melhor os cubanos. Apanham os materiais ainda por utilizar, como blocos e tijolos, que permanecem armazenados, e vão fazendo pequenas construções em maquetas, à imagem das que vêm os operários voluntários levantar.

Como se chamam?
Eu, António,
Eu, Fadi.
Vêm todos os dias à obra?
Todos não, porque não podemos.
Já fizeram alguma casa?
Sim, dez.
E tu, como te chamas? Tens amigos cubanos?
Eugenio. Sim, tenho amigos. Chamam-se Pedro e Domingo.

Meu amigo chama-se René, acrescenta António.
Falam em espanhol?
Nós não, mas nos entendemos.
E vão à escola? São pioneiros?
Sim, vamos à escola e somos pioneiros do MPLA.
Que aprenderam com os cubanos?
Muito.
Eu aprendi que "hay que trabajar porque el que no trabaja no come" ...
E eles, trabalham muito?
Sim, muito. Desde as seis da manhã até às duas e depois continuam.
E eles têm noiva?
Aqui não, em Cuba.
Somos sócios.
Sócios em quê?
Em tudo. Eles são bons.
São bons porque vêm a Angola trabalhar muito e porque quando têm latas, partilham connosco até a compota.

Quantos anos tens?
Nove.
Eu, onze, mas já fiz uma guerra.
Ah...
Sim, eu era pequeno, mas me lembro. Havia muita bala.
Agora é melhor, porque podemos sair à rua e ir conversar com os cubanos.

Para nós era real o que estavam a dizer-nos, e levaram-nos a um sítio um pouco afastado das obras e começaram a levantar "edifícios" com os blocos que estavam empilhados. Em poucos minutos apareceu "uma casa". Muitos meninos como eles certamente terão uma casa, já não em brincadeiras mas de verdade, quando as obras estiverem concluídas,

acrescenta o embaixador que também nos explica que parte da comida necessária para os cooperantes civis cubanos em Angola é trazida de Cuba.

O engenheiro Armando Estebanez, que deve ter mais de sessenta anos, está em Angola desde a época da independência. Participa no grupo que organiza a cooperação numa das áreas mais críticas e vitais: a reconstrução das pontes destruídas durante a guerra.

"Até 1977 éramos somente uma brigada. O crescimento obrigou, em 1978, à criação de uma empresa cubana de construções, já que passámos a dar a nossa contribuição também na construção de casas. Dos 400 que éramos em fins de 1978, somos agora mais de 2200. O governo deu uma grande prioridade à reconstrução das pontes destruídas. Em 1977, foram reconstruídas 23 pontes, embora fossem só 17 as programadas para restaurar. Em 1978 foram levantadas 20."

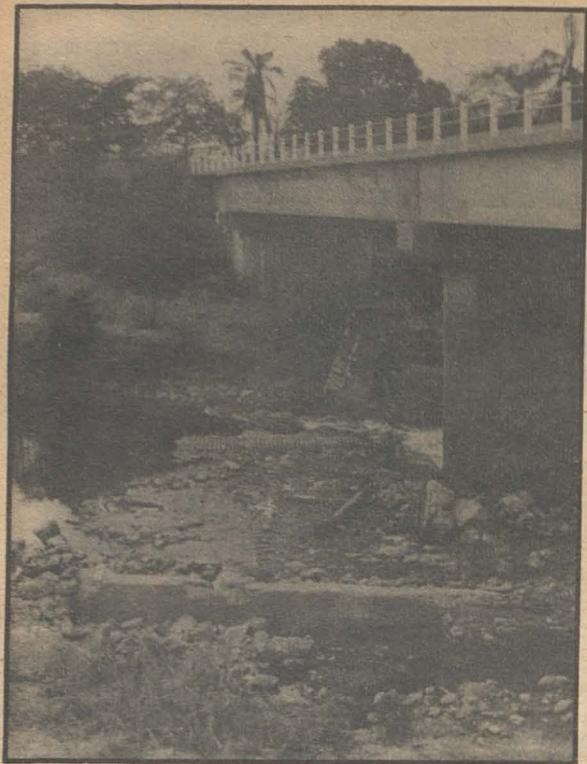
Estima-se que das cerca de duzentas pontes de Angola, 132 foram destruídas na guerra. Os contingentes cubanos estavam a trabalhar quando os visitámos, nas províncias do Zaire, fronteira com o país do mesmo nome, Kuando-Kubango, no extremo sul límitrofe com a Namíbia, e na Lunda. Para este ano de 1979 está programado o início da construção de tanques de água e depósitos.

"São verdadeiros soldadinhos da paz", comentou-nos Nazareth, uma brasileira que partilha os trabalhos de um grupo de cooperantes cubanos.

Os projectos de recons-

trução de pontes são orientados por quatro engenheiros na parte de projecto e um na parte de execução. Assim como na construção de casas há dois arquitectos, um de projecto e outro de execução.

"As cargas das pontes são actualmente de 80 toneladas, enquanto as anteriores (feitas pelos portugueses) eram só de 25 toneladas. São de concreto e a tecnologia de pré-fabricado usada é a mesma que utilizámos em Cuba", acrescentou às suas explicações o engenheiro Santibañez, quando nos acompanhava junto com Eugenio Oña, conselheiro da embaixada, numa visita a toda a zona do Caxito. As pontes sobre os rios Lifume e Dange estão já em uso e facilitaram as comunicações de Luan-
da com a região norte do país.



bezerros cubano-congoleses



Na pecuária, os cubanos levam a África e ao Mundo Árabe os avanços que realizaram no seu próprio país, através de programas de grande importância económica, como o da inseminação artificial. Desde a presença de Ché Guevara no Congo, em 1965, até ao êxito da primeira fazenda experimental de gado, em Brazzaville. Os rápidos progressos em Moçambique.

DESDE a nossa chegada ao aeroporto de Brazzaville, havia uma notícia que atraía as atenções

dos cubanos e dos funcionários congoleses com os quais colaboraram: os cinco primeiros bezerros congol-

-cubanos, nascidos poucos dias antes, estavam vivos e cresciam normalmente. Quando nos reunimos com

os dirigentes do departamento internacional do Partido Congolês do Trabalho, para organizar o programa de visitas, a fazenda onde os bezerros haviam nascido encabeava a agenda.

Havia sem dúvida uma justificação para o "vedetismo" dos bezerros. O Congo tem um grave défice na produção de carne e de leite, que são importados do Tchade, dos Camarões, do hoje chamado Império Centro Africano e de outros países, o que pesa consideravelmente na sua balança comercial. Algumas tentativas de criar um rebanho não vingaram no passado. Por detrás de razões evidentemente económicas, levantavam-se motivos de ordem técnica para torpedear tal projecto. Os franceses, colonizadores do Congo, diziam que o abandono dos projectos pecuários se deveu a obstáculos que não conseguiram ultrapassar: a mosca tsé-tsé e a ausência de pastagens que tornassem económica a criação de gado.

Quando os técnicos cubanos chegaram a Brazzaville para investigar as condições do novo projecto, tomaram conhecimento desses antecedentes. Estudaram os relatórios franceses, procuraram contactar alguns técnicos e instituições da França, percorreram o país, e terminaram por concluir que a doutrina estabelecida tem os seus pontos fracos. Junto com os técnicos congolese desafiar o diagnóstico francês e tentar avançar com o primeiro de uma série de catorze projectos que deverão ser implantados em diferentes regiões do país.



Os F-1, orgulho da nova pecuária congolesa

A decisão do governo, com base num novo relatório técnico, apoiou-se em duas conclusões da missão cubana. Primeiro, que são boas as condições para desenvolver no país um tipo de pastagem artificial, conhecido por *Sylozante*, com vinte e cinco por cento de proteína. A plantação desse pasto teve êxito em várias experiências. Quanto ao segundo ponto do voto francês, os técnicos congolese e cubanos chegaram à conclusão de que, a determinada altura e em certo tipo de micro-clima, não se encontram moscas tsé-tsé.

ENTRE A SAVANA E O RIO

A fazenda leiteira onde se realiza a primeira experiência fica a cerca de duas horas de Brazzaville, em viagem por auto-estrada. Situada entre a savana e o rio Congo, do qual dista uns vinte quilómetros, está a cerca de 360 metros sobre o nível do mar. O clima é mais fresco e muito amenizado pelos bosques de pinheiros, sob cuja sombra se abrigam os animais.

A história da pecuária congolesa remonta à primeira visita do Presidente Marien N'Gouabi a Cuba. Fidel presenteou-o com uma vaca leiteira e entusiasmou-o a desenvolver a criação de gado no seu país.

Definidas as linhas técnicas-científicas do projecto, o governo cubano ofereceu ao Congo os primeiros cinco touros reprodutores e noventa vacas, todos da raça *Holstein*. O importante do projecto era que não se tratava de implantar raças estrangeiras, nem sempre adaptáveis às duras condições do clima nacional, mas sim de cruzá-las com o gado autóctone, de raça *N'dama*. De pequena estatura e quase sem produzir leite, a vaca *N'dama* não oferece vantagens económicas maiores. Um problema que preocupa os técnicos era saber como aquele pequeno animal, cruzado com a raça *Holstein*, altamente desnevizada, poderia resistir ao parto. Técnicos congolese e cubanos assistiram as vacas parturientes com uma dedicação exemplar e o nascimento dos primeiros cinco bezer-

ros, já batizados com a sigla F-1, foi saudado com alegria pelos técnicos e funcionários do Ministério da Economia Rural e pelos funcionários da quinta leiteira.

O doutor Makietu Boniface, médico veterinário de 30 anos, formado em Cuba, e o médico veterinário cubano Manuel Agullo, de 33 anos, natural de Matanzas, foram os "assistentes de cabeceira" das cinco vacas N'dama prenhas. Relataram-nos que todos os nascimentos foram feitos com o auxílio de *forceps*. Esse parto colectivo foi resultado de muitos conhecimentos científicos e cuidados técnicos, principalmente no campo da genética.

A primeira medida tomada foi assegurar a sobrevivência dos primeiros 95 animais vindos de Cuba, cujos antepassados mais remotos tinham chegado à ilha procedentes do Canadá.

Depois foram criadas as condições para que, durante vários períodos, houvesse um cruzamento entre os recém-chegados, de maneira a que os seus primeiros descendentes congoleses já se fossem adaptando às condições da terra. Os pais dos cinco F-1 já eram congoleses de mais de uma geração. Hoje há mais de 250 animais gerados a partir dos 95 pioneiros.

Tudo isto explica o clima de vitória que rodeou o nascimento desses bezerros. Quando visitámos a fazenda leiteira, a "história clínica" registava que, nascidos com 13 a 15 quilos, os bezerritos aumentavam meio quilo por dia.

Durante a visita do ex-Presidente Yombi Opango a Cuba, em Maio de 1978,

ele solicitou a ampliação da missão cubana de cooperantes para a pecuária, de maneira que novas fazendas leiteiras e outras destinadas à produção de gado de corte fossem criadas em todo o país.

Silvio Rodríguez, que nunca tem a ver com o cantor da Nova Trova Cubana e tem de explicar sempre que o seu nome é igual ao do músico apenas por coincidência, está a trabalhar com os seus colegas na preparação de condições para a chegada ao Congo de novos contingentes de gado cubano, agora das raças *Charolais*, *Santa Gertrudis*, *Zebu*, *Brow Swiss*, *Jersey* e *Ayrshire*, que também serão cruzadas com a N'dama, em novas experiências genéticas. Silvio é um engenheiro pecuário de 30 anos, da província de Matanzas, como Manuel, e trabalha em Cuba na Empresa Pecuária Genética da sua província.

O director-geral da quinta leiteira é Isidore, engenheiro pecuário, também formado em Cuba, e casado com uma médica cubana. Está confiante na importância económica deste projecto que, a médio prazo

influirá beneficiamente na dieta do povo congolês, uma das metas fundamentais do processo revolucionário que o país vive.

LEMBRANÇAS DO CHÉ

Quando o ex-presidente Yombi Opango esteve em Cuba, a fazenda leiteira era representada por um dos seus trabalhadores, o aldeão André Monièle, que fazia parte da comitiva presidencial. Monièle estava em plena actividade durante a realização da reportagem na fazenda. Ele contava-nos que os trabalhadores organizaram-se numa brigada e decidiram por votação unânime denominá-la "Ché Guevara". Quando lhe perguntámos se alguém da aldeia tinha visto o Ché na sua passagem pelo Congo, disse-nos que não. Mas todos os trabalhadores congoleses — acrescentou — sabem muitas coisas a respeito da vida de Guevara e têm uma grande admiração por ele.

Um dos problemas que o Ministério da Economia Rural enfrenta para instalar novas quintas experimentais é o da água. Estudos especializados estão a ser

À sombra dos pinheiros, o gado congolês descendente dos 95 vindos de Cuba





Trabalhadores da brigada Ché Guevara congolesa

realizados em várias partes do país. O dr. Anatole Goma Kick, chefe do Serviço Nacional de Zootecnia e Medicina Veterinária do Ministério e lúcido conhecedor dos problemas do seu país, disse que se poderá solucionar o problema da água do mesmo modo que se puderam encontrar soluções técnicas para a questão das moscas tsé-tsé e da pastagem. Disse-nos que também nesse campo o seu governo conta com a cooperação cubana e que nesses dias havia chegado ao porto de Punta Negra, no sul do país, uma perfuradora dada por Havana para apoiar os projectos.

As catorze novas fazendas serão de produção de leite, carne e cruzamentos, e chamar-se-ão "Centros Experimentais Genético-Bovinos".

Goma Kick observa-nos que a França, mesmo pos-

suindo gado Charolais que é um orgulho do país, nunca fez nenhuma tentativa de implantá-lo no Congo, nem sequer para demonstrar que era tecnicamente impossível. Este profissional formou-se também em Cuba, é casado com uma médica cubana e teve o seu primeiro filho mais ou menos na mesma época em que nasceram os cinco bezerros, o que o obrigou a uma dupla preocupação.

Um colega da informação em Brazzaville fazia-nos esta observação: "*Os norte-americanos mandam-nos os F-5, enquanto Cuba nos ajuda com os F-1*". Diferença: os F-5 são aviões de destruição e os F-1 podem ser um factor de desenvolvimento para o seu país.

O percurso entre Cuba e o Lago Victória, no extremo norte da Tanzânia, realizado por 44 touros repro-

dutores dados pelo governo cubano ao governo tanzaniano, é uma história novela. Cruzaram o Atlântico num barco até Dar-es-Salaam. Daí viajaram mais de 1100 quilómetros em estradas e regiões sem estradas, atravessaram, inclusive, os famosos parques nacionais de Seregneti e Gorongoro, que revelaram aos touros uma paisagem inédita, com leões, girafas, tigres, etc., que no futuro lhes ia ser familiar.

A DOIS QUILÓMETROS DA ALDEIA DE NYERERE

O destino final era o recém-criado Centro Experimental de Inseminação Artificial, localizado a dois quilómetros de Butiama, na região do Lago Victória, uma pitoresca aldeia onde nasceu o presidente Nyerere e em cuja cooperativa

agrícola ele exerce as suas actividades de trabalhador do campo, em curtos intervalos.

O governo tanzaniano está a fazer um grande esforço para tecnicizar e ampliar a pecuária, no que enfrenta dificuldades de natureza cultural e também a resistência de criadores de gado que, em certas áreas, são ainda muito influentes.

No Centro de Inseminação Artificial, dado por Cuba, trabalham mais de uma dezena de técnicos cubanos. Nele funciona uma escola de inseminadores que deverá atender as necessidades iniciais do projecto bovino em todo o país. A primeira etapa dos cursos já frequentada por 34 alunos que revelaram um alto índice de aproveitamento.

Numa região próxima, há outro Centro de Inseminação, ainda em construção, a ser instalada por um convénio com o governo sueco.

Um dado interessante é que o centro dado por Cuba foi construído pela mesma brigada de trabalhadores que fez as obras das escolas secundárias, também oferecidas por Cuba e cujos materiais foram todos trazidos da ilha.

O presidente Julius Nyerere e o Partido Revolucionário "Chama Cha Mapinduzi" deram prioridade absoluta à solução do problema alimentício na Tanzânia, através de uma série de medidas modernizantes, não apenas nas cooperativas, nas "ujamaas", como também na técnica agrícola, na melhoria da infra-estrutura aviária e na busca de aprimoramentos na pecuária.

A Tanzânia tem actualmente quinze milhões de

cabeças de gado. Para uma população de cerca de doze milhões de habitantes, já é um rebanho apreciável, mas, em geral, trata-se de gado de pequeno porte e de pouca produção leiteira. O esforço governamental concentra-se agora na melhoria do tipo de gado a ser criado.

Os funcionários cubanos que lá estão são gente experimentada, ocupam posições importantes no seu sector de trabalho em Cuba. Dois dos directores do projecto de inseminação são: Evelio Peña Guillén, médico veterinário da província de Granma, onde é Chefe de Saúde Animal e do Laboratório do Centro de Inseminação, e Trino Ballester Torres, da proví-

cia de Holguín, onde tem o cargo de Chefe do Departamento de Reprodução Bovina, com onze anos de trabalho em reprodução animal. "O nosso objectivo é cooperar na preparação de quadros tanzanianos para que este projecto pecuário fique inteiramente nas mãos do governo deste país", disseram-nos aqueles técnicos.

DO MAR VERMELHO AO ATLÂNTICO

A pecuária é uma preocupação de diferentes governos africanos, comprometidos em projectos que ofereçam bases novas para a alimentação do povo. Os cubanos estão a cooperar em projectos desta nature-



Produzir mais leite para solucionar o problema alimentar

za em vários outros países, além da Tanzânia: Serra Leoa, no Atlântico, Moçambique, no Índico, Etiópia, no Mar Vermelho, e Iraque, no mundo árabe.

Neste campo, a cooperação cubana na Etiópia será muito ampla. Já estão a chegar ao país os primeiros 150 técnicos que trabalharão no aperfeiçoamento genético do rebanho, na reorganização e desenvolvimento da indústria de produtos farmacêuticos veterinários e na instalação de uma Faculdade de Medicina Veterinária que deve começar a funcionar este ano. Técnicos cubanos estão também na Serra Leoa, cuja pecuária padece dos problemas do subdesenvolvimento.

O governo moçambicano está a realizar um grande projecto com vista a desenvolver e tecnicizar a criação de gado. O Ministério da Agricultura e Pecuária é o centro administrativo encarregado de aplicar neste campo as normas do partido e do governo.

A cooperação cubana começou em 1976, com um grupo de dez técnicos, e deve-se ampliar aos sectores económico, produtivo e de serviços do projecto pecuário.

O funcionário encarregado do gabinete de cooperação, Diez Barrera, mostra um grande optimismo sobre a eficácia do projecto do governo moçambicano. As instalações deixadas pelos portugueses neste sector nada tinham em comum com uma estrutura moderna e tecnicificada. O governo está a modernizar e a recriar tudo. Na opinião de Diez, o trabalho de vacinação e os cuidados dispensados ao gado através desse projecto já deram resulta-

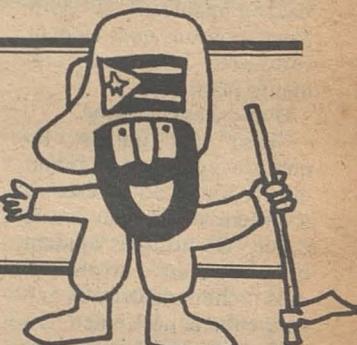
dos muito positivos. Inclusive, Moçambique já produz as suas próprias vacinas.

Oitenta e quatro técnicos auxiliares moçambicanos de todas as províncias já se tinham formado em fins do ano passado, quando estivemos em Maputo. Os técnicos cubanos que assessoraram a actividade pecuária e também no projecto educativo relacionado com o gado, consideraram que o aproveitamento dos alunos foi óptimo.

"Foram bons estudantes e revelaram sempre uma grande capacidade de absorver conhecimentos avançados. Além disso, todos os

cubanos que aqui estamos temos a melhor opinião sobre a capacidade do povo moçambicano em superar-se em todos os campos, desde a educação à actividade política. O que vimos no caso do leite é típico. Após uma campanha permanente dos grupos dinamizadores do partido junto às mães, para que os seus filhos consumam leite, são elas hoje quem pressiona as estruturas do interior do país para que tenham sempre disponível esse produto. E também aqui, na produção leiteira, os progressos foram grandes", declarou Diez Barrera.

os pintos do deserto



Nos arredores de Adeén, realiza-se uma frutuosa experiência avícola. Os cubanos nesta iniciativa governamental e em outros projectos semelhantes de Moçambique e do Congo.

Apoucos quilómetros de Aden, começa o deserto que se estende até à Arábia Saudita. O Yemen é um país quase todo desértico e isso influiu historicamente na cultura do povo.

Hoje, algumas regiões, principalmente na Terceira e na Primeira Província, a paisagem está a transformar-se. Quando saímos da capital para a zona de Dara-Saad, por uma estrada com o mar de ambos os la-



Aviários imensos e modernos em pleno deserto

MEC/AB

dos, as areias brancas parecem estar a ganhar terreno ao asfalto.

Depois de meia hora de viagem aparecem no horizonte bosques que, evidentemente, foram recentemente plantados.

O que é esse bosque?

"Para criar frangos, temos de evitar ao máximo que as areias do deserto se levantem e afectem a sua saúde. Os bosques ajudam nesse sentido", explicavam o chefe da brigada avícola cubana no Yemen, Ortello Triana López, enquanto o jipe nos levava aos aviários.

Oito granjas avícolas em cinco províncias é a etapa actual da cooperação yemenita-cubana neste campo. Como é notório, a avicultura foi um dos recursos mais eficazes e rápidos que os países revolucionários desenvolveram para melhorar a dieta do povo, aumentando deste modo o consumo de proteínas. Os excelentes resultados de Cuba neste campo incentivaram o interesse dos africanos e árabes em receber cooperação, para começarem a desenvolver a mesma técnica nos seus países.

No Yemen Democrático, em 1978, foram produzidos quinze milhões de ovos, e para 1979 está previsto atingir a cifra de 35 milhões, um incremento notável. O projecto começou em 1973 e estabelecia a meta que se espera alcançar este ano: 35 milhões de ovos e 180 toneladas de carne.

A infra-estrutura actual consta de granjas de galinhas poedeiras, de reproduutoras, estufas de incubação e fábricas de rações, vindas na sua totalidade de Cuba como uma contribuição do povo cubano à revolução yemenita.

Há em todo o país dez assessores cubanos, o chefe de brigada, assessores de genética, de nutrição, professores de mecânica industrial, técnicos em controlo biológico, médicos veterinários, etc.

O plano em execução só previa a produção de ovos, mas, depois da visita da missão cubana, o governo yemenita solicitou desenvolver também o plano de carne. Foram enviados de Cuba os ovos férteis de quatro linhas genéticas puras, para a produção de car-

ne.

Existe também uma escola que é assessorada por cubanos, para a formação de técnicos médios. Já se concluíram dois cursos de 36 alunos cada. E, durante três anos, houve yemenitas a formarem-se em Cuba para, no regresso, assumirem a direcção das granjas.

"Aqui todo o trabalho com as galinhas é feito por mulheres. Dos 94 trabalhadores que temos no total nesta granja, setenta são mulheres. É uma proporção muito significativa para um país árabe", dizia-nos Saleh Bin Haider, director do Instituto de Desenvolvimento da Avicultura, sem dissimular o seu orgulho pela obra.

Todas elas passaram pelas escolas?

Uma parte delas frequentou as escolas, são as que trabalham como técnicas. As restantes tratam directamente dos animais, são trabalhadoras. Todas assistem a uma palestra periódica em que se lhes explica as técnicas utilizadas nos cuidados a ter com os animais — acrescenta Orlando Parra Pérez, médico veterinário cubano.

"A primeira meta é substituir a importação de ovos e isso não está muito longe, comenta Ortelio Triana", que nos mostra as instalações, juntamente com o director.

Para visitar os "bebés", tivemos primeiro de pisar uma solução de produto desinfetante, "porque os sapatos trazem muito microrganismos", alerta-nos o director. Quando lhe perguntamos se há já algum reflexo da actividade das granjas na alimentação popular, respondeu-nos que começa a havê-lo e que o povo se



A atenção aos pintos recém-nascidos

hábituou já a comer ovos, o que elevou substancialmente a procura.

Como te chamas? — perguntamos a uma jovem que cuidava os pintos mais pequenos.

Como ela não falava inglês, tivemos necessidade de uma intérprete.

“Alam”, respondeu, enquanto continuava a sua tarefa de cuidar dos pintos que corriam temerosos de um lado para o outro.

Se elas não falam inglês, como é que vocês se entendem? — perguntámos a Ortelio.

“Em árabe. Tivemos de aprender as mínimas palavras indispensáveis para dar as instruções às trabalhadoras. E a coisa vai andando...”

Certamente, quando Ortelio partia de Las Villas para Aden, há treze meses atrás, não suspeitava a riqueza da experiência que o esperava.

“Estamos muito gratos à cooperação cubana, pois, sem eles, isto não existiria” — dizia finalmente na despedida Saleh Bin Haidar, em nome do seu governo.

NASCEM PINTOS TAMBÉM NO RIO CONGO E EM MAPUTO

Em Pointe Noire, Brazzaville e Lubomo vão ser criadas as três primeiras granjas avícolas do Congo. Três técnicos cubanos eram esperados para se iniciar o projecto nos dias em que lá estivemos.

Primeiro, como é norma, uma delegação tinha percorrido o país a recolher dados necessários para pôr em marcha o projecto e, em fins do ano passado, chegaram de Cuba os ovos fecundados e os pintos. “Para que não tenhamos

que importar mais frangos no futuro”, dizia-nos um técnico congolês.

A procura interna actual no Congo é de dez milhões de ovos por ano e espera-se que a produção racionalizada e tecnificada nas granjas supere amplamente já neste ano os níveis antes alcançados no país. As instalações a utilizar já existiam, pelo que o investimento foi quase nulo. Simplesmente, mudou-se a orientação e racionalizou-se o uso da infra-estrutura.

Também o governo moçambicano tem grande interesse no desenvolvimento da avicultura como recurso para melhorar a dieta do povo em proteínas a curto prazo. Com a ampliação da infra-estrutura herdada do colonialismo e com a colaboração cubana desde 1977, tanto de técnicos médios como de operários com vários anos de expe-

riência na produção, foi criada a Empresa Nacional de Avicultura, e está a funcionar a Escola de Formação de Auxiliares Técnicos, com um programa simples mas básico.

"As condições climáticas são magníficas", dizia-nos um técnico cubano. A meta estabelecida pelo governo é triplicar a produção em 1981.

"A empresa Nacional Avícola nasceu da intervenção do Estado em várias companhias, algumas de capital transnacional, outras de capital português, que estavam empenhadas na sabotagem económica", explica-nos o técnico moçambicano Álvaro Meirelles, sub-director adjunto e responsável da produção da referida empresa. A directora é uma moçambicana, Maria do Rosário Leite.

"Actualmente já superámos a produção de 1973, o ano de melhores resultados durante o colonialismo", explicou-nos o funcionário.

A produção actual é de 50 a 55 toneladas de carne semanais. E a meta para 1980 é de dez mil toneladas de carne e 80 milhões de ovos. Ainda permanece no país algo da avicultura privada, controlada pela Direcção Nacional de Pecuária.

E a cooperação cubana? perguntamos.

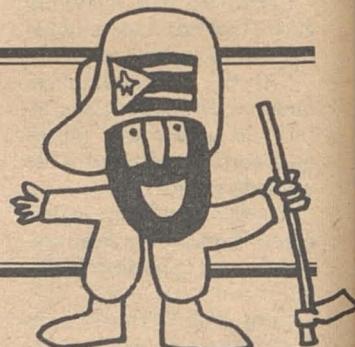
"Como é lógico, ao serem intervencionadas estas unidades de produção, por diferentes motivos, muitos dos técnicos abandonaram o país. Alguns estavam, inclusivamente, vinculados à sabotagem realizada pelas suas empresas. Como a FRELIMO considera a avicultura um sector prioritário da economia, foram assinados convénios entre o Estado moçambicano e o Estado cubano. Já chegaram os primeiros quinze especialistas que estão há um ano no nosso país, para a formação de quadros e para assessoria técnica. Na zona de Machava, funcionários

cubanos deram um curso num ex-aviário privado, a 36 alunos. Actualmente, esses quadros estão, por sua vez, destacados para a tarefa de formar novos quadros. Os cubanos são bons, como técnicos ou como professores".

Em Moçambique já se fizeram estudos para substituir algumas das matérias-primas que são utilizadas nos alimentos dos animais, como a farinha de peixe. Vai-se substituir a farinha de peixe por soja, com a assessoria de uma equipa brasileira. Actualmente a farinha de peixe é importada de Angola.

Grandes obras se estão a realizar no sul do país. Já há estabelecimentos de incubação, aviários de multiplicação, para ovos e para carne, um sector de produção de ovos comerciais, como substitutos para a carne na etapa actual. E há frigoríficos industriais. A empresa estatal já está a produzir os seus próprios recursos.

cooperação agrícola



*Açúcar, tabaco, produtos hortícolas e serviços de apoio:
a cooperação cubana em vários países africanos e árabes.*

A maior parte da população de África é camponesa. No entanto, a agricultura é primitiva e,

em muitas regiões, serve exclusivamente para a subsistência. Mas é um dos pilares da economia, por isso

os países empenhados em conseguir a independência económica estão a realizar ambiciosos programas no

campo agrícola, mudando radicalmente os critérios de trabalho da terra, as formas de propriedade, a comercialização.

Em Cuba a agricultura também é vital, a cana de açúcar em particular. E, neste sector, a cooperação afro-cubana tem-se incrementado nos últimos anos. Na Etiópia, por exemplo, onde houve uma transformação radical na propriedade da terra, que foi entregue aos camponeses, trezentos especialistas cubanos prestarão uma assessoria completa em todas as áreas, desde o Ministério da Agricultura às entidades regionais e aos centros de produção. Um grupo pioneiro de 40 técnicos chegou em fins do ano passado para elaborar os programas. A meta: garantir a alimentação a todo o povo, objectivo que o governo revolucionário considera de grande prioridade.

Um dos projectos já aprovados é o aperfeiçoamento da semente de milho e de cevada, que pode tornar-se decisivo na elevação da qualidade de ambos os produtos. Outro, é o que prevê a constituição de grupos integrados de seis ou oito especialistas que trabalharão junto ao pessoal etíope nas fazendas estatais. Far-se-á, então, uma organização Nacional dos recursos humanos e da maquinaria disponíveis. Tratamos de trazer os melhores técnicos, dizia-nos o embajador Buenaventura Reyes.

Também será prestada cooperação na indústria açucareira e nas plantações de cana. A Etiópia produz actualmente o açúcar que consome, mas quando todo o povo puder consumir, será necessário importar. Pa-



Cana de açúcar: sector em que os cubanos são imbatíveis

ra evitar isto, desde já se estão a prever os planos para incrementar a produção. Já há quadros etíopes se especializando em Cuba.

As plantações de tabaco serão melhoradas. Por agora, a produção é baixa, pois o mercado interno é pequeno, os etíopes quase não fumam. No entanto, as plantações serão levadas a produzir o máximo, pois este sector pode ser fonte de divisas. Setenta e cinco por cento do Produto Nacional da Etiópia é constituído pelo sector agro-pecuário: café, cereais, grãos e gado.

Relacionado com o aspecto agrícola está a cooperação em irrigação. Técnicos cubanos no assunto estão em vários países. Na Etiópia, concretamente, os recursos hidráulicos são

grandes. Vinte especialistas de Cuba estão a estudar a construção de represas pequenas e médias a curto prazo, para ajudar o cumprimento da meta: propiciar alimentos a todo o povo no mais breve lapso de tempo possível.

A cooperação agrícola também é feita com a Guiné-Bissau, em particular na produção do tabaco; em Madagascar (açúcar); no Congo; na produção de açúcar em Angola, onde a escola técnica "Amílcar Cabral" funciona com um sector florestal; na Serra Leoa (agricultura de cana); no Iraque (agricultura em geral); em Moçambique (açúcar) e em Cabo Verde.

Quando os portugueses, ingleses e maurícios abandonaram de um dia para o outro as fábricas de Mo-

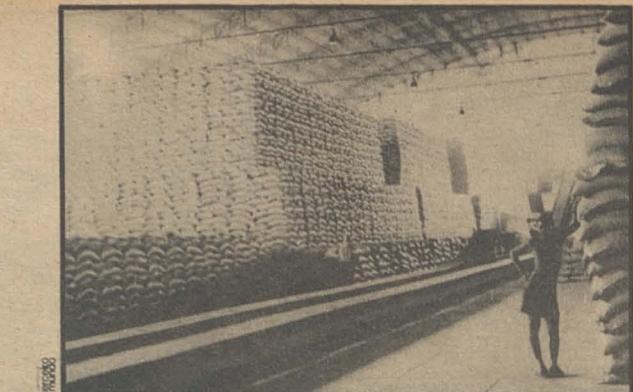
çambique, as forças do colonialismo pensaram que poderiam aplicar um golpe mortal à recém-proclamada República.

AS AÇUCAREIRAS DE MOÇAMBIQUE

Sabiam que não tinham preparado um número suficiente de quadros técnicos durante o período colonialista para atender às exigências dessa agro-indústria. Mas o governo de Moçambique não somente mobiliou todos os recursos nacionais disponíveis, como obteve em poucos dias o apoio cubano. O que os técnicos e trabalhadores de Moçambique fizeram neste período, com a assistência dos companheiros do Caribe, comprova a potencialidade do trabalho nacional e anuncia um futuro brilhante a esse sector da economia do país.

Quase todas as fábricas já estão a trabalhar em pleno funcionamento e foram aprovados planos governamentais que prevêem consideráveis aumentos na produção de açúcar, tanto para o consumo interno como para a exportação.

A visita à fábrica de Maragra, no sul de Moçambique, foi particularmente interessante. A fábrica foi deixada pelo regime anterior em péssimas condições. As plantações de cana tinham sido atacadas por uma doença e havia verdadeiros cemitérios de máquinas e aparelhos sem peças sobressalentes. A capacidade de produção da fábrica é de 80 mil toneladas por ano. Na época do colonialismo nunca chegou sequer a 50 por cento dessa produção.



Fábrica de Maragra: a produção de açúcar aumentou de 12 mil toneladas em 1977 para 19 mil em 1978

Em pouco mais de dois anos, a direcção da Maragra pensa superar as quarenta mil toneladas anuais e avançar na conquista da meta máxima, as oitenta mil toneladas.

Importantes obras de irrigação e de defesa das plantações melhoraram consideravelmente a produção. E um trabalho engenhoso e dedicado de operários moçambicanos está a recuperar a maioria dos equipamentos cujas peças de reposição vinham da África do Sul.

O director Rui Felipe Madrugo, um trabalhador moçambicano, fala-nos com entusiasmo da coope-

ração cubana. E diz-nos que há um grande sentimento de unidade entre todos, moçambicanos e cubanos.

Os engenheiros José Rodriguez Landrove e Miguel Amador e o técnico Pedro Rodriguez, assessores cubanos a nível nacional, dizem-nos que não é só esta açucareira de seis mil trabalhadores a melhorar a sua produção e a introduzir técnicas modernas, mas outras, em diferentes regiões do país, também o estão fazendo. Eles conhecem bem o problema açucareiro e estão muito confiantes no futuro desta agro-indústria moçambicana.

comunicações

Tal como em tantos outros sectores, após a independência, o correio e o serviço telegráfico ficaram desorganizados em Angola. Os funcionários, quase todos portugueses, tinham fugido do país. E os que tinham ficado eram insufi-



cientes para pôr o serviço a funcionar. O governo procurou encontrar soluções urgentes, dada a importân-



A alegria de receber cartas: para os cooperantes cubanos a importância das comunicações é evidente (Luanda, 1978).

cia vital dos serviços. A União Postal Mundial — organismo das Nações Unidas — e o Programas das Nações Unidas para o Desenvolvimento, PNUD, estabeleceram um acordo com Angola para cooperar na reorganização do serviço de correio e telégrafos.

Querem ver a cooperação cubana? Não podem deixar de ver os outros, os funcionários cubanos internacionais?, dizia-nos o delegado das Nações Unidas em Luanda, o boliviano Jaime Balcázar.

Um cubano funcionário internacional? E fomos. Na escada fomos recebidos por um cartaz que dizia: "Benvindos à Escola de Formação Postal e Telegráfica". O local está situado num primeiro piso, mesmo por cima dos serviços centrais do correio, na baixa

ribeirinha da capital.

A escola foi fundada em conjunto pelos serviços dos correios angolanos e a ONU. O director, José António Vieira, antigo funcionário dos correios explicava-nos emocionadamente como funcionam. Há oito instrutores dando cursos de reciclagem de dois meses para os funcionários. Dão-se aulas de Geografia, administração, cobranças, reembolsos, encomendas, vales, organização do serviço postal e telegráfico, matérias financeiras (estatísticas e controlo de qualidade) e matéria complementares. São cursos intensivos onde são dadas aulas também de gramática portuguesa.

Todos os alunos já são funcionários dos correios, mas agora passarão a trabalhar "com conhecimento

de causa", como diz António Vieira. De agora em diante, todos os novos funcionários terão de frequentar a escola antes de começar a trabalhar.

Quando a visitámos estávam a ser dados vários cursos em simultâneo. Para os que estavam na fase de reciclagem, para os que vinham substitui-los, para os que — tendo já passado a reciclagem — se preparam para ensinar o que aprenderam em diversas cidades do interior do país, e, ainda, para os que vão ficar a dar cursos em Luanda. Um ciclo que se pode repetir sempre que necessário.

Para este ano está previsto que só na capital assistam aos cursos mais de 100 pessoas. Além disso, serão dados cursos mais completos de quatro meses, aos



Um símbolo da cooperação cubana: a enfermeira Minerva com a foto do Ché, próximo do Kilimanjaro, na Tanzânia

funcionários que já passaram o primeiro e cursos especiais de dois meses para os chefes de secção.

Com este enorme esforço, dentro de muito pouco tempo será possível a reabertura de algumas estações no interior do país, que continuam ainda fechadas, bem como melhorar a qualidade do serviço, que há dois anos atrás "ficou de tanga", como diz jovialmente o director.

E os cubanos? De facto, foram Júlio César Serrano Leyva, chefe do projecto e José Pompilio Vega, especialista em formação postal, quem organizou o projecto e quem com a tenacidade do seu trabalho e o enorme apoio e entusiasmo dos alunos e do director, triplicaram as metas estabelecidas no projecto original do PNUD. Pois a formação de professores entre os próprios alunos (funcionários) e a extensão dos cursos ao interior do país não estavam inicialmente previstos.

"Estou acostumado a que os peritos se queixem de que o plano a cumprir é muito ambicioso, mas aqui deu-se o contrário", comenta Jaime Balcázar.

"Neste momento esta-

mos a formar dois quadros angolanos para que em breve possamos ser substituídos e Angola possa tomar totalmente o controlo da escola", diz-nos Júlio César Serrano, entusiasmado com os resultados obtidos. "O êxito dos cursos foi tão grande que já temos pedidos de quase todas as províncias. De Dalatando, por exemplo, já nos chamaram porque há trinta alunos à espera".

Visitámos uma das aulas. O professor, antigo funcionário, era um homem de já alguns anos. "Se alguma vez alguém me tivesse dito que eu era capaz de dar uma aula de qualquer coisa, nunca teria acreditado", confessa-nos. No entanto, vimo-lo dar uma aula que prendia a atenção dos seus trinta alunos. Antes da independência ele era seguramente um ignorado empregado dos correios.

Quando algum tempo depois encontrámos na Etiópia Nilo Portela, do Comité Estatal de Cooperação Económica de Cuba, que guarda na sua cabeça todos os dados sobre a cooperação, e lhe contámos este caso, disse-nos: "Eles recebem pelo seu trabalho o mesmo que qualquer dos cubanos

em missão internacionalista. O salário que paga as Nações Unidas é utilizado pelo nosso governo para poder incrementar a ajuda a outros países que a queiram. Nós não fazemos diferença entre os que saem para o estrangeiro como funcionários internacionais e os que partem como cooperantes. Nem eles aceitariam que fosse de outra maneira."

TAMBÉM NA ETIÓPIA E EM MOÇAMBIQUE

"Em matéria de cooperação na área das comunicações, os maiores resultados centraram-se na emissão filatélica, na comunicação telefónica e de telex e no estabelecimento da rede topográfica, coluna vertebral das comunicações moçambicanas", explica-nos o chefe do departamento respectivo e conselheiro económico da embaixada em Moçambique, Isidro Diez Barrera.

Também em Moçambique foram dados cursos de formação para restabelecer o sistema de comunicações telefónicas, destruído por um bombardeamento da aviação rodesiana em Outubro de 1977. Cento e sessenta e oito alunos concluíram já o curso de formação e prática e outros tantos estão em vias de o concluir.

E também se manifesta a cooperação cubana na manutenção da rede de comunicações, onde se encontram uns cinquenta técnicos.

Há Etiópia será igualmente fornecida assessoria e cooperação no melhoramento dos serviços postais.

AFRICA

movimento dos não-alinhados

II – reunião em Maputo



Em Maputo os Não-Alinhados analisaram a situação na África Austral e exprimiram a sua solidariedade com os povos desta região na luta que travam para se libertarem do colonialismo e do apartheid

A sempre hospitaleira capital de Moçambique foi mais uma vez palco de um importante acontecimento ao nível das relações internacionais. Maputo foi a sede da Reunião Extraordinária do Bureau de Coordenação do Movimento dos

Países Não-Alinhados, reunião esta que, com uma segunda a ter lugar em Colombo, no Sri Lanka, são preparatórias da Conferência dos Países Não-Alinhados, programada para o mês de Setembro em La Habana, Cuba.

A tônica e a motivação desta Reunião Preparatória foi o exame atento da situação política na África Austral, e o Comunicado final deixou bem manifesto o apoio e a solidariedade colectiva dos Países Não-Alinhados aos povos dessa

região, nesta etapa crítica e decisiva na luta que travam para se libertarem do colonialismo, do racismo, da discriminação racial e do **apartheid**, e para poderem exercer o seu inalienável direito à autodeterminação e à independência nacional.

ANOTA-INSÓLITA

Para uma reunião que se esperava quente, inflamada, mas ordenada, causou certo espanto, e não só entre os jornalistas presentes, a não anunciada presença como observador de uma delegação do Kampuchea, espanto este que se traduziu finalmente em pasmo, quando se viu tratar de uma delegação do deposto regime de Pol Pot. O insólito facto, ou melhor dizendo, a insólita presença, foi motivo de atraso na abertura da reunião que, prevista para a manhã do dia 26 de Janeiro, teve lugar na tarde do mesmo dia.

Os membros da delegação do dito Kampuchea Democrático foram, conforme comprovamos fotograficamente, pródigos nas discussões e conversas e de corredores, no afã dy con-

seguirem dos membros participantes o apoio necessário à justificação da sua presença.

Sem entrarmos mais no mérito da questão, queremos crer que, por razões diplomáticas, e mesmo com certa base jurídica, a presença dos representantes do regime de Pol Pot-Ieng Sary foi tolerada até ao fim do importante evento, e também pensamos que por uma solução de compromisso, nele não teve participação activa, e foi discreta e eficazmente ignorada.

O BUREAU

O Bureau de Coordenação do Movimento dos Países Não-Alinhados foi criado em 1976 em Colombo, no Sri Lanka, quando da quinta Conferência, com o objectivo de ser o órgão executivo para controlar a aplicação das resoluções tomadas nas reuniões de Chefs de Estado e Governo, dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, ou de quaisquer outros representantes dos Não-Alinhados.

O significado da sua representatividade é imenso.

Chegada a Maputo da delegação do Vietnam, presidida pela senhora Binh e da delegação angolana, chefiada por Venâncio Moura, vice-Ministro das Relações Exteriores, que vemos na foto a serem recebidos por Joaquim Chissano, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique

Representam os oitenta e seis países membros de pleno direito do Movimento, o que significa dizer, perto de dois mil milhões de habitantes dos países subdesenvolvidos.

Os membros do Bureau de Coordenação que participaram da reunião foram, em ordem alfabética: Afganistão, Argélia, Angola, Botswana, Cuba, Guiné, Guiana, Índia, Iraque, Jamaica, Jugoslávia, Libéria, Níger, Nigéria, OLP, Peru, Sudão, Sri Lanka, Tanzânia, Tchade, Vietnam, Zaire e Zâmbia. Na qualidade de observador, assistiram à reunião: Argentina, Bangladesh, Benin, Chipre, Congo, Coreia (RDP), Egito, Etiópia, Gabão, Ghana, Kampuchea, Kenya, Líbia, Madagáscar, Marrocos, Moçambique, Panamá, Seychelles, São Tomé e Príncipe, Somália, SWAPO, Togo, Tunísia e Yémen Democrático. Estiveram também representados, como convidados, o ANC, a Frente Patriótica e o Pan African Congress, além da ONU, do Conselho das Nações Unidas para a Namíbia, do Comité Especial contra o **apartheid** da OUA, e do Comité de Libertação da OUA.

Esta reunião do Bureau foi considerada "extraordinária", pela necessidade premente da sua realização, dada a evolução da situação política na África Austral, com "situações especiais de crise" no Zimbabwe, na Namíbia e na África do Sul. E o tema foi a libertação desses países do jugo colonial-racista.

A metodologia de trabalho que orientou a Reunião Extraordinária foi simples e eficaz. Numa primeira etapa, reuniram-se os em-





baixadores designados por cada país para a discussão do projecto apresentado por Moçambique, discussão que seria concretizada pela ratificação dos pontos acordados, já com a presença dos Ministros dos Negócios Estrangeiros e dos Chefes de Delegações.

A Reunião, dirigida e bem orientada pelo seu Presidente, o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Sri Lanka, Sahul Hameed, teve como Presidente de Honra, Joaquim Chissano, o dinâmico Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Moçambique.

OS DISCURSOS

O discurso de abertura da Reunião, foi feito por Sérgio Vieira, Governador do Banco de Moçambique, membro do Conselho de Ministros, e segundo da delegação moçambicana, que

em expressivas palavras, salientaria: "Sejam benvindos a um país e a uma capital que se encontram a escassos três minutos de distância da base militar de agressão do imperialismo e do racismo mais próximo". Igualmente contundente foi a intervenção do Presidente Sahul Hameed, que realçou o facto da Reunião se passar na fronteira entre "os ideais do Não-Alinhamento e o racismo, o colonialismo, o apartheid, a negação dos mais elementares direitos humanos".

Outros discursos houveram, que por seus conteúdos, trouxeram certo mal-estar no ambiente. Entre esses, assinala-se o da delegada da Libéria que, de conhecimento do teor da proposta do Documento Final apresentada por Moçambique, que denunciava as potências ocidentais, defendia um, vá lá, "amaciamento" das mesmas denúncias, contestando mesmo a

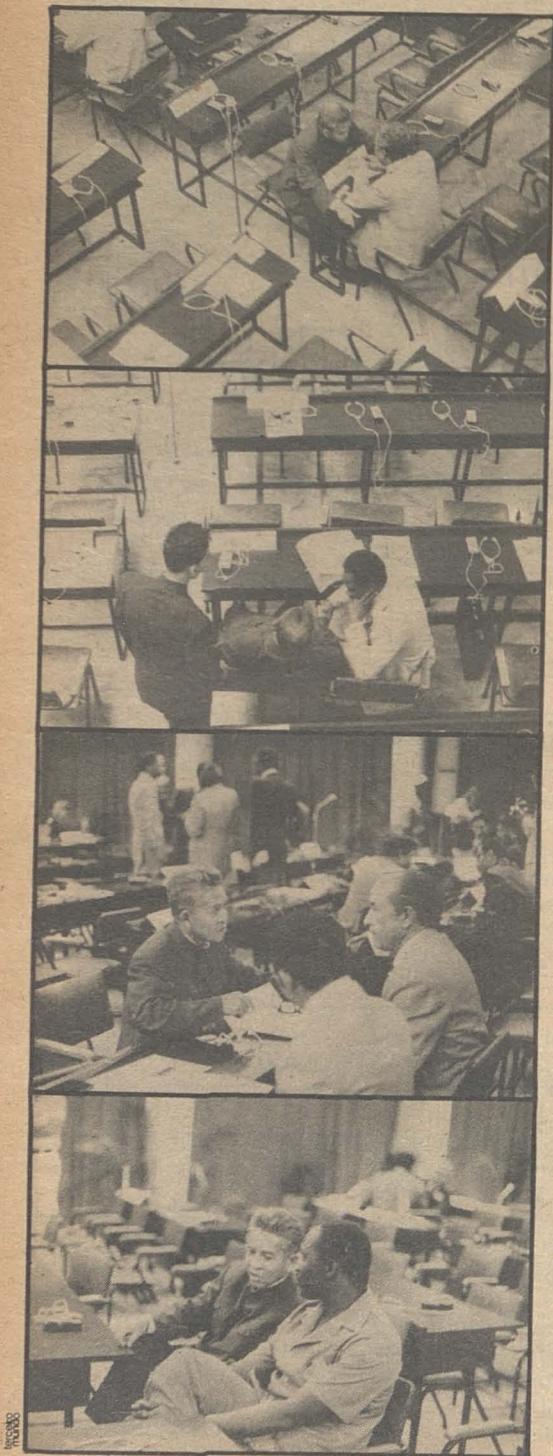
carga ideológica do documento proposto.

Mas não foi a única intervenção infeliz. Outras subservieram, como a do Níger, a do Peru, ou a do Gabão, que se perderam no emaranhado linguístico na defesa de uma "neutralidade nem capitalista nem progressista", o que por sua vez motivou um irónica e bem humorada afirmação do representante da OLP, Zehdi Terzi, de que o problema seria ainda mais complicado, se ele levasse em consideração as traduções para o árabe.

MAIS UMA VEZ, SAMORA

Na sessão de abertura da Conferência Ministerial do Bureau, isto é, na segunda parte da reunião, o Presidente Samora Machel foi mais uma vez, como é de seu hábito, sem poupar palavras nem qualificativos, directamente ao objectivo.

O representante do deposto regime de Pol Pot do Kampuchea tenta angariar apoios...



Caracterizou com precisão a correlação de forças na África Austral, analisou o papel do imperialismo, e ressaltou a actuação fundamental dos Países da Linha da Frente como segura recataguarda dos movimentos de libertação.

Do seu discurso, alguns tópicos:

Namíbia: "Ao assinarem o comunicado conjunto com o regime sul-africano, as potências ocidentais endossaram na prática o plano de Pretória para um "acordo interno" na Namíbia. Desprezando as decisões do Conselho de Segurança da ONU, usando a força repressiva, a África do Sul organizou uma farsa eleitoral tendente a mascarar a verdadeira natureza dos seus fantoches. Assistimos agora à tentativa de Pretória de induzir a comunidade internacional a reconhecer a Assembleia Constituinte fantoche e de conseguir a revogação das decisões das Nações Unidas que consideram a SWAPO como único legítimo representante do povo namíbio."

Zimbabwe: "No Zimbabwe o imperialismo actua com dois destacamentos operacionais: dum lado Smith e os seus fantoches, doutro lado a potência colonizadora e os seus parceiros. A tática é ter sempre presente duas alternativas, uma interna e outra internacional. Quando qualquer das vias se desenvolve ao ponto de estar iminente a solução do problema, em detrimento da hegemonia imperialista, o imperialismo apressa-se em apresentar a outra alternativa. Uma e outra sucedem-se num aparente círculo sem saída."



Os representantes dos movimentos de libertação da África Austral presentes: Robert Mugabe (Zimbabwe), Oliver Tambo e a delegação da ANC (África do Sul) e Sam Nujoma, presidente da SWAPO (Namíbia).



África do Sul: "Para o imperialismo, a preservação da África do Sul como seu principal bastião na África, é fundamental. É por isso que as potências ocidentais, ao mesmo tempo que subscrevem condenações formais e hipócritas do **apartheid**, asseguram a sua sobrevivência apoiando o regime de Pretória económica e militarmente. Constitui preocupação dos países africanos e de todos os países amantes da Paz, o facto de o imperialismo fornecer à África do Sul os meios para a sua nuclearização. A detenção de armas nucleares pela África do Sul representa uma ameaça extremamente grave à paz e à segurança mundiais."

Sobre a importância da Conferência, o Presidente ainda sublinharia:

"As intervenções, mensagens e decisões aqui tomadas, constituirão um estímulo poderoso para aqueles que, a escassas dezenas

de quilómetros de Maputo, nas condições mais difíceis, lutam e oferecem a vida pela realização dos ideais do Movimento dos Países Não-Alinhados: a Liberdade, a Independência, a Justiça, o Progresso e a Paz."

OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO

Tivemos em Maputo, a feliz oportunidade de contactar formal e informalmente alguns os principais dirigentes dos movimentos de libertação da África Austral, e colher assim algumas observações pessoais.

Perguntámos, por exemplo, a Robert Mugabe, co-Presidente da Frente Patriótica, como iam as relações políticas entre as duas organizações que compõem a Frente, isto é, a ZANU e a ZAPU. Com o seu falar compassado e professoral, disse-nos Mugabe:

"No ano passado, em 1978, a unidade não se

processou como queríamos. As maquinações e intrigas anglo-americanas, foram bastante fortes no sentido de destruir a Frente Patriótica e ganhar o camarada Nkomo no apoio de Smith. Houve alguma agitação no seio da Frente, algum ressentimento mesmo, mas evitámos, conseguimos evitar a cisão e vencemos essa manobra do imperialismo. Temos, é claro, uma posição crítica, tanto em relação à actuação do imperialismo, como em relação aos nossos próprios parceiros da Frente Patriótica. A verdade é que resistimos à estratégia conjunta dos norte-americanos e ingleses para a criação de um regime neocolonialista na Rodésia."

A Oliver Tambo, Presidente em exercício do ANC, perguntámos se com um novo primeiro-ministro, no caso, Peter Botha a substituir Vorster, haviam melhorado as condições políticas na África do Sul.

Sua resposta:

"O regime fascista continua. Acreditamos que Botha, por possuir um temperamento mais agressivo, intensificará maiores acções armadas. Mas, a qualidade do regime é a mesma. Mudaram-se as pessoas, mas o sistema é o mesmo. Nossa resposta aos Vorsters e aos Bothas será sempre a mesma." E em bom português: "A luta continua!"

Cruzámos com Sam Nujoma, Presidente da SWAPO, e à queima-roupa, disparamos: "Se forem propiciadas eleições realmente livres na Namíbia, com toda a segurança de resultados honestos, quem ganhará? A SWAPO?" Nujoma pára, reflecte um pouco, e responde: "Creio firmemente que nenhum habitante da Namíbia, mas nem mesmo, votaria pela continuidade da opressão sul-africana e da sua exploração. Mas temos que ter a garantia das Nações Unidas de que os eleitores não serão manipulados, nem o acto eleitoral viciado."

MANIFESTAÇÃO INESPERADA

No sábado, dia 27, quando voltávamos de uma visita a uma machamba estatal (fazenda do Estado), fomos surpreendidos por um incomum tráfego na estrada, incomum pelo elevado número de camiões e viaturas de transporte colectivos, mesmo militares, que rodavam em direcção à capital. E a pressa com que o nosso motorista conduzia, foi-nos também explicada quando, respondendo à nossa pergunta, nos informou da realização nessa tarde, em Maputo, de uma grande manifestação de re-

Isidoro Malmierca (cuba)

O ministro das Relações Exteriores de Cuba, Isidoro Malmierca, proferiu no transcorrer da Reunião em Maputo um importante discurso, do qual ressaltamos alguns tópicos.

(...) Prestamos nossa homenagem à valente e honrosa atitude dos moçambicanos e da sua vanguarda revolucionária que, imediatamente após ganhar a sua independência e logo no início do difícil e trabalhoso caminho da reconstrução da pátria, devastada pela pilhagem colonial, pela guerra e pela fuga dos colonialistas, assumiu seus deveres revolucionários internacionais, e se converteu no combativo bastião dos movimentos de libertação nacional que desenvolvem a luta armada contra os regimes racistas, aplicando, além disso, com grave prejuízo para a sua economia, as sanções impostas contra o regime de Ian Smith.

OS INTERESSES IMPERIALISTAS

É necessário assinalar que, nesse conjunto, os investimentos ingleses na África do Sul são superiores aos dos outros países juntos. Isto quer dizer que mais de 50 por cento dos investimentos estrangeiros na África do Sul correspondem a firmas inglesas. Do mesmo modo, os investimentos das empresas norte-americanas na África do Sul são muito superiores ao total dos investimentos norte-americanos em todo o continente africano.

(...) Mais de trezentos e cinquenta empresas transnacionais dos Estados Unidos operam na África do Sul, e a General Motors, a Mobil Oil, a Exxon, a Standard Oil of California, a Ford, a ITT, a General Electric, e outras seis empresas, detêm 75 por cento dos investimentos directos norte-americanos.

A ESTRATÉGIA IMPERIALISTA

(...) A estratégia imperialista, que consiste em alimentar toda a forma de divisão e confusão, pretende dividir os movimentos de libertação, separar os países da Linha da Frente, incentivar toda manifestação de chauvinismo e expansionismo, avivar os conflitos entre povos irmãos e inventar rótulos e epitetos que possam causar vergonha aos países que recebem a solidariedade dos países socialistas.

Na realidade, os imperialistas somente variaram a sua tática, e agora procuram manter o seu domínio através de fórmulas neocolonialistas, substituindo os Ians Smiths brancos pelos Ians Smiths negros, e retocando a pútrida imagem do apartheid, numa hipócrita manobra à Hollywood.

(...) Sob uma óptica deformadora, o combate dos povos africanos e o apoio que recebem é apresentado como uma manifestação da intitulada rivalidade dos "blocos", e pretendem transformar a solidariedade internacionalista em "tentativas para ganhar esferas de influência".

Nestas manobras, juntamente com os imperialistas, encontra-se o bando de mandarins que detêm o poder na China, que ontem não teve escrúpulos em colaborar com a CIA e com os racistas na agressão a Angola e, como consequência

lógica, em contribuir para enfraquecer todos os países progressistas e revolucionários da África Austral, e que hoje continua a aperfeiçoar a sua aliança com o imperialismo, participando em todas as manobras divisionistas empreendidas pelo inimigo.

O CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU

Na Namíbia, as cinco potências ocidentais membros do Conselho de Segurança, Estados Unidos, Inglaterra, França, República Federal da Alemanha e Canadá, utilizaram inúmeras manobras procurando frustrar o acesso à independência e a integridade territorial deste país.

(...) É necessário que reiteremos a nossa inquebrantável solidariedade para com a SWAPO, com o seu presidente, o companheiro Sam Nujoma, e que demos passos para aumentar o apoio político e material aos seus combatentes.

(...) O desprezo do governo norte-americano para encontrar uma solução para a independência do Zimbabwe, ficou bem demonstrado com a visita de Ian Smith aos Estados Unidos.

(...) Na África do Sul, o regime de Pretória criou um elaborado sistema de opressão que, unido ao apoio económico e militar que recebe das potências ocidentais, torna a luta mais difícil, complicada e heróica.

(...) Os Estados Unidos pretendem formar novos blocos militares no Atlântico Sul que vinculem os reacionários latino-americanos com os seus vizinhos de além-mar, a África do Sul.

(...) Amamentados pela mesma fonte, Israel e a África do Sul, sionistas e racistas, coordenam as suas acções e dão-se mútuo apoio nos seus compartilhados anseios expansionistas e neocolonialistas. E a África do Sul actua militarmente no Oceano Índico e constitui uma ameaça potencial para os Estados dessa região.

(...) Devemos tomar medidas práticas.

(...) Nesse sentido, joga um importante papel a ação das massas populares no Irão que, na sua rebelião contra o Xá e o seu aparelho repressivo, exige medidas para que cesse o fornecimento de petróleo a Pretória e a Israel.

A CONFERÊNCIA EM CUBA

(...) Esta reunião de Maputo, estamos seguros, significará um importante factor para a preparação adequada da VI Conferência Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados, já que, em Setembro deste ano, em Havana, a solidariedade para com os povos da África meridional ocupará novamente um dos mais importantes lugares das nossas considerações, como parte dos objectivos e princípios deste Movimento, que se compromete desde as suas origens na luta anti-imperialista, anticolonialista, e antineocolonialista.

(...) A noventa milhas do mais poderoso dos países imperialistas, derrotámos o exército que servia de base a uma sociedade, por sua vez baseada na exploração do homem pelo homem, incluindo suas manifestações racistas.

(...) Como afirmou o presidente Fidel Castro (...): "A lealdade ao movimento revolucionário internacional, é, e será sempre, a pedra angular na nossa política externa".

púdio às agressões da Rodesia a pessoas e bens moçambicanos.

Em chegando Maputo, depois de um rápido almoço, munimo-nos de máquinas fotográficas, e misturámo-nos na massa humana que provida de faixas e cartazes, se dirigiam para a Praça da Independência, embalados pelo calor do verão.

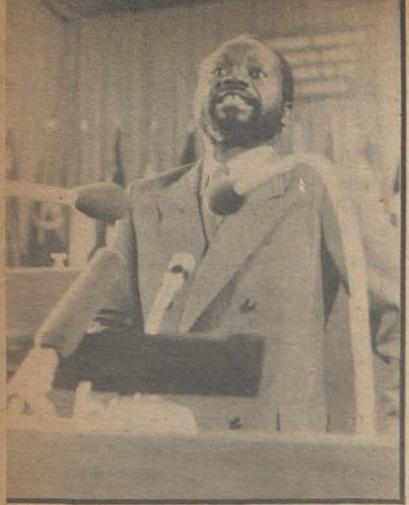
Para nós jornalistas, que viéramos a Maputo presenciar um tipo de acontecimento a ter lugar entre quadros políticos e dirigentes internacionais, e em recinto fechado, foi a feliz oportunidade de reencontrar o calor e a vibração do homem da rua moçambicano, na sua consciente e inequívoca manifestação de repúdio às agressões do regime racial-fascista de Smith, de apoio aos seus dirigentes e governantes e, especialmente, às Forças Populares de Libertação de Moçambique.

O ponto alto da manifestação foi o discurso profrido por Robert Mugabe que, ao realçar o valor e a dimensão histórica do apoio que o povo moçambicano dá aos seus irmãos do Zimbabwe, reafirmou também a firme decisão do povo zimbabweano de lutar com denodo até à derrota final do regime de Ian Smith.

UM BALANÇO FINAL

O que podemos assegurar, é que o saldo da Reunião Extraordinária do Bureau Coordenador do Movimento dos Países Não-Alinhados, que teve lugar em Maputo, foi largamente positivo.

Se as tentativas de trans-



formar o projecto do Documento Final apresentado por Moçambique em uma peça de retórica vazia de real conteúdo político, foram sinuosas e insistentes, o Documento Final aprovado deixou bem clara a firma determinação dos países do Terceiro Mundo em batalhar pela emancipação e liberdade dos povos ainda sob o domínio do colonialismo, do fascismo e da discriminação racial.

De nada valeram as posições por vezes dúbias de delegados de países com responsabilidades e influência dentro do Movimento. De nada valeram os velados vozeiros dos Estados Unidos e da Inglaterra, e porque não dizer, do mundo capitalista, tentarem desvirtuar os princípios que regem o Movimento desde Ban-

dung, na tentativa de remeter para protestos cínicos, lamuriantos e formais, as graves acusações feitas aos regimes de Pretória e Salisbúria, de massacres, de terror e de tortura, de violações e de saques, com desrespeito total e flagrante de todos os valores morais da Humanidade.

O Documento Final, claro, límpido, transparente, recomenda a todos os Países Não-Alinhados, o apoio material e financeiro aos movimentos de libertação da África Austral, de maneira inequívoca e concreta. E os países emergentes de séculos de opressão e obscurantismo colonial, os países libertos das cadeias do imperialismo, estes países que trocaram os grilhões da dor e da miséria pela esperança no progresso, não falharão a esse apelo.

CUBA, SETEMBRO

É a Conferência programada para o mês de Setembro em Cuba?

Embora as perspectivas ainda não estejam totalmente claras, podemos no entanto avançar algumas ideias.

Pensamos que numa primeira fase, o imperialismo, através dos seus "infiltrados", fez um teste, lançou

alguns balões de ensaio na Reunião Extraordinária de Maputo.

Fê-lo, temos de reconhecer, de maneira subtil, sem criar grandes atritos, e sempre cedendo ao inevitável. Mas o que é certo, é que desta vez, já tiraram ensinamentos e experiência, para uma actuação mais objectiva com vista a esvaziar o mais possível a Conferência de Havana; e procurar minar o prestígio internacional daquela que é hoje um seu inimigo jurado: a Ilha de Cuba.

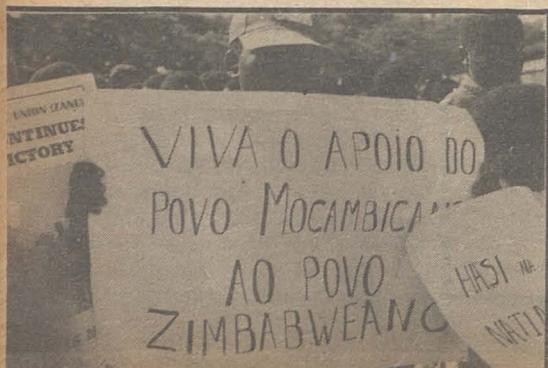
Que podem fazer? Tirar a Presidência do Movimento a Cuba, e consequentemente a Fidel? O imperialismo não tem força para isso. A 'acusação' de que Cuba pertence ao bloco soviético, não resiste nem ao ritmo da conga. E Carter sabe disso.

A hipótese e mais evidente que resta, é a de que os Estados Unidos, usando de suborno, chantagem ou pressão económica, utilize os países de sua "quinta" latino-americana a seu favor. Nessa possibilidade, basta olhar para a África, para o número de países que abarcava, para constatarmos que a solução também não está nesse caminho.

Resta a China. A China Não-Alinhada (!).

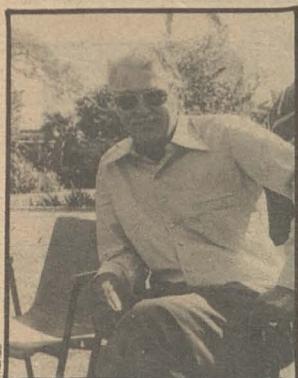
Bem, a China, por agora, pegou pela frente um osso bastante duro de roer, chamado Viet Nam e vimos no que deu. Um osso que a águia americana não conseguiu engolir, e que teve que abandonar, deixando penas pelo caminho.

E podem não garantir que Deng Xiao Ping e a sua "clique" resistam até Setembro.



O Presidente Samora Machel e o povo moçambicano manifestam a sua solidariedade militante com a luta de libertação do povo do Zimbabwe

Zimbabwe libertação de prisioneiros



Johannes Martins, pessoa extremamente religiosa e pai de sete filhos. Feito prisioneiro quando uma unidade de guerrilheiros ocupou a sua fazenda.



Thomas Wigglesworth, Major do exército britânico durante a II Guerra. Sobre os guerrilheiros: "O pouco que tinham compartilhavam comigo".



John Kennerley, é o mais jovem dos libertados. Preso quando dirigia uma viatura civil. Soldado do exército rodesiano.



James Black, cidadão britânico, na Rodesia desde 1969. Funcionário do governo de Salisbúria, foi o que menos falou. Testemunhou o bom tratamento recebido.

No dia 3 de Fevereiro, na cidade de Maputo, a ZANU, uma das organizações que integram a Frente Patriótica, fez, através dos seus dirigentes, e entre eles, Robert Mugabe, a entrega de quatro prisioneiros de guerra à Amnistia Internacional.

O facto, que teve repercussão internacional, tornou-se ainda mais importante quando, em Salisbúria, três dos ex-prisioneiros, em conferência de imprensa organizada e presidida pelo próprio Ministro dos Negócios Estrangeiros de Salisbúria, Peter Van der Byl, teceram rasgados elogios a Robert Mugabe. Peter Van der Byl não resistiu até ao fim. No meio da conferência, abandonou o recinto quase que a correr.

TANZÂNIA

grupo dos 77: a conferência de Arusha

foto cedida pelo OIT



Progressos realizados na luta por uma ordem económica internacional menos desfavorável ao Terceiro Mundo.

Mohamed Salem

As agências transnacionais de notícias foram, uma vez mais, fiéis a si mesmas, e prognosticaram o fracasso da quarta Reunião Ministerial do Grupo dos 77 (agora 117 países), celebrada em Arusha, Tan-

zânia, entre 12 e 16 de Fevereiro. Os representantes governamentais deviam fixar uma linha comum a ser levada à Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED ou UNCTAD), que se reunirá em Manilla, no próximo mês de Maio, e esses meios de

comunicação encarregaram-se de ressaltar as controvérsias e converter em profundas as divergências existentes em torno de alguns pontos em discussão.

Para além deste desejo das potências ocidentais, os ministros em Arusha concordaram num programa de acção para a auto-sufi-



Valorizar os recursos naturais do Terceiro Mundo

ciência do grupo através da cooperação económica entre os países em desenvolvimento. Definiram, também, um esquema para as negociações com vistas a que o Terceiro Mundo consiga o seu objectivo de estabelecer uma nova ordem económica internacional.

Sobre esta base, ao fim de intensos dias de negociações, os delegados partiram de Arusha com um saldo de avanços importantes; maior solidariedade, progressos na tarefa de conseguir uma harmonia entre os diferentes interesses que convivem no grupo, e a de-

cisão de trabalhar conjuntamente pelo estabelecimento de uma nova ordem económica.

Dos debates registados na Conferência e das declarações formuladas pelos representantes governamentais, podem extraír-se as meramente declaratórias e as de exigências do mundo desenvolvido, baseadas fundamentalmente no aspecto da justiça, para avançar na busca de posições que permitam negociar com êxito. E, relacionada com isso, a definição de que uma nova ordem económica internacional não é

apenas uma urgência inadiável para o Terceiro Mundo, mas também do que depende a subsistência — ou pelo menos a resolução de alguns dos problemas — das grandes potências:

Neste sentido, o grupo reivindicou uma massiva transferência de recursos dos países desenvolvidos para o Terceiro Mundo, como uma necessidade para o seu desenvolvimento. Mas assinalou que isto também tinha a ver com a solução de sérios problemas que afectam as potências: desemprego crescente, inflação contínua e capacidade

ociosa. A proposta implica transformações estruturais que permitam ao Terceiro Mundo atingir, no ano dois mil, a meta de 25 por cento de capacidade manufatureira e uma participação de 30 por cento no comércio internacional de produtos manufacturados.

As negociações relativas ao Código de Conduta sobre o processo de transferência de tecnologia do Norte para o Sul, demonstraram uma maturidade particular no Grupo dos 77. Chegou-se ao compromisso de preservar os objectivos e posições da Conferência quanto a dispôr de um instrumento legal obrigatório, mas outorgaram simultaneamente certa elasticidade aos negociadores que, em representação do Grupo, devem discutir com os países industrializados (a Conferência que discute este código deve resumir as suas deliberações em fins de Fevereiro, em Genebra. Um dos temas mais polémicos é, precisamente, a insistência dos "77" em impor um código obrigatório e a resistência dos industrializados em submeter-se a um instrumento dessa natureza).

Embora o objectivo final continue a ser a obtenção de um código obrigatório, os "77" estabeleceram em Arusha que o objectivo imediato será negociar com os países desenvolvidos um instrumento aplicável universalmente, sublinhando-se que uma das suas características seria a de garantir o cumprimento das disposições nele contidas, que a sua aplicação seria supervisada pela UNCTAD e com a promessa de, após quatro ou cinco anos, as partes voltarem a reunir-se para a

revisão da natureza do código.

O objecto deste, é estabelecer certa participação nas transacções de compra e venda de tecnologia, eliminando uma série de práticas restritivas e abusivas que afectam os países subdesenvolvidos compradores. Os desenvolvidos pretendem que o acordo exclua as transacções tecnológicas que têm lugar no seio das empresas transnacionais (entre uma matriz e uma subsidiária).

Com respeito ao comércio entre países em desenvolvimento, o Grupo definiu uma série de medidas práticas e a passos a dar, inclusive tarifas preferenciais, cooperação no desenvolvimento que inclui financiamento, ajuda monetária e transferência de tecnologia. Incluíram nisto a necessidade de estudar a possibilidade de criar empresas multinacionais (sociedades com a participação de vários Estados, diferente da transnacional, companhias com sede num país que se expande a outros), para contrabalançar a presença das cooperações transnacionais que dominam a economia mundial.

Em Arusha, os "77" também adoptaram resoluções sobre o programa integrado relacionado com as cotizações dos bens de consumo e o fundo comum. Busca-se a instauração de um fundo adequado para desenvolver as economias dos países do Terceiro Mundo baseadas nestes produtos, mediante acordos para armazená-los e estabilizar os preços no mercado internacional. A proposta inclui o financiamento para a investigação e o desenvolvimento, diversifi-

cação do processamento e melhoria da produção.

O acordo dos "77" sugere promover a vigência de um Fundo Comum que tenha viabilidade financeira assegurada pelas contribuições de capital efectuadas pelos diversos governos, a partir de um mínimo comum fixado em um milhão de dólares.

A reunião de Arusha concordou em deplorar o fracasso dos países industrializados – especialmente os Estados Unidos, Alemanha Federal e Japão, – em cumprir com a contribuição de 0,7 por cento do Produto Nacional Bruto destinado ao Terceiro Mundo como assistência ao desenvolvimento. Destacou-se, por outro lado, a atitude da Holanda, Noruega e Suécia, que cumpriram o estabelecido.

A conferência não conseguiu chegar a uma decisão sobre a formação de um secretariado para o Terceiro Mundo ou algum mecanismo institucional similar, destinado a assistir o Grupo nas negociações que enfrenta em diversas instâncias e para coordenar as suas actividades. De qualquer forma, para responder a esta iniciativa apresentadas por alguns países, ficou constituído um grupo de estudos integrado por 21 membros destinado a analisar as possibilidades de constituir uma secretaria com essas características. As conclusões serão discutidas em Setembro próximo, em Nova Iorque, pelos ministros de Relações Exteriores, que participarão na Assembleia Geral das Nações Unidas.

AMERICA LATINA

BRASIL

agora as árvores, o resto já foi vendido

As multinacionais madeireiras aguçam os dentes para as florestas da Amazônia, com a cumplicidade do regime de Brasília



cadernos do
TERCEIRO
mUNDO
Rua da Lapa, 180 - S. Lapa - RJ
CEP 20.021 - Tel. 242-1957

Eric Nepumoceno

SÃO três milhões e duzentos mil quilômetros quadrados de selva. Quanto poderá valer toda essa madeira? Ou melhor: a selva tem preço? Porque, no meio das árvores e plantas, corre um caprichoso labirinto de rios: 20 por cento de toda a água doce que corre rumo ao mar, está ali,

na Amazônia. Debaixo da selva, debaixo da terra, está o mistério das reservas de ferro, estanho, ouro, bauxita, urânia: até hoje não se sabe ao certo qual a dimensão dessas reservas. Sabe-se apenas que, na pior das hipóteses, seriam reservas importantes.

Se a selva esconde o solo,

deixa perfeitamente à vista a madeira, as árvores gigantescas. E é isso o que será negociado em primeiro lugar: aquela imensidão verde liricamente chamada *pulmão do mundo*.

Dono de uma dívida externa que já superou a marca dos 40 biliões de dólares, o regime militar brasi-

leiro — que, em 1979, comemora quinze anos de poder absoluto — não esconde a sua firme intenção em transformar pelo menos uma boa parte da floresta amazônica em uma nova fonte de recursos. Enquanto os militares decidem a maneira mais rápida e eficaz de colocar a selva à venda, os brasileiros se preparam, nesse começo de ano, para acompanharem, impotentes na prática, a entrega de uma nova parcela da riqueza natural do seu país.

O projecto de transformar a floresta amazônica em um negócio rentável, na verdade, não é novo. O saque indiscriminado da região vem ocorrendo, de maneira sistemática e contando com a passividade cúmplice do regime militar, há pelo menos dez anos.

Na primeira quinzena de Janeiro, em Brasília, surgiram as primeiras directrizes oficiais. É verdade que o general Ernesto Geisel preferiu deixar para seu herdeiro, o também general João Batista Figueiredo, a responsabilidade de levar adiante a ideia. Em todo o caso, uma coisa é certa: já não se discute mais, na cúpula do regime, se a opção é usar ou não a floresta. O problema é encontrar a fórmula para destruir a selva da maneira mais rentável possível.

Para entregar a floresta às empresas multinacionais do ramo, o primeiro passo do governo talvez seja reabrir a exportação da madeira em toras. Essa seria, é verdade, a política florestal mais colonialista que um país poderia adoptar. Reabrindo a exportação indiscriminada, as grandes empresas madeireiras for-

mariam, graças à Amazônia, grandes estoques estratégicos, e teriam assim a possibilidade de controlarem os preços internacionais. Além de devastar em grande escala, naturalmente.

Há seis anos — em 1973 — os principais portos europeus estavam abarrotados de madeira, e o governo brasileiro decidiu proibir a exportação de toras. Outros países adoptaram a mesma medida — a Malásia Kuala-Lumpur, por exemplo. Já a Malásia continental continuou exportando madeira para Singapura e Japão, e só este ano, quando faltam quinze anos para a data prevista em que estarão esgotadas as suas reservas florestais, pretende adoptar a proibição. Uma providência talvez tardia, para salvar os seus oito milhões de hectares de florestas.

Embora a exportação em toras continue proibida, várias empresas madeireiras se instalaram, nos últimos anos, na Amazônia. Lá estão a *Georgia Pacific*, a *Bruynzeel*, a *Toyomenka*, que montaram fábricas na Amazônia sem desenvolver pesquisas, sem modernizar o processo produtivo, sem acrescentar nenhuma inovação tecnológica ao país. Aproveitam-se da madeira existente e disponível nas florestas vizinhas sem realizar ou realizando pouquíssimas modificações na forma secular da exploração madeireira. Essas empresas não podem, entretanto, exportar a madeira antes de serrá-la — o que implica um mínimo de investimento, ou seja, a montagem de serrarias.

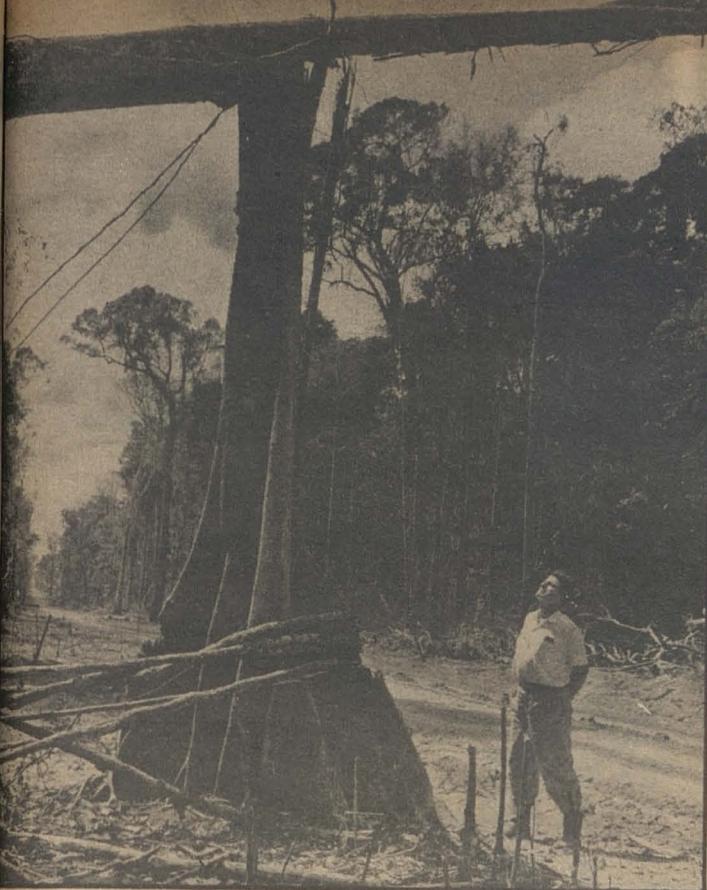
Como funcionam, entretanto, essas companhias?

Bem, basicamente, utilizando o morador nativo da região. É o *caboclo*, por exemplo, quem vai ao interior da mata derrubar a árvore, e depois joga o tronco no rio e o conduz até o porto da serração, onde recebe um pagamento que mal permite com que volte à selva. A *Georgia Pacific*, a maior madeireira norte-americana, instalada no estado do Pará, começa a enfrentar a ameaça de desabastecimento de algumas espécies de madeira. Mas nem por isso procurou desenvolver um projecto de reflorestamento, já que isso implicaria num mínimo de investimento. E a *Georgia Pacific* não parece disposta a colocar mais nenhum dólar no Brasil — embora já tenha remetido para os Estados Unidos várias vezes o seu capital, que em 1977 era de modestos 150 mil dólares.

E O HOMEM? E A NATUREZA?

Muitos países desenvolvidos estão preocupados com o seu abastecimento de madeira, que era feito principalmente no Sudeste Asiático e que hoje, por uma série de factores políticos, económicos e até mesmo ecológicos, tem a sua continuidade ameaçada. Permanentemente cruzam a Amazônia missões comerciais estrangeiras encarregadas de avaliar as possibilidades locais.

Um dos países mais ansiosos parece o Japão, plenamente disposto à conquista da Amazônia. Uma firma japonesa, a *Eidai*, conseguiu convencer o regime militar brasileiro a estabelecer um "acordo de



cadernos do
terceiro
mundo
Rua da Lapa, 180 - S/Loja - RJ
EP 20.021 - Tel 242-1957

A depredação
da floresta amazônica

"cooperação técnica" com a *Japan International Cooperation Agency*, com o objectivo de financiar um "projecto florestal". O Banco Mundial aprovou o projecto, e concedeu um empréstimo de seis milhões de dólares. Resultado: uma empresa de economia mista instalará quatro serrações na região amazônica, e a JICA levará ao Brasil seus técnicos japoneses para aplicarem, sem maiores mudanças, um modelo florestal introduzido no Sudeste Asiático. Se a experiência funcionar, é muito provável que o Japão troque a esgotada Malásia pela Amazônia.

Seja qual for a cifra em

dólares que o regime militar brasileiro colocará como valor para a selva amazônica, o preço mais alto pelo saqueio da região já está sendo pago pelos seus moradores, pelos pequenos proprietários expulsos das suas terras por grupos de pistoleiros que actuam contando com o silêncio das autoridades, e, sobretudo, pelos índios.

As reservas de terras pertencentes aos índios são devastadas, enquanto os militares insistem em sua política de "defesa" que, na prática, se traduz no assassinato silencioso de milhares de seres humanos. Destruídos em sua cultura

original, os Índios brasileiros vestem hoje uniformes de futebol, ganham equipamentos para a pesca submarina nos rios, as suas mulheres usam vestidos velhos, os seus filhos são contaminados com a presença dos brancos. Uma simples gripe, já se sabe, é capaz de destruir meia tribo em poucas semanas.

Um dos métodos mais eficazes para afastar os índios das terras em disputa é espalhar rapidamente doenças venéreas entre as suas mulheres, ou o sarampo entre os seus homens. O contacto com o "mundo civilizado" fez com que o alcoolismo, as doenças e toda a

espécie de degradação se abatessem sobre os índios.

Nos estados do Mato Grosso e de Goiás, os brancos presenteiam os índios com mantas infectadas com o vírus da varíola, ou enviam alguém com a tuberculose para conversas com os homens das tribos.

Mas isso tudo é outra história: o que interessa, no

momento, é ver como se pode obter dinheiro da selva.

Depois de quinze anos de autoritarismo desenfreado e de implantação de um sistema de "capitalismo selvagem", de má administração e de corrupção, os militares têm pressa. Já não há muito mais para ser entregue aos dentes da dívida exter-

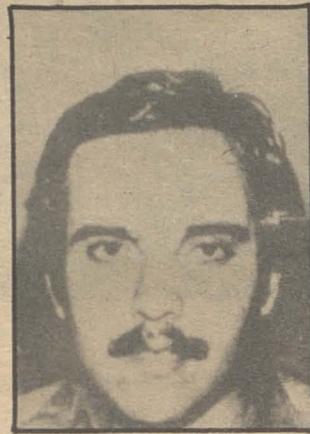
na, que continua crescendo. Por que não a floresta? Devastar a mata será, em todo o caso, um bom meio de abrir caminho para a exploração do subsolo.

E a preocupação com o homem e o seu meio ambiente não foi, nem será jamais, a característica de regimes como o que agora herda o general Figueiredo.

o sequestro de dois uruguaios



Lilian...



e Universindo

Pela primeira vez o sinistro tráfico de presos políticos no Cone Sul consegue ultrapassar a impunidade com provas irrefutáveis.

Foi devido à relativa liberdade da Imprensa brasileira e ao eco obtido por uma chamada telefónica junto da sucursal de Porto Alegre da revista VEJA, que o sequestro dos cidadãos uruguaios, Lilian Celi-Beri e Universindo Rodriguez Diaz, foi objecto de denúncia e passou a constituir assunto dos títulos mais destacados da Imprensa do Brasil.

O sequestro de cidadãos de nações vizinhas e a sua posterior entrega às autoridades militares dos países respectivos, converteu-se, nos últimos anos, numa prática quotidiana de "solidariedade" entre as polícias secretas e organismos repressivos do Cone Sul. As denúncias a esse respeito fizeram-se nas mais diversas tribunas, às vezes com os escassos testemunhos pes-

soais com que se contava. Mas pouco se conseguiu, além da perda de prestígio desses governos a nível internacional.

Contudo, parece diferente o rumo tomado pelos acontecimentos no caso do sequestro dos dois uruguaios em Porto Alegre.

OS FACTOS

Segundo Luís Cláudio



Fleury, do «Esquadrão da Morte», cumprimenta o general Fragomeni: dois sustentáculos da ditadura brasileira

Cunha, da revista VEJA, no dia 17 de Novembro do ano passado o telefone tocou na redacção, respondendo do outro lado do fio uma voz em espanhol.

“Um casal e duas crianças uruguaias que vivem em Porto Alegre desapareceram há uma semana. Os nomes são Lilian Casariego e Universindo Rodriguez Diaz. As crianças chamam-se Camilo e Francesca. A morada é na rua Botafogo 621, casa 110. Por favor, precisamos que alguém vá ver o que se passa.”

— “Mas o que significa desaparecidos?

— “Presos”.

Esta conversação contribuiu para que tudo mudasse. O que tinha podido passar para os arquivos no caso dos militantes de esquerda desaparecidos, sem que se soubesse mais deles, tornou-se, desta vez escândalo no Brasil. Luís Cláudio Cunha e o fotógrafo J. B. Scalco, decidiram verificar a verdade dos dados, obtidos por intermédio da chamada telefónica, e dirigiram-se à direcção citada.

A porta foi-lhes aberta por Lilian Casariego e, antes que pudessem falar, os jornalistas foram imobilizados por dois civis armados. A confusão sobre a identidade dos visitantes permitiu que, finalmente, fossem libertados. As poucas palavras trocadas com os sequestradores levaram os jornalistas à convicção de que trattavam de brasileiros do Rio Grande do Sul e a concluir por intuição que eram polícias à paisana.

O advogado Omar Ferri, que hoje está encarregado da defesa dos dois uruguaios sequestrados, avisado também, por uma chamada anónima, chegava ao apartamento alguns minutos depois dos jornalistas terem sido postos em liberdade. Já não havia ninguém para o atender. Os sequestradores, avisados, decidiram apressar a operação.

Alguns dias depois, em 25 de Novembro, o governo uruguaio emitia um comunicado em que afirmava que Lilian Ciberti e Universindo Rodriguez tinham sido detidos quando tenta-

vam entrar no País com “material subversivo”. O único periódico do Uruguai que publicou a notícia do sequestro, “O Diário”, limitou-se ao conteúdo da versão oficial: “detenção no território do Uruguai”. Quanto aos jornais diários brasileiros que chegam ao Uruguai, são logo confiscados se mencionam o caso.

POLÍCIA DO URUGUAI AMEAÇA MATAR AS CRIANÇAS

Entretanto, no final do mês de Janeiro, a OAB (Ordem de Advogados do Brasil) denuncia a tentativa de suicídio de Lilian Casariego perante as pressões da polícia do Uruguai, que queria outra versão do sequestro, mais de acordo com o comunicado oficial do Governo. A polícia teria ameaçado Lilian com o assassinato dos seus pequenos filhos.

Por outro lado, o miúdo de Lilian, Camilo, de nove anos de idade, conseguiu identificar um dos sequestradores assim como o lu-

gar em que esteve detido, antes de ser levado para o Uruguai. Camilo e a sua irmã foram transferidos para o Uruguai, no mesmo dia em que os sequestradores entraram no domicílio onde viviam, em Porto Alegre, ou seja a 12 de Novembro. Entretanto Lilian e Universindo passaram cinco dias sequestrados em sua própria casa, e foram depois levados do Brasil para o Uruguai, pela força, no dia 17 de Novembro.

O pequeno Camilo recorda muito bem o dia em que foi transferido para o Uruguai porque, por essa razão, não pôde assistir a um jogo de futebol. Jornalistas e advogados brasileiros têm visitado Camilo na casa onde vive com os seus avós em Montevidéu (foram eles que receberam as crianças das mãos da polícia depois de terem sido trazidas à força para o Uruguai). Camilo identificou, entre muitas fotografias que lhe mostraram, a sede da polícia política em Porto Alegre (DOPS), assim como um dos seus sequestradores: Orandir Portassi Lucas. Aquele homem, também tinha sido identificado pelos dois jornalistas. O múmero esteve detido na DOPS com Francesca enquanto se decidia como e quando seria levado para o Uruguai.

"Camilo identifica o delegado gaucho" é o título a oito colunas do jornal "Zero Hora" de Porto Alegre, no dia cinco de Janeiro deste ano. "O testemunho de Camilo é o dado mais importante recolhido em Montevidéu" declara, por outro lado, o preidente da Ordem dos Advogados do Brasil, que enviou à capital uruguaia uma comissão para tentar entrevistar os pri-

sioneiros. A autorização para a entrevista foi negada.

A dimensão atingida por estes acontecimentos, no Brasil, foi de tal ordem, que se fez da resolução do caso uma questão de honra para o País. As investigações realizadas pela Imprensa e pela Ordem dos Advogados obrigaram o próprio chanceler Azeredo da Silveira a declarar que se se encontrarem polícias brasileiros envolvidos no sequestro "o governo terá que os punir". O Alto Comissário da ONU para os refugiados investigará as denúncias. Pelo seu lado o vice-presidente do MDB, Lázaro Barbosa, tomou a palavra no Senado brasileiro para classificar o sequestro de "agressiva violação da soberania nacional", e o deputado pelo Rio Grande do Sul, Waldir Walter, também do MDB, exigiu um boicote ao Uruguai, classificando o governo daquele país como "o mais cruel da América do Sul".

Perante provas cada vez mais evidentes, o governo gaúcho Synval Guazzelli decidiu suspender o comissário Pedro Seelig e o agente Orandir Portassi Lucas (ex-jogador de futebol) pela sua implicação no sequestro. Pedro Seelig é conhecido no Brasil por ter participado em sessões de tortura a presos políticos, e existem provas que apontam para o seu trabalho, como demasiado próximo dos "Esquadões da Morte". Todos os agentes da DOPS vão ser interrogados pela Secretaria da Segurança do Estado, sobre o sequestro. Entretanto, formou-se uma Comissão de Investigação integrada conjuntamente por membros

do Ministério Público, da Ordem de Advogados e da Associação de Imprensa do Rio Grande do Sul. Como uma das suas primeiras conclusões, esta comissão confirmou a culpabilidade dos dois funcionários, posteriormente suspensos e entregues à justiça.

RECEIO DO GOVERNO BRASILEIRO

Sabe-se que o governo brasileiro não pode avançar muito mais nas investigações sem se tornar inconveniente para os seus vizinhos do Sul que, pouco a pouco vão abrindo o seu país para os mais diferentes produtos brasileiros..." Hoje, mais do que nunca, as ruas de Montevidéu estão cheias de carros brasileiros, uma novidade que data de há poucos anos e que veio substituir, em grande parte, as exportações argentinas" — escreve na revista "Isto É" o jornalista Tomás Pereira, num artigo a que deu o título "Uruguai abusa e o Brasil preocupa-se."

Porém não é só disso que se trata. Este sequestro, que comoveu a opinião pública brasileira (porque é a primeira vez que se encontra nos diferentes meios de comunicação uma cobertura tão variada de um tema tão escabroso), não apareceu sozinho. Parece mais a ponta do iceberg que representa o imenso tráfico de presos políticos o qual faz parte de um acordo semi-oficial entre a polícia política uruguaia e a DOPS de Porto Alegre, e de S. Paulo (não contando com os tentáculos que derivam para a Argentina, Bolívia e Chile).

O general uruguaio Anaury Prandt e o delega-



Orandir e Seelig, os dois policiais implicados



do brasileiro Sérgio Paranhos Fleury não seriam estranhos a este sinistro e transnacional acordo. Algumas filtrações de informações confidenciais que começaram a circular nos meios da imprensa brasileiros, indicam algo mais que este tráfico não se fundamenta só em questões ideológicas a de "abrir uma vala que sustenta a ameaça do comunismo e da subversão internacional", como também possui outras particularidades bastante concretas. Cada oficial que entregue um preso político chega a receber três mil dólares como recompensa.

Os fios da meada que começa a ser desfeita podem levar ao comprometimento de pessoas de que ninguém suspeitava.

Se se colocar a questão que está na ordem do dia sobre o poder da Imprensa e da opinião pública, é também legítimo que se pergunte se o caso de Lilian e Universindo chegará

a ter as dimensões de um Watergate no Cone Sul. Contudo é difícil fazer previsões, embora algumas coisas sejam irreversíveis.

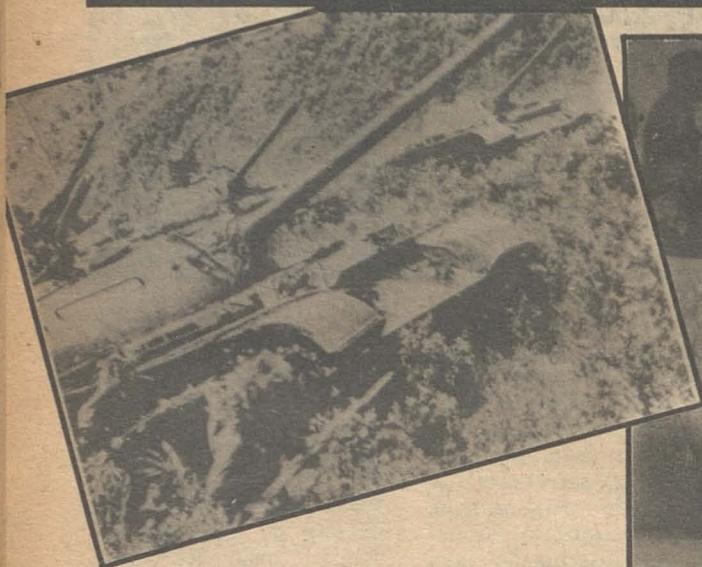
Por um lado, a notícia apanhou de surpresa o Uruguai onde, pela primeira vez, um sequestro não pode ser dissimulado nem omitido. Isso parecia impossível há alguns anos, quando, com igual desplante, agentes uruguaios sequestravam na Argentina mais de vinte pessoas e as transferiam posteriormente para o Uruguai, fazendo-as aparecer como "detidas em território nacional em actividades subversivas". No Brasil a Imprensa publicou, profusamente, uma lista de 117 uruguaios sequestrados na Argentina que, além dos nomes das vítimas continha a sua profissão, a idade e a ficha de sequestro. Na maior parte dos casos nada mais se soube dessas pessoas. Algumas foram assassinadas e apareceram os seus corpos no Uruguai.

Por outro lado, o caso tornou-se uma questão de honra para certos sectores da opinião brasileira. A elucidação de todos os pormenores do sequestro e o castigo dos brasileiros e uruguaios inculpados é já uma questão de dignidade nacional. Finalmente cria-se um primeiro antecedente que poderá permitir à opinião pública acreditar que os autores deste tipo de crime podem ser identificados e processados.

É muito difícil arriscar uma opinião definitiva sobre o futuro de Lilian e Universindo, cuja sorte se desconhece desde o dia 17 de Novembro, salvo a que o governo uruguaiu veícuila: "que estão detidos". Mas o seu caso pode passar à história desta fase negra dos países do Cone Sul, como o primeiro que conseguiu superar as barreiras da impunidade para chegar aos meios de comunicação e, talvez, à justiça.

cadernos do
terceiro
mundo

china ataca o vietnam

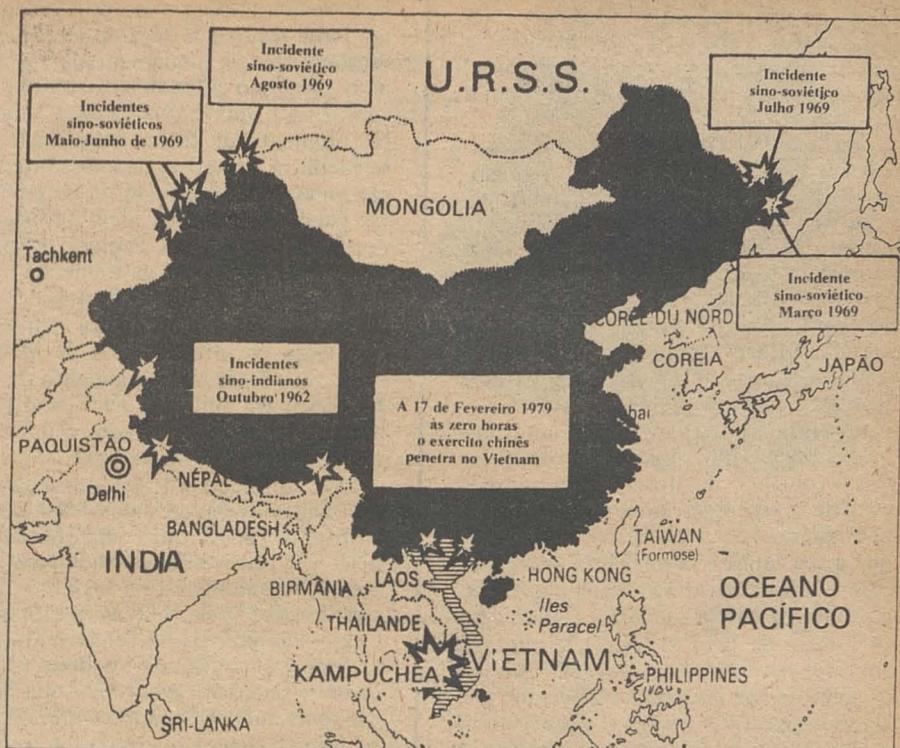


Pablo Piacentini

A agressão chinesa aumenta seriamente a tensão mundial. A actual política afasta Pequim do Terceiro Mundo e aproxima-a das potências capitalistas. A aliança que Deng oferece ao ocidente e as «quatro modernizações» causam inquietação: para onde vai a China?

A ofensiva militar lançada a 17 de Fevereiro pelo governo chinês contra o Vietname, é o mais grave e perigoso movimento efectuado até hoje pelo governo de Pequim, no marco da sua nova política que, nas questões internacionais, se caracteriza pelo anti-sovietismo, a aproximação ao "Ocidente" e aos Estados Unidos em particular, um comportamento negativo em relação a numerosos movi-

mentos de libertação e pelo estreitamento de relações amistosas com ditaduras pro-imperialistas do Terceiro Mundo. No plano interno, por uma liberalização e uma modernização de contornos ainda difíceis de precisar para o observador externo, mas que aparecem em discordância, pelo menos parcial, com o modelo socialista adoptado pela revolução chinesa.



O ataque chinês foi preparado de maneira meticulosa, a partir do momento em que a resistência do Kampuchea, apoiada por forças vietnamitas, conseguiu derrubar o regime extremista de Pol Pot, um íntimo aliado de Pequim. Esta aliança incluía uma forte presença militar chinesa no Kampuchea e foi com certeza o compromisso militar chinês que deu a Pol Pot a confiança e o estímulo para cometer imprudentes agressões contra o seu vizinho vietnamita, o que se constituiu na origem do enorme conflito desatado. O anti-sovietismo e o enfoque geopolítico de Hua Guofeng e Deng Xiaoping não lhes permitiu aceitar que as três revoluções do Sudeste Asiático se encaminhassem para uma natural aliança. Vietnam, Laos e Kampuchea seguiram processos paralelos num mesmo espaço geográfico. Derrotado o imperialismo, através de lutas convergentes, triunfantes os movimentos de libertação, a unidade devia ser o corolário que permitisse a esses três povos do Sudeste Asiático enfrentar as ameaças externas nessa estratégica região e edificar as novas sociedades.

Os dirigentes chineses interpretaram esse processo como uma ameaça contra os seus interesses. Nada o puderam fazer para o impedir dentro do Vietnam, e tão pouco no Laos. Mas encontraram um sector kampucheano aliado às suas teses e empenharam todo o seu poderio para o fortalecer.

Por isso o regime de Pol Pot começou, desde a tomada do Poder, um expurgo encarniçado contra os seus adversários. Os extremismos cometidos colocaram amplos sectores da população na oposição. E esta foi a base de apoio para a Frente encabeçada por Heng Samrin.

Isto explica a velocidade fulminante da ofensiva: o governo de Pol Pot não pôde articular uma resistência popular, não pôde demonstrar, apesar das suas declarações, que havia um povo em armas levantado contra a Frente e os seus aliados vietnamitas. Não se trata de um simples detalhe: se tivesse havido tal resistência, a acção dos vietnamitas não teria sido aceite por numerosos progressistas que, ao ver desmoronar em poucos dias o governo de Pol Pot, compreenderam que este tinha

cometido excessos que motivaram o levantamento, o que ficava comprovado "a posteriori" pela falta de reacção interna, não obstante a histórica rivalidade com o Vietnam.

Afastado Pol Pot, não restavam obstáculos à aliança natural entre os três países. Para os governantes de Pequim, tratava-se de uma derrota que não souberam aceitar. Há anos que os dirigentes chineses julgam todos os factos internacionais em função da sua rivalidade com a União Soviética e consideram amigos todas as forças políticas contrárias a Moscovo, e inimigos às que têm boas relações com Moscovo.

Só partindo dessa lógica maniqueísta é que se pode afirmar que o Vietnam actua sob o comando de Moscovo e é um perigo para a segurança chinesa. Isso pressupõe ignorar — e a China não o ignora — que a sua longa e heróica luta prova que, para o povo vietnamita, "nada é mais precioso que a independência e a liberdade" (a frase é de Ho Chi Minh), e que está fora de discussão a sua vocação pacífica — além de ser insensato atribuir-lhe pretensões agressivas contra o gigantesco vizinho chinês. O que mais surpreendeu os sectores progressistas nesta atitude, é a sua coincidência objectiva com os interesses das potências capitalistas, inclusive a similitude de linguagem ao referir-se ao Vietnam e a Cuba.

Mais: foi precisamente nos Estados Unidos que Deng Xiaoping deu a conhecer que se preparava para "dar uma lição ao Vietnam". O homem forte de Pequim sondou as intenções da superpotência e obteve o visto para o ataque. Nada pode convir melhor a Washington do que a divisão e o confrontamento entre os países socialistas, particularmente depois de ter perdido, na Ásia, o Irão e o Afeganistão.

Mas há algo ainda mais inquietante: que significa a afirmação de autoridades de Pequim, em fins de Fevereiro, no sentido de que tinham sido calculados todos os riscos do ataque, incluída a possibilidade de uma intervenção soviética? É óbvio que, em termos militares, a China não pode sequer pensar em manter uma ofensiva no Vietnam e simultaneamente enfrentar uma intervenção soviética.

A declaração de que tal risco foi mediado sugere necessariamente que, se a URSS põe em prática os tratados assinados com o Vietnam, a China receberá um

equivalente compromisso do Ocidente. É um hábil recurso de acção psicológica, ou uma advertência fundamentada? Até que nível chegou o entendimento entre os governos da China e dos Estados Unidos? No momento de fechar esta edição, não se encontra a resposta para essa interrogação, mas o simples facto da pergunta estar pendente, dá uma ideia da incerteza criada pela política de Pequim, da dimensão da ameaça à paz, da tremenda tensão bélica gerada no Mundo. Muitas das críticas que cabem a esta política têm vigência desde os últimos anos de Mao Zedong, mas desde o ressurgimento de Deng Xiaoping, em Julho de 1977, assiste-se a novas propostas cujas projecções envolvem uma inversão de alianças.

Mao formulou a teoria dos Três Mundos. Segundo ela, o Primeiro Mundo seria constituído pelas duas superpotências, EUA e URSS, assim consideradas igualmente hegemónistas. O Segundo Mundo seria formado pelas potências capitalistas. Com estas últimas, o Terceiro Mundo — aí incluída a China — poderia estreitar diversos acordos favoráveis à sua libertação, pois tanto o Segundo como o Terceiro Mundo têm em comum a recusa da "submissão ao hegemónismo", de uma ou de outra superpotência.

O erro dessa teoria consiste em esquecer que o imperialismo ou o hegemónismo são, para o Terceiro Mundo, sinónimos da expansão capitalista e que esta unifica, no fundamental, todas as sociedades industriais avançadas, através do capitalismo transnacional. As contradições inter-capitalistas são portanto secundárias.

Quanto à libertação do Terceiro Mundo do sistema transnacional, ela passa necessariamente por uma aliança com os países socialistas consolidados. Se as divergências ideológicas entre a URSS e a China eram inultrapassáveis, é impensável que ambas apoiassem coordenadamente os movimentos de libertação, a China, como país socialista, devia ter competido com a URSS precisamente nesse terreno. Mas, aparentemente, as concepções geopolíticas tiveram a supremacia sobre as ideológicas, e assim se viu Pequim adoptar a máxima "*o inimigo do meu inimigo é meu amigo*". Sucederam-se actos de outro modo inexplicáveis: a cooperação com o regime do general Pinochet no Chile; o apoio ao Zaire de Mobutu e à FNLA de Holden Roberto, apoiado ao

**cadernos do
terceiro
mundo**

Rua da Lapela, 193 - S/Loja - RJ
CEP 20.020 Tel. 242-1957

Para onde vai a China?



mesmo tempo pela CIA e assessores chineses, no seu combate contra o MPLA; o apoio dado "in extremis" ao Xá, com a visita a Teerão do primeiro-ministro Hua Guofeng; isso para citar apenas os casos mais clamorosos, até culminar com o ataque ao Vietnam. A teoria dos Três Mundos ainda continha a qualificação dos Estados Unidos como superpotência imperialista.

Mas agora os novos dirigentes passaram a promover uma aliança da China com os Estados Unidos, o Japão e a Europa Ocidental. Em política internacional postulam a coordenação de esforços deste eixo para conter a URSS. E com a tese das "quatro modernizações" — agrária, industrial, científica-tecnológica, e militar —, caminham para profundas transformações internas. Os planos interno e externo estão intrinsecamente ligados, pois a modernização chinesa, de hoje até ao ano 2000, far-se-á com base no intercâmbio com o capitalismo avançado.

Trata-se de um grande triunfo para o sistema dominado pelos Estados Unidos. O mercado chinês abre-se para um tipo de relação económica que em outros países subdesenvolvidos trouxe consigo, sistematicamente, um intercâmbio desigual com a sua sequela de endividamento. Com efeito, as grandes indústrias e a tecnologia, que a China começo a importar, envolvem grandes linhas de crédito. Mas sucede que a China não poderá suportar os desembolsos consequentes sem multiplicar as suas exportações. Como a indústria chinesa não está em condições de competir, deverá exportar matérias-prí-

mas e produtos com baixo índice de laboração, isto é, entrar-se-á na lógica da deterioração dos termos de troca.

Não está ainda claro como se pensa compatibilizar tal modernização, com os objectivos socialistas, pois a palavra de ordem "modernização socialista", tal como está formulada, não elimina esta incógnita.

A questão agrária, por exemplo, será tratada dentro da primeira fase da nova política (durante os dois anos próximos), por meio da mecanização rural. Na verdade, é uma necessidade por muito tempo adiada, mas a imprensa chinesa refere-se à situação agrária dizendo: "em relação à época anterior à libertação, o nível de vida dos camponeses melhorou durante o período de instalação das cooperativas agrícolas", mas "nos anos seguintes a produção agrária progrediu muito lentamente". Afirma-se, então, elipticamente, que as coisas andaram bem até ao biênio 1957/58, quando se criaram as comunas populares, e desde então houve um desvio no caminho.

Quais serão, pois, as mudanças na estrutura rural? Continuarão as comunas? Como se absorverá o impacto da indústria e da tecnologia ocidental na economia chinesa? A modernização significará incentivos maiores em favor dos técnicos e trabalhadores intelectuais e, portanto, uma diferenciação interna mais acentuada na sociedade chinesa? Que significarão estas questões em termos socialistas? Para onde vai, enfim, a China?

Cadernos do
terceiro
mundo

VIETNAM

**«o direito
de viver em paz»**



desenho de Vasco

Nguyen Thi Binh, a lendária dirigente da FNL que ficou famosa nas negociações de Paris para pôr fim à guerra no Vietnam, hoje Ministro da Educação do Vietnam reunificado, expõe as posições do seu governo diante dos novos problemas que ameaçam o Sudeste Asiático.

Etevaldo Hipólito

Qual é actualmente a participação do vosso país dentro do Movimento dos Países Não-Alinhados?

A República Socialista do Vietnam é Membro do Movimento dos Países Não-Alinhados e faz parte do seu Bureau de Coordenação. Em conformidade com a sua política externa e os princípios do Movimento, nós trabalhamos activamente pela realização dos objectivos do Movimento, a saber: a solidariedade colectiva e o apoio inabalável aos povos da África Austral nesta etapa decisiva da luta que eles travam para se libertarem do colonialismo, do racismo, da discriminação racial e do *apartheid*, e para o exercício do seu direito inalienável à autodeterminação e à independência nacional.

Qual o significado do Tratado de Paz e Amizade assinado entre a República Popular da China e o Japão, e do estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e os Estados Unidos?

O objectivo da assinatura do tratado sino-japonês, e o estabelecimento de relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a China foram objecto de declarações dos países concernentes. Nós seguiremos de perto esses acordos para verificarmos se por detrás desses actos não existem objectivos inconfessados. Sabemos claramente pelas acções práticas desses países.

Qual é a vossa posição em relação aos países do Sudeste Asiático, a essa área sempre na mira do imperialismo? Como podem ser explicados os últimos acontecimentos no Kampuchea?

Para com os países do Sudeste Asiático, o Governo da República Socialista do Vietnam aplica uma política de quatro pontos, que essencialmente é: respeito mútuo pela independência, soberania e integridade territorial; não intervenção nos assuntos internos; desenvolvimento de relações de amizade e de cooperação; interdição a toda a potência estrangeira de utilizar o território de um país para agredir outro. E nós estamos decididos a manter e a praticar essa política.

Quanto à República Democrática e Popular do Laos e à República Popular do Kampuchea, o Governo da República Socialista do Vietnam não poupa nenhum esforço para o reforço da solidariedade

combatente e da cooperação estreita com os dois países socialistas vizinhos.

Sobre os últimos acontecimentos, a República Socialista do Vietnam fez o melhor que pôde para contribuir activamente para a concretização de uma zona de paz, livre, independente, neutra, estável e próspera no Sudeste Asiático. O desmoronamento da clique Pol Pot-Ieng Sary e o surgimento de um novo regime popular e revolucionário no Kampuchea, criaram condições mais favoráveis para a realização e a consolidação de tais objectivos. Sobre o problema do Kampuchea, seria necessário fazer-se uma distinção entre as duas guerras.

E que-das guerras são essas?

A primeira é a guerra de fronteira com o Vietnam. Segundo ordens de Pequim, o grupo Pol Pot-Ieng Sary violou continuamente o território do Vietnam, massacrando a população, e causando grandes perdas de vidas e bens do nosso povo. O Vietnam deu provas de extrema paciência, e sempre propôs a solução do conflito por meio de negociações pacíficas. O grupo Pol Pot-Ieng Sary recusou-as teimosamente, e o Vietnam não teve outro caminho a seguir que o de exercer o seu direito legítimo de autodefesa de expulsar os agressores para fora do seu território e colocá-los em posição de não mais prejudicar o nosso povo.

E a segunda?

A segunda é a guerra insurreccional do povo kampucheano.

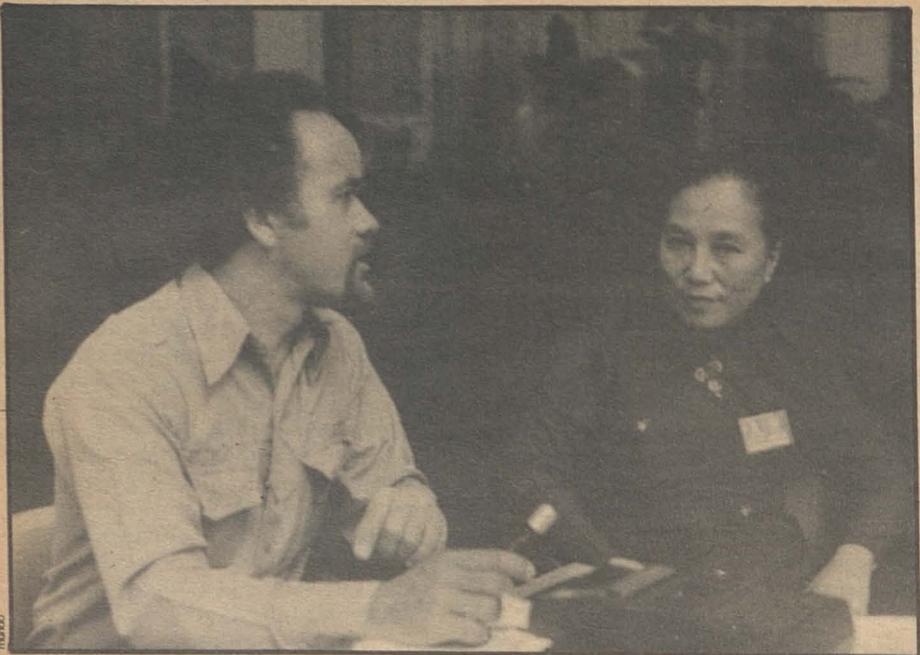
Todos sabem que o grupo Pol Pot-Ieng Sary, copiando a "grande revolução cultural" de Pequim, seguiu uma política cruel e genocida contra o seu próprio povo.

Onde há repressão, haverá luta, esta é uma lei objectiva. O povo kampucheano levantou-se em insurreição, derrubou o regime fascista de Pol Pot-Ieng Saray, e fundou a República Popular do Kampuchea.

Essas duas guerras diferentes tem a mesma origem: a política de expansionismo e hegemonia de Pequim. É por esta razão que a coordenação dessas duas lutas, a do povo vietnamita e a do povo kampucheno contra um mesmo inimigo, tem por consequência o derrubê do regime fascista de Pol Pot-Ieng Sario.

Quais são actualmente as relações entre a China e o Vietnam?

O Vietnam segue uma política de inde-



pendência e de soberania, e deseja estabelecer relações de amizade e cooperação com todos os outros países, e em particular com a China e os países vizinhos. Nós desejamos relações fraternas e de boa vizinhança, pois antes do mais, nós temos necessidade da paz para curar as feridas de trinta anos de guerra. Mas é lamentável que os meios dirigentes de Pequim ali-

mentem ambições expansionistas e hegemónicas de grande nação; eles querem fazer pressão sobre o Vietnam, e obrigá-lo a abandonar a sua política de independência e a seguir a sua errada linha.

Mas o Vietnam não se submeteu. Foi então que eles ordenaram aos seus agentes Pol Pot e Ieng Sary que desencadeassem uma guerra de fronteira com o Viet-

Publicidade

Lê — Assina — Divulga **FAROL DAS ILHAS** (Quinzenário)

A voz democrática das Regiões Autónomas

Assinatura anual 150\$00
Sede: Rua Mãe de Água, 13-2.º Fte.
1200 Lisboa

nam, suspenderam a sua ajuda, e fomentaram tumultos dentro do nosso próprio território. O seu objectivo é enfraquecer o Vietnam para poder submetê-lo. É esta a causa profunda da deterioração das relações entre o Vietnam e a China.

Como explicar a política externa chinesa em relação ao movimento revolucionário mundial?

A nosso ver, a política externa da China é ditada pela sua teoria dos "três mundos", que considera a União Soviética como o seu inimigo principal. A China propõe-se lutar contra a hegemonia dos grandes, mas na realidade, com a sua política das "quatro modernizações", vê-se que ela procura realmente os meios de elevar-se ao nível de superpotência. Para a realização desta meta, a China não hesita em unir-se às potências imperialistas e com os regimes mais reaccionários, chegando mesmo a opôr-se aos movimentos revolucionários e progressistas. Está claro que a política que praticam os dirigentes chineses não vai de encontro ao interesse dos povos, e em primeiro lugar, dos interesses do seu próprio povo. Eles terminarão por se isolarem e se desacreditarem diante dos olhos do Mundo.

Como deve ser interpretada a entrada da República Socialista do Vietnam como membro do Fundo Monetário Internacional, e que tipo de relacionamento existe?

O F.M.I. é um órgão financeiro internacional e entre as suas finalidades está a de realizar a cooperação entre os diferentes países no domínio do monetário. O Vietnam, como membro do F.M.I., recebeu a cooperação dessa organização para curar as suas feridas de guerra, para a reconstrução económica e para a melhoria das condições de vida do povo. Desejamos desenvolver ainda mais essa cooperação, não somente com o F.M.I., mas também com outras organizações internacionais.

A Imprensa dos países capitalistas tem posto em foco ultimamente e com bastante insistência, o problema dos Direitos Humanos no Vietnam. Que pode responder a isso?

Segundo a nossa concepção, os Direitos Humanos consistem antes de mais nada no direito de uma Nação viver na independência e na Paz, e no direito de cada cidadão de viver dignamente, honestamente e com felicidade. É por esses Direi-



tos do Homem que o povo vietnamita lutou durante dezenas de anos, e com grandes sacrifícios. É para a realização desses objectivos que desenvolvemos neste momento o melhor dos nossos esforços no tratamento das sequelas da guerra e encaminhar o país tendo em vista edificar uma vida realmente decente para o nosso povo. Mais que qualquer outro, o povo vietnamita comprehende o valor dos Direitos Humanos, e luta denodadamente pela preservação desses Direitos, não somente para nós próprios, mas para todos os povos do Mundo. Nenhuma colónia dos imperialistas e das forças reaccionárias poderá falsificar essa realidade.

O que tem a dizer sobre as recentes declarações do Primeiro-Ministro Pham Van Dong à Imprensa tailandesa sobre as relações entre os partidos e entre os Estados?

Na sua visita aos países do Sudeste Asiático, o Primeiro-Ministro Pham Van Dong reafirmou a Política dos Quatro Pontos da República Socialista do Vietnam para com os países desta região, e sublinhou a determinação do Viet Nam em persistir nessa política.

Eu aproveito esta ocasião para transmitir aos leitores e para a equipa de jornalistas do "Cadernos do Terceiro Mundo" as saudações calorosas e a amizade fraterna do povo vietnamita. Muito obrigada.

MÉDIO ORIENTE

Solidariedade com o povo árabe



Entre os dias 20 e 24 de Outubro do corrente ano terá lugar a Conferência Mundial de solidariedade com o povo árabe, dedicado fundamentalmente ao apoio à causa palestiniana. Constituirá a maior organização deste tipo programada até hoje, e, segundo os observadores, será um grande factor de esclarecimento e de mobilização internacional em favor da causa palestiniana.

Os "Cadernos do Terceiro Mundo" assistiram às sessões da comissão preparatória da conferência, celebradas em Roma entre os dias 10 e 11 do passado mês de Fevereiro. Ali se decidiram a ordem do dia, a data a ser realizada a conferência e o seu possíveis locais: Roma, Paris, Londres, Lisboa, Madrid, Tripoli ou Argel. Nas próximas semanas, e após várias consultas, será escolhido o local onde

se virá a realizar a conferência de entre estas sete capitais.

A conferência mundial foi convocada pelo Congresso do Povo Árabe, com sede em Tripoli. Congresso este que, segundo informou aos "Cadernos do Terceiro Mundo" o seu Secretário-Geral, o líbio Omar Al Hamdi, reúne "mais de 150 organizações políticas, sociais, sindicais e de massas, que representam todos

os extractos dos diferentes países árabes, o que leva a que a representação social desses países se veja espelhada no Congresso e que as suas conclusões refletem a unidade do Mundo Árabe".

O Congresso do Povo Árabe propôs, como uma das suas tarefas fundamentais, denunciar a política seguida pelo presidente egípcio Anwar Sadat em relação a Israel e os Acordos de Camp David.

Nesse sentido, realizou-se

em Damasco, em Novembro de 1978, uma sessão extraordinária do Congresso, na qual foi decidido convocar a Conferência Mundial cujos detalhes foram agora estabelecidos na reunião de Roma. O secretário permanente do Congresso, a cargo de Al Hamdi, encarregar-se-á da coordenação prática dos trabalhos preparatórios.

No Congresso participam mais de 50 organizações e partidos não árabes. E a representação dos partidos

é muito ampla, já que há socialistas, comunistas, democratas-cristãos, etc. No caso da Itália, por exemplo, fazem parte os partidos Democrata Cristão, Comunista, Socialista, Social-Democrata, os quais representam mais de 80 por cento do eleitorado do país. Integram-no, igualmente, partidos progressistas e movimentos de libertação de todo o Terceiro Mundo, e também federações sindicais, organizações de estudantes, de mulheres, etc. O que leva a que a representação chegue ao nível das bases.

Não obstante congregar presenças tão díspares, quer sob o ponto de vista político quer geográfico, houve um pleno consenso entre os delegados presentes na reunião de Roma em assinar uma exortação à opinião pública mundial e em aprovar a Ordem do Dia. Ambos os documentos reflectem o ponto de vista dos sectores progressistas e nacionalistas árabes e é por isso que o apoio dado, por exemplo, por certos partidos europeus até há pouco tempo reticentes em subscrever por inteiro essas tomadas de posição, é uma valiosa conquista do Congresso do Povo Árabe.

Segundo nos afirmou Al Hamdi, o encontro de Roma "comprova que na opinião pública mundial e em particular no Mundo Árabe, há um novo espírito de maturidade que permite organizar uma ampla e eficiente mobilização de solidariedade em favor dos direitos do povo palestiniano, que é o projecto da Conferência Mundial.

Aí analisaremos todos os problemas que ameaçam a

ordem do dia

cadernos de

terceiro
mundo

Rua da Lapa, 180 - S/Loja
CEP 20.021 - Tel. 242-1957

Foi aprovada já na reunião preparatória de Roma a ordem de trabalhos da Conferência Mundial de Solidariedade com o povo árabe, que será a seguinte:

1.º) O direito do povo árabe a lutar contra os desígnios do imperialismo, do sionismo e da reacção por:

- a libertação política, económica, o progresso social e a realização da unidade;
- os direitos nacionais do povo árabe palestiniano;
- o direito do povo árabe palestiniano a exercer todas as formas de luta pela libertação do seu território nacional.

2.º) Os desígnios do sionismo, o sionismo e a reacção no Mundo Árabe, em particular os dois Acordos de Camp David, e os perigos de tais desígnios em relação aos interesses vitais de todos os povos, à causa da paz e da libertação do Mundo.

3.º) As formas da colonização sionista nos territórios árabes ocupados, e os desígnios em curso, em especial o "complot" do "autogoverno". As contínuas agressões israelitas.

4.º) Os programas de trabalho da solidariedade mundial para o apoio à legítima luta do povo árabe, especialmente do povo palestiniano, guiado pela Organização para a Libertação da Palestina (OLP), seu único e legítimo representante.

exortação à opinião pública

A região árabe passa actualmente por uma fase de grande perigo. A tensão permanente deve-se às agressões contínuas cometidas contra os seus povos e seus Estados independentes. Esta tensão constitui um perigo real ascendente para a segurança e a paz nesta região e no Mundo.

A usurpação da terra palestina, a expulsão de todo um povo, a tirania exercida sobre as populações que permanecem nos territórios árabes ocupados, a ocupação que se mantém por parte das forças israelitas de territórios pertencentes a Estados Árabes independentes e membros da ONU (Síria e Egito), à qual se vem juntar a agressão persistente contra o sul do Líbano; a ingerência nos assuntos internos desse país, o desafio incessante às forças da ONU a fim de impedir a sua actuação; toda esta situação, a que se vem juntar a ofensiva do imperialismo e dos seus aliados reaccionários, que procura a destruição dos regimes progressistas e dos movimentos de libertação, constitui um perigo que ameaça desencadear novas guerras na região.

Trata-se de uma grande injustiça condenada pela Declaração dos Direitos do Homem e pela legitimidade internacional.

A eliminação de todas as causas de tensão bélica e a instauração de uma paz duradoura e justa são reivindicadas por todos os povos e forças progressistas.

Os dois Acordos de Camp David não apresentam nenhuma solução para a crise na região, como o demonstrou a evolução dos recentes acontecimentos, e, pelo contrário, tornam-na ainda mais grave e perigosa.

Acordos esses que ignoraram todas as resoluções da ONU e a essência do conflito na região: o problema palestiniano, o direito do povo árabe da Palestina a regressar ao seu território, o seu direito à autodeterminação, à instauração do seu Estado independente sobre o território nacional palestiniano e o reconhecimento da OLP como o único representante legítimo, de direito desse povo.

O povo árabe opôs-se categoricamente a esses acordos que ameaçam a segurança dos povos árabes, e condenou-os a nível oficial e popular. Esta rejeição manifestou-se concretamente através do OLP, da unidade do povo palestiniano nos territórios ocupados, das forças políticas populares no Egito, das resoluções da Frente de Firmeza, da Cimeira de Bagdad, da carta de trabalho nacional sírio-iraquiana e das resoluções do Congresso do Povo Árabe, que reúne todos os partidos e organizações políticas, sindicais, profissionais, muitas das quais transferiram as suas sedes do Cairo para outras capitais árabes.

Apelamos a todas as forças amantes da paz e da justiça, a todas as forças progressistas e democráticas do Mundo, para que apoiem esta conferência e a convertam num êxito de solidariedade com a legítima luta do povo árabe para a realização dos objectivos definidos nesta exortação.

Viva a unidade de todos os povos do mundo contra o imperialismo, o racismo, a reacção e a guerra; pela liberdade, o progresso e a paz!!

integridade da nação árabe. Demonstraremos que nós, árabes, somos partidários da paz e que nos vemos obrigados a lutar a fim de que sejam reconhecidos os nossos direitos".

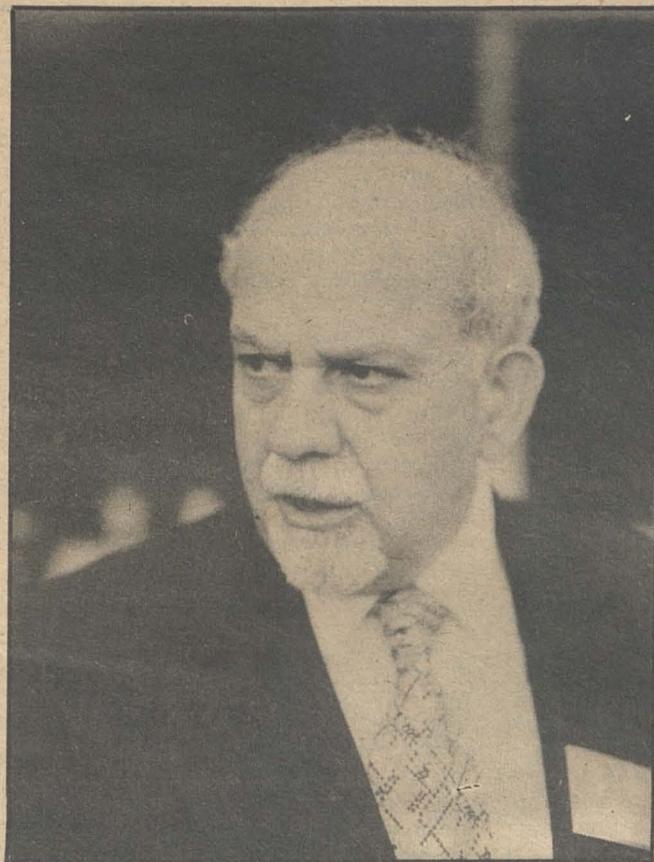
Para aquele dirigente líbio, este crescimento da tomada de consciência internacional a respeito dos problemas árabes só foi possível em virtude de um processo interno prévio no Mundo Árabe, que conseguiu isolar na região a política pró-norte-americana de Sadat, e unificar as posições em oposição ao Acordo de Camp David.

Al Hamdi descreveu este processo dizendo que "na verdade existiam divergências entre os diferentes sectores árabes, mas quando, a 19 de Novembro de 1977, Sadat visitou Jerusalém, as reacções adversas foram unânimes e confluíram numa forte corrente na busca da unidade. A nível oficial, os chefes de Estado dos países da Frente de Firmeza reuniram-se em Tripoli, entre o dia 5 e 8 de Dezembro. E daí surge o Congresso do Povo Árabe, que expressa uma completa unidade a nível político, social, sindical e de organização de massas".

"Conseguida esta prévia unidade interna árabe, foi possível receber uma ampla adesão das demais regiões do Mundo. Adesão que as actividades do Congresso do Povo Árabe e a Conferência Mundial em particular procuram ampliar, articular para dar formas concretas à imensa solidariedade latente com a causa palestiniana."

PALESTINA

«não esquecemos o inimigo principal»



entrevista de Margarida Gouveia Fernandes

Zehdi Terzi, observador da OLP nas Nações Unidas e combatente da primeira hora da causa palestiniana, dá-nos, em curta entrevista, algumas informações sobre a sua Organização.

É um homem calmo e

tranquilo. De fala compassada e tranquila e espírito alegre, deixa entretanto transparecer no olhar, a inteligência e a determinação de que é possuidor. Lutador desde sempre pela causa do povo palestiniano, está na origem da OLP, antes

mesmo da formação das diversas Organizações que a compõem.

As tensões entre as várias organizações de resistência palestiniana têm por vezes enfraquecido a sua força. Estará agora a OLP no ca-

mmho da unidade? Qual seria então o polo de unidade entre organizações que propõem análises tão diferentes do processo histórico? Quer dizer, como está a OLP a resolver o problema das alianças?

Acabo de vir da reunião do nosso Conselho Nacional em Damasco. Alcançamos uma aprovação unânime em relação ao que chamamos a Frente Unida Nacional. Ora, o facto de que entre os palestinianos existem pessoas de diferentes tendências e diferentes ideologias só constitui sinal saudável de que somos um país dinâmico. Também é importante notar que este povo tem todas as facilidades no exercício dos seus plenos direitos podendo apresentar a sua explicação, a sua teorização sobre o que está a acontecer. Mas na base de tudo isto existe uma Frente Unida de liberação palestiniana e a OLP é a organização que a todos inclui. Daí o ênfase no facto de que existem divisões entre as fileiras palestinianas. Sim, é verdade que elas existem, mas não até ao ponto de os palestinianos esquecerem o seu principal inimigo, que é o imperialismo e o sionismo.

Como é que a OLP encontra a fusão dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros, da Defesa e da Informação da Síria e do Iraque, passo para a união dos dois países num só Estado? Essa união será possível? E quais as consequências para a OLP?

Não tomamos as coisas parcialmente. Sabemos que de facto existe um desejo genuíno e sincero de ambos os lados, do Iraque e da Síria, de formarem por completo, o que chamamos

de Frente Unida ou o Programa de Acção Unida. O nosso Conselho Nacional deu instruções ao Comité Executivo para apoiar os passos em direcção à unidade entre o Iraque e a Síria. Sentimos que no momento em que o acordo total entre o Iraque e a Síria seja alcançado e realizado militarmente, economicamente, e em todos os outros aspectos, a nossa posição tornar-se-á muito mais forte do que é hoje.

A OLP E O RAKAK

Como se encontram actualmente as relações entre a OLP e as forças progressistas de Israel, especialmente o Partido Comunista de Israel?

Não constitui segredo o facto de termos com o Rakak uma acção conjunta, inclusivamente uma vez emitimos um comunicado conjunto. E acreditamos sinceramente que a nossa luta é dirigida principalmente contra o estado sionista, contra as práticas sionistas e racistas. As nossas relações com o povo de Israel, com as forças democráticas de Israel (à frente das quais está o Partido Rakak), tornar-se-ão cada vez mais fortes e profundas.

O Partido Comunista de Israel considera os encontros de Camp David como uma derrota (visto reforçar dentro de Israel a posição dos sionistas), embora temporária. E Emil Habiby declarou que em virtude disso as forças progressistas em Israel se encontravam isoladas temporariamente. Partilha esta opinião?

Emil Habiby é um perito nessa matéria, e não lhe posso realmente dar uma

opinião acerca do que está a acontecer dentro de Israel. Mas, por outro lado, o que é certo é que a aproximação e os acordos de Camp David só ajudaram a cristalizar as contradições na área. Por isso os acordos de Camp David só forçaram a revelação de quem é patriota e de quem é agente do imperialismo, implicando a sua denúncia e exposição perante as verdadeiras forças progressistas.

A OLP NOS NÃO-ALINHADOS

Qual o significado da presença da OLP no Movimento dos Países Não-Alinhados?

Significa muito. Como uma organização nacional de libertação, fomos aceites para representar um povo sob dominação estrangeira. Depois de nós a SWAPO recebeu o mesmo estatuto. E neste momento estamos a bater-nos pela aceitação da Frente Patriótica do Zimbabwe como membro de pleno direito. É importante saber que o Movimento dos Não-Alinhados nasceu como uma força anti-imperialista e anticolonialista. Em virtude disso, como somos anti-imperialistas, anticolonialistas, anti-racistas, a nossa posição é dentro do Movimento. Isso proporcionou-nos maiores facilidades na apresentação perante o Mundo das nossas opiniões e perspectivas. É evidente que apreciaremos sempre com gratidão o que os Países Não-Alinhados têm feito pela nossa causa, especialmente nas Nações Unidas.

Segundo a perspectiva da OLP, existem laços específicos entre a sua luta e a

dos povos do Zimbabwe, Namíbia e África do Sul?

Existe uma aliança profunda entre os regimes racistas e o regime de Israel. De facto, os Países Não-Alinhados referem-se a um eixo racista que comprehende Israel, a Rodésia e a África do Sul. Os métodos utilizados por estes regimes e por Israel são quase semelhantes. As táticas políticas são semelhantes. O desrespeito pela resolução das Nações Unidas é o mesmo.

Além de se ajudarem mutuamente...

De facto, o principal elo entre Israel e a África do Sul, de acordo com a imprensa israelita, como o "Jerusalem Post" e o "Jeliot Ahronot", é o militar. É esta a sua posição. Por isso, para atacar esta ímpia aliança, existe o dever camarada e militante dos combatentes da liberdade e dos movimentos de libertação nacional de se juntarem, porque o inimigo é só um.

A CHINA

Neste contexto, como encara a OLP as novas posições da China em relação aos países capitalistas, e especialmente a Israel, através dos Estados Unidos da América?

Francamente não sei se a nossa chefia já tomou uma posição. Mas é realmente perturbador ver um país socialista, um grande amigo e defensor da causa da libertação, apoiar, por exemplo, as tomadas de posição egípcias em Camp David. Estamos bastante inquietos, embora aqui não me encontre totalmente informado dos últimos progressos e decisões.

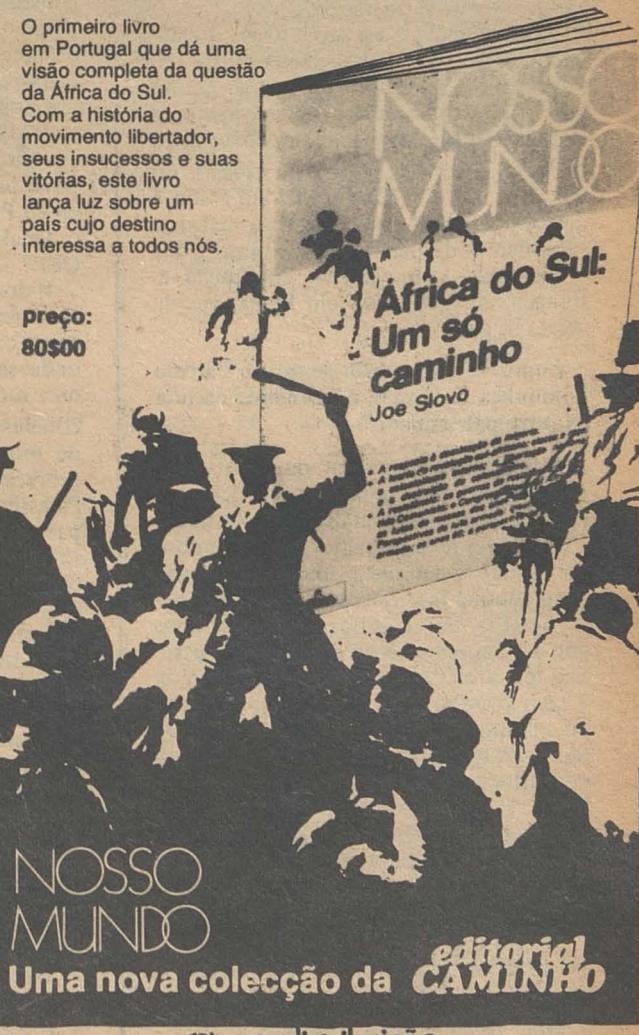
Publicidade

ÁFRICA DO SUL UM SÓ CAMINHO

JOE SLOVO

O primeiro livro em Portugal que dá uma visão completa da questão da África do Sul. Com a história do movimento libertador, seus insucessos e suas vitórias, este livro lança luz sobre um país cujo destino interessa a todos nós.

preço:
80\$00



CDL a distribuição

RAKAK: uma só luta um só futuro



EMIL HABIBY é membro do Bureau Político do Partido Comunista de Israel (RAKAK). Foi um dos fundadores, na Palestina, do movimento que antecedeu a criação do Partido Comunista após o estabelecimento do Estado de Israel.

Paralelamente é escritor. Árabe e cidadão de Israel, considera-se um escritor palestino. Escreveu novelas que foram bem aceites nos países árabes e também em Israel. Jornalista, foi até há pouco tempo o editor-chefe do "El Itihad", órgão central do Partido escrito em árabe, e actualmente trabalha na revista marxista "Problemas da paz e do socialismo", que é um órgão do movimento comunista internacional, publicado em Praga, em diversas línguas.

Como vês, como dirigente do Partido Comunista de Israel, o problema da luta do povo palestiniano?

Desde há muito tempo que, juntamente com os meus camaradas, participo na justa luta do povo árabe da Palestina e considero o meu trabalho, como membro do Partido Comunista, uma continuação dessa mesma luta que não é contra o povo israelita. Pelo contrário, consideramos que o desenvolvimento do processo histórico levou os dois povos, o povo israelita e o povo árabe da Palestina, a um só campo, a uma só luta, a um só futuro. De facto, os seus inimigos são os mesmos e o seu futuro é um só. Os comunistas de Israel, judeus e árabes, lutam pelo reconhecimento do direito do povo árabe da Palestina à autodeterminação, pelo direito de viver em liberdade, livre da ocupação israelita, pelo direito de viver na sua terra natal, pelo direito de estabelecer o seu próprio Estado independente ao lado do Estado de Israel.

Uma ação comum, diríamos...

Sim. E nesta acção vemos também o futuro do próprio povo de Israel; consideramos que faz parte da luta para assegurar o futuro de Israel e do seu povo.

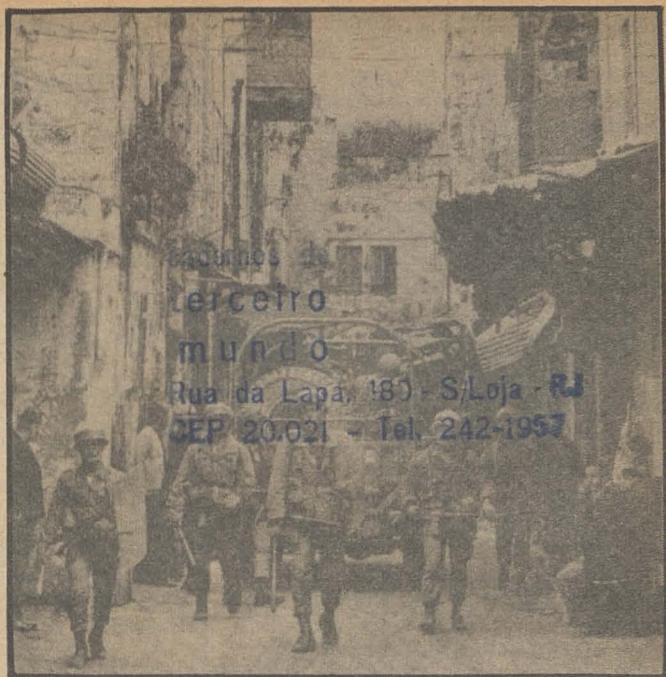
Segundo o nosso ponto de vista, isto constitui a plataforma essencial do nosso Partido, que unifica os comunistas judeus e árabes. E a nossa orientação política é compreendida e apreciada pela maioria das forças progressistas e patrióticas de todo o Mundo Árabe, e especialmente pelas forças progressistas e patrióticas do povo palestiniano, nomeadamente dentro da OLP.

Qual a ligação entre o RAKAK e a OLP?

É do domínio público que o nosso Partido teve um encontro oficial, há dois anos, com uma delegação oficial da OLP, onde se discutiu o futuro da luta. E de um modo geral, chegámos às mesmas conclusões relativamente à necessidade de uma luta política comum, das forças progressistas de Israel e do povo árabe da Palestina, para conseguir e assegurar uma paz justa e permanente no Médio Oriente. Isto implicará a evacuação das forças ocupantes israelitas de todos os territórios árabes ocupados desde 1967, e do reconhecimento do direito do povo árabe da Palestina à autodeterminação, do direito de estabelecer o seu próprio Estado independente junto ao Estado de Israel, e da necessidade de encontrar uma solução para o problema dos refugiados, de acordo com as decisões tomadas na ONU.

Nós sabemos que esta nossa plataforma é aceite pela OLP, e se ainda não foram dados passos reais em direcção a uma solução como esta, nós atribuímos a responsabilidade ao imperialismo e aos centros de decisão israelita. E neste momento temos que o dizer, a culpa estende-se à reacção árabe.

E essas novas alianças trazem novas



exigências...

A exigência de que seja a OLP a primeira a reconhecer Israel e o seu direito de existir é uma exigência imoral. Primeiro Israel tem que reconhecer oficialmente o povo árabe da Palestina, o seu direito à autodeterminação e o seu direito de estabelecer o seu próprio Estado. Só depois se terá o direito de exigir à OLP que reconheça publicamente e oficialmente o Estado de Israel, a sua existência e os seus legítimos direitos. Em Israel, nós, os comunistas, e outras forças progressistas, aceitamos a vontade do povo árabe da Palestina de que o seu único, legítimo e representativo condutor seja a OLP. Não só reconhecemos, como convidamos o governo de Israel a reconhecer oficialmente a chefia do povo árabe da Palestina. Da mesma forma como exigimos aos palestinianos que aceitem Israel como é, com o seu governo. Mesmo com Begin no poder, o governo de Israel representa Israel neste momento. Por isso também temos que ter uma atitude semelhante relativamente ao povo árabe da Palestina: o seu representante é a OLP, o que é reconhecido não só pelo povo como também internacionalmente.

Qual o papel desempenhado pelos acordos de Camp David no reforço da

reacção árabe e no isolamento das forças progressistas?

Em toda essa movimentação do imperialismo e da reacção árabe à volta dos encontros e acordos de Camp David, e do que foi chamada a iniciativa do Presidente do Egipto, Anwar Sadat, não vemos passos em direcção à paz, mas sim um afastamento dela. Sabemos que no fim do ano de 1977, o governo americano foi obrigado a assinar uma declaração, acordada juntamente com a União Soviética, em que ambos se comprometiam a pôr em funcionamento a convenção da Conferência de Genebra para a paz no Médio Oriente. Esta declaração era o resultado do incremento da luta no Médio Oriente, em Israel, nos países árabes e em todo o Mundo, e também na ONU; pensamos que a convenção da Conferência de Genebra abrirá um verdadeiro caminho que conduzirá a uma paz justa, permanente e definitiva.

Mas entretanto houve um afastamento dessa solução...

Sim. Com este passo separado de Anwar Sadat, que só ajudou as forças mais reacionárias de Israel, e as encorajou a continuar com as suas exigências agressivas, a sua ocupação e a sua recusa dos direitos nacionais elementares do povo

árabe da Palestina. Os acordos que foram realizados entre Sadat, Begin e Carter não levam a uma paz justa, não serão aceites pelos povos árabes, não serão aceites pelo povo árabe da Palestina. E não haverá maneira de dar seguimento a condições tão injustas senão através da força. É por isso que consideramos os recentes passos do imperialismo, da reacção árabe e dos dirigentes israelitas como uma ameaça, que provocará novos derramamentos de sangue, novas guerras. É por isso que estamos contra eles, porque nós somos por uma paz real, permanente e compreensiva; e uma paz real não pode ser conseguida senão quando tomarem parte nela todas as partes interessadas, Israel e o povo árabe da Palestina.

Enquanto tentarem, em condições injustas, fazer pressão sobre os povos árabes, sobre o povo árabe da Palestina, a paz não será alcançada, a paz não será definitiva, a paz não será compreendida. Somos contra o forçar de condições injustas sobre os povos, seja o povo israelita ou o povo árabe da Palestina, e, por isso, somos tão consistentes na nossa atitude relativamente à paz: ela só pode ser real se for justa, aceite pelos dois povos.

A proposta da ONU implica a retirada de Israel de todas as regiões ocupadas em 1967. Qual é a vossa posição nesse caso?

O único programa aceitável e possível, é reconhecer as linhas de 4 de Junho de 1967 como as fronteiras permanentes, as fronteiras da paz, e começar a resolver de uma maneira justa e prática a questão dos refugiados palestinianos. E a Conferência de Genebra baseia-se neste programa e nas decisões do Conselho de Segurança da ONU e inclui as duas grandes potências, os Estados Unidos e a União Soviética. Isto significa que a solução só virá através de acordo, através de uma política de desanuviamento, e não através de acordos separados e do retorno a uma política de guerra.

Por tudo isto, continuamos a insistir na necessidade de voltar à Conferência de Genebra. Não existe outro caminho prático e aceitável nas circunstâncias internacionais que prevalecem hoje em dia. Somos contra o retorno a uma política de guerra fria, e é por isso que exigimos que o ponto quente, que é o conflito do Médio Oriente, seja resolvido através de uma política de "détente" e não através do retorno a uma política de guerra fria.

Há coincidência de intenções com a OLP?

Sabemos que esta nossa atitude é aceite pela maioria da chefia da OLP. Se for dada a oportunidade para que tal solução seja cumprida, eles aceitá-la-ão. Sabemos directamente que esta é a verdadeira atitude, mas o problema consiste em que do outro lado, do imperialismo e do governo israelita (e agora em companhia das ilusões da reacção árabe), tudo é feito para cortar o caminho de um verdadeiro progresso em direcção à paz.

E a já citada reacção árabe, qual o seu verdadeiro papel?

O papel da reacção árabe é conhecido: a reacção árabe sempre trabalhou em conformidade com o imperialismo e com os dirigentes sionistas de Israel. Mas dantes actuavam em segredo, e agora trabalham abertamente. E mesmo quando os dirigentes reaccionários árabes recusavam diferentes propostas para uma solução justa do conflito do problema palestiniano, a sua recusa era uma ajuda directa às actividades agressivas dos dirigentes israelitas. Sempre exigiram do povo árabe da Palestina que rejeitasse todas as propostas até que chegassem à completa capitulação. Agora pedem ao povo árabe da Palestina para dizer "sim". Sempre disseram "não" a diferentes soluções, justas e aceitáveis, de modo a não lhes dar seguimento, de modo a ajudar o imperialismo e os dirigentes israelitas. Agora chegam à total capitulação, e pela primeira vez dizem ao povo árabe da Palestina para dizer que sim. Isto é a continuação da história da sua traição, e este facto é agora compreendido, especialmente pelo povo árabe da Palestina. Por nós foi compreendido desde sempre. Sempre dissemos a ambos os povos, ao povo israelita e ao povo árabe da Palestina que os seus inimigos eram os mesmos, o imperialismo, o sionismo e a reacção árabe. Lutamos contra esses três inimigos, de modo a assegurar o futuro e a paz para ambos os povos, o israelita e o palestiniano.

Alguns dirigentes da OLP afirmam que o seu inimigo principal é agora o imperialismo dos Estados Unidos e o sionismo. Pensa que, em virtude disso, a reacção árabe pode pressionar a OLP?

A experiência mostrou que a reacção árabe e a reacção sionista israelita são uma só, na sua atitude relativamente ao imperialismo, apoiando-o, na sua atitude

relativamente aos seus próprios povos, oprimindo-os. Certamente que vemos que o papel actual da reacção israelita é o papel de ocupante, do agressor, daquele que nega os direitos nacionais elementares do povo árabe da Palestina. Mas a nossa experiência com a reacção árabe mostra que ela queria é que agora está disposta a servir os planos imperialistas no Médio Oriente, incluindo os planos que contam com os dirigentes de Israel. E temos que chegar a novas conclusões, como resultado dos passos tomados pela reacção árabe representada por Anwar Sadat, como resultado dos acordos de Camp David. E dizemos aos patriotas árabes, não só aos elementos progressistas, não só aos palestinianos, mas a todos os árabes patriotas, que estão agora confrontados com uma decisão, uma decisão fatal. Se continuarem com as velhas alianças com a reacção árabe, o único caminho que se abre é a possibilidade de Camp David, é o percurso da capitulação. Têm que decidir. Há uma outra aliança possível com as forças progressistas e uma aliança internacional com os países socialistas, com as forças socialistas. Aliarem-se com a reacção é o caminho de Anwar Sadat; pelo contrário, se se aliarem com as forças progressistas em todo o Mundo, e também em Israel, chegarão a uma nova solução, a um novo caminho. É a única forma de deter esta conspiração do imperialismo, do sionismo e da reacção árabe.

E o apoio financeiro?

Eles têm que decidir. A ajuda financeira que estão a receber não resolverá nada. Não é uma questão de ajuda financeira, é uma questão de guerra, determinando há séculos o destino do povo. Esta é a nossa atitude.

Mas pensa que a reacção árabe usará o argumento do nacionalismo para pressionar certos grupos dentro da OLP?

Certamente que sim, nós sabemo-lo. E concordamos com a atitude da OLP, de que a decisão deve ser uma decisão palestina, e pensamos que quando tomarem a sua própria decisão chegarão às mesmas conclusões que nós.

Então trata-se de um problema de luta de classes e não de um problema de nacionalismo. É isso?

As diferentes manifestações de nacionalismo têm, na sua base, origem de classes diferentes. Por exemplo, a política de capitulação de Anwar Sadat ajudou a



Manifestação no Cairo: contra a reacção árabe

reacção israelita, e está a ajudá-la contra os trabalhadores israelitas. Agora, o governo israelita, usando o argumento de que é ele que traz a paz ao povo de Israel, pede mais sacrifícios económicos ao povo de Israel. Temos agora em Israel um imposto, chamado "imposto de guerra"; agora dizem que vão criar um novo imposto, que se chamará "imposto de paz". Por isso a reacção árabe está a ajudar a reacção israelita e está a ajuda a reacção árabe. Lembramo-nos de, uma vez, um dos líderes de Israel dizer que o exército de Israel preserva a frente do rei Hussein e a frente do rei Khaled na Arábia Saudita. Ajudam-se pois mutuamente contra os seus próprios povos e isto tem uma base de classe.

Pensa que o desenvolvimento das tendências socialistas nos países árabes ajudaria o Partido Comunista de Israel e as outras forças progressistas na sua luta contra o sionismo?

É claro que sim. Quando os Estados árabes progressistas constituíam a maior força nos países árabes as coisas eram diferentes, mesmo dentro de Israel. E consideramos uma derrota na nossa justa luta, a capitulação de Sadat, que trouxe isolamento ao nosso partido. Estamos isolados, mas não para sempre. De qualquer modo é algo contra nós, contra as forças progressistas, que lutam por uma paz genuína. Por isso, a solução da luta de classes é a principal solução, nos países árabes e em Israel. Como em todo o Mundo.

Margarida G. Fernandes

Cadernos do
terceiro mundo

líbia solidariedade com a américa latina

A Yamahiria Líbia refletiu a sua posição política em relação à América Latina através de uma visão global da luta pela libertação do Terceiro Mundo e oferece a sua solidariedade às forças progressistas desse continente: tais são as indicações que surgem da conferência de solidariedade com os povos da América Latina, celebrada em Bengazi, entre o dia 27 e 31 de Janeiro.



As deliberações da Conferência foram tomadas à porta fechada e numerosos participantes latino-americanos — o seu número não foi divulgado, — abstiveram-se de revelar a sua presença. Apenas dialogaram com a imprensa os delegados da Frente Sandinista de Libertação (encontravam-se representadas as suas três tendências), o MIR e o MAPU do Chile e três organizações da Costa Rica: o Movimento Revolucionário do Povo, o Partido Socialista e o Movimento dos Trabalhadores 11 de Abril.

A posição da Yamahiria Líbia foi traçada tanto nas cerimónias de abertura como de encerramento, as únicas, aliás, abertas à imprensa. A delegação Líbia era presidida por Mohamed Abucita, subdirector do departamento internacional do Congresso Geral do Povo (que engloba funções equivalentes às do Ministério das Relações Exteriores).

Abucita caracterizou três tendências revolucionárias na América Latina: os partidos comunistas, os sectores provindos das burguesias nacionais, e os movimentos revolucionários, incluindo os que praticam a luta armada. "Enumero estes componentes — disse Abucita — dos movimentos latino-americanos a fim de exortar a unirem-se para marcharem unidos rumo à libertação, mediante uma completa coordenação entre as políticas de todos os revolucionários do continente, pois se requer uma grande eficácia para demolir a velha e construir a nova sociedade".

"A Yamahiria Líbia — prosseguiu Abucita — considera que é necessário estreitar os vínculos entre os movimentos latinos-americanos e os da Ásia e da África. Foi verificado aqui que temos os mesmos pontos de vista em relação ao inimigo comum: o imperialismo. Trata-se agora de trabalhar por uma maior coordenação e por isso é desejável que estas reuniões passem a ser periódicas."

Não foi este por certo o primeiro gesto de solidariedade do povo líbio com a América Latina — também já em Novembro do ano passado, e também em Bengazi, se havia realizado um congresso de solidariedade com o Chile. Mas após esta conferência latino-americana serão sem dúvida mais frequentes os contactos entre as forças progressistas latino-americanas e o povo líbio.

estados unidos violência nas escolas

Assiste-se hoje nos Estados Unidos a um surto de violência entre a juventude, que prevê graves consequências futuras.

A partir do facto de que, um jovem americano passa um sexto do seu tempo anual diante dos aparelhos de televisão, e que os programas televisivos norte-americanos apresentam uma média de sete assassinatos em cada três horas, não é di-

fícil deduzir o papel da televisão e do cinema nesse explodir da violência.

Estatísticas oficiais revelaram que, no total das escolas norte-americanas, verificam-se anualmente *cem assassinatos, nove mil violações, setenta mil agressões a professores, e mais de duzentas mil agressões contra os próprios alunos*.

uruguai fascismo prepotente

O embaixador do Uruguai no Panamá, recusou-se recentemente a receber uma petição de representantes da opinião pública do país, petição dirigida ao presidente Aparício Mendes, e onde era solicitada uma autorização para auxiliar os filhos dos presos políticos.

A petição tinha como base, o facto do ano de 1979 ter sido declarado pela Organização das Nações Unidas como o Ano Internacional da Criança.

O embaixador uruguai não recebeu a petição sob a alegação de que no seu país "não existem presos políticos, mas apenas presos de delito comum, a cujos filhos é prestado todo o apoio e assistência necessários".

Mas no entanto a verdade é outra. Na realidade, existem no Uruguai dois presos políticos para cada mil habitantes, isto é, o Uruguai é um imenso presídio político. E a confirmação deste facto é a série de dados apresentados na ONU pela Convenção Nacional dos Trabalhadores, união sindical uruguaia na clandestinidade, onde, entre outras informa-

cadernos do
terceiro
mundo
Rua da Lapa, 180 - S. Loja - RJ
CEP 20.021 - Tel. 242-1957



ções, se soube que nos últimos anos passaram pelas prisões uruguaias cerca de sessenta mil pessoas, isto é, um para cada quarenta habitantes do país.

Os agentes do aparelho repressivo raptam dezenas de pessoas e mantêm-nas em locais secretos, e os mais "perigosos" pura e simplesmente desaparecem. Isto sem falar nas execuções e torturas sistemáticas.

E, prepotentemente, o embaixador uruguai diz que no Uruguai "não há presos políticos".

PANORAMA
TRICONTINENTAL

áfrica do sul investimentos britânicos

Os malabarismos da Inglaterra no Conselho de Segurança da ONU, quando são tratados os problemas da África Austral, são explicados, por exemplo, pelo facto de a África do Sul constituir uma das mais vantajosas zonas de aplicação do capital britânico.

Para melhor termos uma ideia, o montante dos investimentos direc-
tos da Inglaterra na África do Sul é

de mais de quatro mil milhões de libras esterlinas, e os investimentos indirectos vão aos três mil milhões de libras.

No capítulo referente às exportações inglesas para a África do Sul, seus valores atingiram em 1978, o valor de 650 milhões de libras, ou seja, 14 por cento mais do que em 1977.

chile apoios externos

Já há mais de cinco anos que dura o "bom relacionamento" entre a China e o regime chileno de Pino-



chet. E não esqueçamos que Pequim foi um dos primeiros a reconhecer o governo fascista.

As relações dos dois países, com o tempo, tornaram-se mais sólidas, ao contrário do que esperava o mundo progressista.

O embaixador chinês em Santiago, Hu Cheng-Fang, afirmou recentemente que "a amizade chileno-chinesa se tornou mais profunda do que anteriormente".

Por outro lado, Pinochet não se cansa de realçar que dá particular importância "às relações com Pequim", e o diário chileno *Tercera Hora* apregoa a "plena coincidência" da China "com os pontos de vista do Chile".

Hu Cheng-Fang explicou essa coincidência, ao afirmar que a China e o Chile enfrentam, juntos, a União Soviética e os Estados Unidos.

E para que tudo fique realmente em "família", Brzezinski afirmou que "a administração pós-Mao com-
partilha os objectivos estratégicos com a Casa Branca".

senegal a internacional socialista africana

Notícias provenientes de Dakar dão conta de que o Congresso Constituinte da Confederação dos Partidos Socialistas Africanos (CPSA), ou seja, da Internacional Socialista Africana, foi postergado para meados deste ano, após ter sido previsto para fins de 1978 e já ter sofrido um primeiro adiamento para inícios de 1979, por razões que não foram claramente explicadas.

A dificuldade em criar esta Confederação estaria em alguns dos próprios partidos que poderiam integrá-la, e que aparentemente não estariam ainda convencidos das vantagens de fundar uma entidade com as características antes mencionadas.

Os principais promotores africanos da criação de uma filial da Internacional Socialista no Continente Africano são três: o Partido Socialista do Senegal, no poder e cujo dirigente máximo é Leopold Senghor, vice-presidente da IS, e os partidos do Egito e da Tunísia.

Estes três agrupamentos políticos são expoentes do chamado "socialismo democrático" — definição doutrinária da IS —, que na prática não tem passado de ser uma tímida modernização do capitalismo, com ampla participação do capital transnacional.

"Ao dar publicidade à irrealizável "terceira via" de desenvolvimento, os dirigentes da I.S. dão uma cobertura conveniente ao neocolonialismo, sob o qual o capitalismo é difundido em África" destaca a respeito o "Ethiopian Herald".

"Aos partidários mais entusiastas do "socialismo democrático" em África agrada-lhes falar do seu apoio aos movimentos de libertação nacionais africanos e árabes, embora actuem em detrimento deles. O Partido Socialista do Senegal não reconheceu até hoje o governo legítimo

da República Popular de Angola, membro da OUA e da ONU, e actua ao lado dos grupos divisionistas UNITA e FNLA. Este foi o partido que saudou o "diálogo" com o governo do apartheid da África do Sul, que se recusa a apoiar a luta da Frente Patriótica do Zimbabué pela libertação da Pátria", escreve o Jornal de Angola numa edição recente.

A "Internacional Socialista Africana" que tenta ardilosamente impor-se ao continente é justamente conhecida pelos próprios africanos como o cavalo de Tróia do neocolonialismo", declarou o ex-presidente da República Popular do Congo, Yhombi Opango.

Por seu lado, o jornal moçambicano Notícias da Beira escreve: "O verdadeiro objectivo dos que pretendem a criação da "Internacional Socialista Africana" é isolar os Estados que lutam pela independência, pelo progresso social e contra o imperialismo e a reacção".



Nos círculos políticos africanos estima-se que esta tentativa de fortalecer os partidos pró-occidentais, com a criação de uma confederação da I.S., é uma versão moderna da antiga política de "dividir para governar", ao criar uma falsa expectativa em torno das possibilidades de se converter numa alternativa à dependência actual.

cultura

Travolta: febre transnacional para lá de sábado



Não se trata só de um fenómeno inocente, mas sim de uma mensagem útil para legitimar o sistema e fazer do Mundo uma grande loja.

* Fernando Reyes Matta

Um ano depois de *Network*, o filme que debaixo da roupação de um drama sobre a televisão contemporânea, fez a promoção ideológica das multinacionais, chegou aos ecrãs de

praticamente todo o Mundo a figura de John Travolta e "Febre de Sábado à Noite". Como a outra esta também não é uma película inocente. Através do mundo das discotecas pro-

move-se uma racionalidade cordial entre os jovens e o mercado de consumo.

Empregado numa casa de tintas e membro de uma fa-

* O autor é investigador do ILET, Instituto Latino Americano de Estudos Transnacionais.

mília de emigrantes italianos que é controlada por uma mãe religiosa e ignorante, filho de um pai desempregado, Tony Manero (cujo protagonista é Travolta) aparece logo ao princípio do filme a caminhar por uma rua de Brooklim exibindo orgulhosamente os seus sapatos novos, as suas calças compridas e a sua camisa de cor vibrante. Detém-se no balcão de um armazém de roupa e oferece ao dono cinco dólares em depósito, para que ponha de lado uma preciosa camisa de fibra sintética. Sai logo correndo e o armazém grita-lhe:

— Espere deixe-me dar-lhe um recibo.

— Não é necessário. Confio em si — diz-lhe Travolta.

Elo final do processo distributivo do sistema o dono do armazém sorri, satisfeito e aliviado, e deixa-o partir.

As únicas possibilidades de realização (ideias e sonhos, ilusões, fantasias) deste jovem da classe média norte-americana, consistem em comprar roupa e bailar, até ficar esgotado, aos sábados à noite, numa discoteca aonde, ao contrário do que acontece em sua casa, é respeitado e admirado.

“Febre de Sábado à Noite” foi realizado nos Estados Unidos e destina-se ao mundo juvenil, dos finais dos anos 70, que não vivem as épocas de James Dean, Marlon Brando, Elvis Presley, assim como, nem sequer, a dos Beatles. Síntese de todos os estilos do rock combinados com uns quantos gestos assimilados das artes marciais do Oriente, Travolta encarna a negação do cabelo comprido, da

vestimenta descuidada e representa uma possibilidade encantadora para o jovem de hoje, de possuir um mundo diferente do das gerações precedentes, informes e contestatárias. A dez anos do Maio de 68 em França e das grandes manifestações antibelicistas, “Febre do Sábado à Noite” propõe uma juventude despoliticizada e incapaz de comprometer-se. Para quê comprometer-se se o sistema só por si é abundante em oportunidades?

“Não se deve pensar que todas as películas são produzidas por pensadores lúcidos e cínicos da classe dominante para difundir pelas classes dominadas a sua conceção do Mundo. O cinema também se destina à própria burguesia, sobretudo às camadas pequeno-burguesas que têm necessidade deste espelho para se reconhecerem com complacência e, também, para terem confiança na universalidade dos seus valores, assim como para acreditar neles à margem das mudanças históricas.” — diz-se num estudo sobre o “Cinema na sociedade ca-

pitalista” publicado pela revista *Cahiers du Cinema*, em 1973.

Acrescenta-se: “O que está em jogo nesta luta de classes ideológica levada a cabo pela burguesia, é tornar natural, evidente, universal e imutável, o seu ponto de vista e a sua conceção da vida; fazer admitir nos factos, mesmo por aqueles que explora, a ordem social actual como uma ordem natural, eterna, e a sua posição nesta ordem como uma posição desejável e não destrutível.

MAIS QUE MÚSICA

Em Santiago, México, Barcelona, Caracas, Lima, Buenos Aires, Lisboa, Amsterdão, desde a estreia de “Febre de Sábado à Noite” que as discotecas estão repletas de jovens que mexem a cadeira como Tony Madero, vestem o seu fato de acrílico branco, pintam-se como ele e usam a gola camisa aberta por cima do casaco. O México criou um programa de televisão, justamente no sábado à noite, para premiar o melhor bailarino da música



de disco, e os armazéns ex-põem para venda os fatos e as camisas do estilo Travolta. Em Santiago do Chile e em Madrid organizam-se concursos nas discotecas e projectam-se as cenas dos bailes de "Febre".

"O Cinema Internacional facilitou-nos mais de 15 cópias em 16 milímetros das duas cenas mais importantes do filme, do ponto de vista do disco: a da dança de Travolta e do concurso do baile. Ao princípio olhavam-nos com um certo cepticismo, mas deram-se logo conta de que a coisa ia funcionar" declarou à revista *Câmbio 16* um madrileno, chefe de promoção da empresa *Polydor*.

Pelo seu lado, os críticos dos países subdesenvolvidos limitam-se a falar do filme como de um fenômeno juvenil, mais ou menos sem história, discursivo e cheio de verborreia que, quando muito, pretende implantar um tipo de dança e de música fácil e pega-josa como as melodias que se escutavam nos altifalantes dos supermercados. Mas nenhum reparou, tal como fizeram com *Network*, que não se trata só de um fenômeno musical e de um divertimento inocente, mas sim de uma mensagem muito útil para mostar a "ordem natural das coisas", quer dizer, a racionalidade existente entre os jivens e a sua capacidade de consumo, a legitimidade da ideologia transnacional num mundo concebido como uma loja.

Não é por acaso que este projeto mercantil triunfou de uma maneira tão espetacular que propriou a imitação em cadeia. "A distribuição dos filmes centralizou-se", diz Thomas Gu-

back ao escrever sobre a indústria filmica norte americana. A informação sintetizada pelo investigador finlandês Tápio Varis, assinala que: "a MCA e a Paramount fundaram a *Cinema International Corporation, NV* (companhia holandesa), em 1970, para distribuir pelícias de ambas as firmas fora dos Estados Unidos. Em 1963 a *Metro Goldwing Mayer*, firmou um contrato de dez anos para que aquela empresa (*Cinema International*) distribua todas as suas pelícias fora dos Estados Unidos, vendendo-lhe 19 salas de exibição e a sua participação noutras 14 salas.

Se a *Transamérica Corporation*, proprietária da *United Artists*, produziu *Network*, a *Gulf Western* com igual ímpeto competitivo, através da sua filial *Paramount Pictures*, lançou no mercado "Febre de Sábado à Noite". Atrás de cada filme uma grande corporação transnacional. E, também, uma grande operação transnacional com diversas estratégicas.

Robert Stigwood, produtor da "Febre de Sábado à Noite", reuniu, em Janeiro de 1977, os executivos da *Cinema International Corporation*, que distribui o filme, com os gerentes da firma discográfica *Polydor* para lhes propor a coordenação entre ambas as empresas afim de lançar conjuntamente o produto. O acordo entre Stinwood e as multinacionais concretizou-se no mercado do disco de Cannes, na França. Mais tarde os homens das relações públicas utilizaram as suas melhores armas para que a película fosse escolhida na sessão anual de Óscars de Hollywood. O

objetivo não foi conseguido, mas os produtores aproveitaram o êxito para vender o disco com a banda sonora. Só nos Estados Unidos venderam mais de três milhões de unidades, ultrapassando em quantidade, o que foi vendido pelo melhor disco dos Beatles dos anos 60.

Na indústria filmica manifesta-se, agora, uma certa tendência para o aparecimento de corporações verticais que controlam várias etapas da produção e da distribuição cinematográficas. Ainda que esta expansão vertical não inclua a exibição em grande escala "esta classe de monopolização à escala global foi a mais proveitosa para as corporações norte-americanas, que, na prática, são oligopólios" segundo o citado estudo de Tapiro Varis".

A IDEALIZAÇÃO DO SINTÉTICO

A estrutura financeira e comercial que se encontra por detrás de "Febre de Sábado à Noite" é evidente. Não é por acaso que Travolta representa um jovem que tem como ídolos estrelas que são também de origem italiana (o Al Pacino de *Serpico* e o Sylvester Stallone de *Rocky* que, como ele, foram criadas, a todo o vapor, pela fábrica de sonhos de Hollywood. Também não é por acaso que Johnny Travolta e Tony Manero são lançados na publicidade internacional, por intermédio de uma campanha dirigida para todas as frentes de consumo: o próprio filme, os discos, as cassetes, a roupa, o tipo de música, o hábito adquirido de ir a discotecas.

Mas na realidade o que é

que se pretende? Qual é a mensagem? Qual a ideia que se pretende vender?

Desde que a fibra sintética começou a substituir a lã e o algodão (matérias-primas que ao fim e ao cabo são do Terceiro Mundo) a indústria química tratou de impor a conveniência da roupa fabricada à base de *Polyester* e *Nylons*. E então reparamos que Tony Madero adora as camisas de fibra artificial.

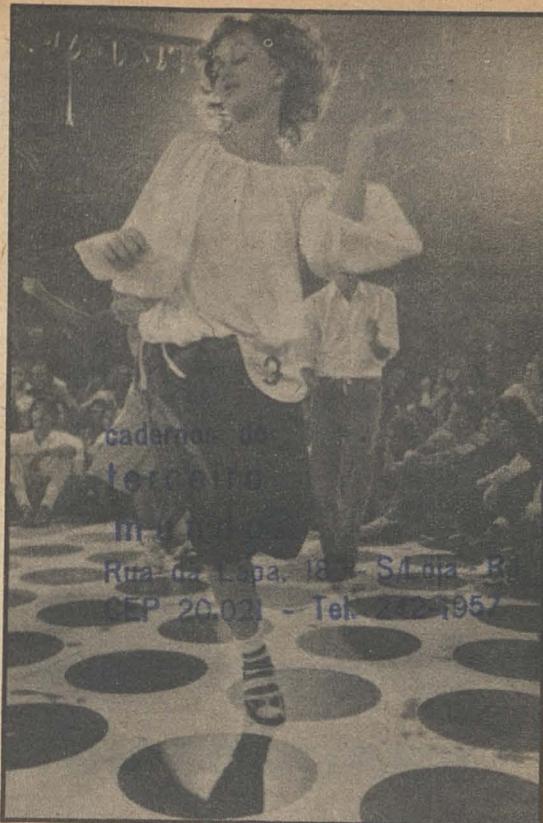
O jovem bailarino não é um inadaptado nem um rebelde, visto que as suas inquietações se limitam ao "ir passando bem". Quando o armazém lhe oferece o recibo não o aceita. Quando o seu patrón da casa de tintas lhe aumenta o ordenado, Manero vê a aprovação dos outros, o reconhecimento paternalista, e sente-se gratificado como obediente trabalhador e honrado cidadão. Através do pequeno proprietário, Mânero confia no sistema, no dono dos produtos e, por extensão, nos meios de produção; confia também no rapaz dos discos que na discoteca escolhe os discos por ele, que, por sua vez, se limita a dançar. Daí a perfeita harmonia entre os jovens e os mercados de consumo que personifica Mânero.

O seu gosto pela fibra sintética idealizada no filme, a camisa azul que quer comprar, a camisa estampada que não quer manchar durante a cena, vêm reafirmar o gosto dos jovens pelas tecnologias que as transnacionais criaram para um uso, que acaba por ser determinantemente mercantil.

O filme não se restringe a propôr isto de maneira ve-

lada. O rapaz dos discos junta um dado cúmplice quando diz explicitamente: *Como brilham os seus penteados! Que formoso bailarino!* Que elegante vem com o seu fato de polyester!

Os jovens giram na pista de baile sob estímulos de luz e som em persistência acelerada. Preferem o som electrónico às orquestras ao vivo. A harmonia é perfeita, própria da geração que se criou a olhar a publicidade na televisão. Esta dimensão da paisagem publicitária está marcada ainda mais fortemente em "Vaselina"; (*Grease*) os títulos do filme e as estrelas aparecem no meio de anúncios urbanos como *Firestone* e outros.



JUVENTUDE E CONFORMISMO

O mundo da discoteca é artificial e sintético com luzes de cores intermitentes, um ambiente psicadélico conseguido através de artifícios electrónicos. Esta artificialidade é a grande proposta subjacente: com a sua avançada tecnologia e o seu capital, as transnacionais podem criar um universo novo e fantástico.

Assim Travolta em busca da identidade do jovem de hoje aspira a resolver a sua vida de forma individualista. Não é o James Dean introvertido que despreza a ordem existente, que não se barbeia, que veste mal,

que não toma banho, que usa roupa velha, calções de algodão, e evita os centros comerciais. Travolta é a outra face da moeda: convive com os comerciantes do bairro, trabalha para poder satisfazer um sistema que o convida cada dia a consumir mais e mais artigos supérfluos que valorizam a sua personalidade. É um manequim saído das revistas de moda masculina.

Sem aquela magnífica camisa de *Polyester*, sem esses 30 dólares que lhe permitem ser o rei da pista, Tony Manero não é nada. O que lhe dá um cartão de identidade é esse mundo artificial e vazio, criado justamente por esses elos fi-

nais da cadeia de produção transnacional.

Com esta aparente subtilidade, a película põe em circulação um aparato ideológico que se choca com os modelos nacionais e as condutas locais dos países em que se exibe. Busca uma adesão juvenil mundial e encontra-a: é necessário conformar-se e escalar posições no sistema que dá oportunidades a todos e protecção. Até aos membros do Terceiro Mundo que pobres vivem nos Estados Unidos nos ghettos italianos, negros, mexicanos, portorriquenhos.

Entrando em linha de conta com as tácticas ideológicas das grandes corpo-

rações internacionais fica uma pergunta clara: serão os jovens o novo objectivo das transnacionais no que respeita ao consumo? Se "Febre de Sábado à Noite" tenta uma penetração para impor e trocar modelos de consumo entre os jovens de todo o Mundo; se as crianças são o único público a quem não se dirigiu especificamente uma mensagem cinematográfica que defende as transnacionais, devemos esperar, neste Ano Internacional da Criança, a chegada de um pequeno Travolta que ofereça a maravilha de um novo modo de vida infantil em que as raízes transnacionais se assentem com firmeza?

investigar para libertar

Um livro do Centro de Estudos Africanos da Universidade de Maputo, apresenta uma análise da situação na Rodésia de uma perspectiva de classe.

O Centro de Estudos Africanos da Universidade de Maputo, dirigido pelo destacado africanista Aquino de Bragança, militante consequente dos movimentos de libertação do Terceiro Mundo, publicou recentemente um documento ensaio sobre o Zimbabwe sob o título "A Questão Rodesiana", onde, pela primeira vez, se analisa a situação naquele país sob uma perspectiva de classe.

O livro divide-se em diferentes capítulos onde a questão rodesiana é estuda-

da sob o ponto de vista do investimento estrangeiro, do problema agrário, da classe operária e da pequena burguesia africana, assim como da comunidade colona, e foi concebido como "texto base" sobre a problemática da Rodésia segundo o define no prefácio o próprio Aquino de Bragança. Na contra-capa afirma-se que depois da independência das antigas colónias portuguesas o Zimbabwe passou à primeira linha da luta dos povos africanos na destruição das

velhas estruturas de dominação, facto que justifica amplamente o interesse despertado por este livro.

O trabalho que comentamos é a primeira publicação saída a lume do Centro de Estudos Africanos desde que foi fundado logo após a independência de Moçambique. A seu respeito diz o colectivo de autores que ele "se centra na determinação das classes sociais na Rodésia em relação às estruturas económicas do Território", mas também, "tanto quanto nos foi per-

mitido (...) procurámos identificar as prováveis posições que as classes poderão tomar na presente fase" da luta no Zimbabé.

No primeiro capítulo é analisada a composição de classe dos colonos e verifica-se que o grau de urbanização dos brancos era em 1969 de 79,6 por cento, em relação a apenas 13,4 por cento da população africana. É evidente também que "no período do pós-guerra os imigrantes eram principalmente operários especializados, pessoal administrativo e directivo e indivíduos de profissões liberais. Daí que a comunidade colona seja constituída fundamentalmente por pequena burguesia urbana" ainda que haja também uma "burguesia agrária composta por cerca de 70 mil lavradores".

Sobre a população africana refere-se que "na sua maioria é de origem rural e localiza-se nas áreas que lhes foram atribuídas pela Lei de Distribuição de Terras em 1930".

Contributo interessante à análise de classe no seio do campesinato africano, aquele trabalho colectivo mostra que no Zimbabwe "se desenvolveu uma diferenciação bastante importante nas áreas rurais, o que significa que 30 por cento dos camponeses africanos possuíram 60 por cento das terras e produziam cerca de 70 por cento do principal produto rentável, o trigo. Parecia estar a desenvolver-se uma classe kulak bastante significativa nesta área, que abastecia a parte principal da produção camponesa vendida no mercado (cerca de 34,5 por cento da produção total em 1960)".

Isto origina um sector de camponeses pobres que se vêm forçados a abandonar as suas famílias, convertendo-se em trabalhadores migrantes. Os autores deste trabalho colectivo cocluem que este processo teve muita importância pois "levou à gradual substituição dos trabalhadores migrantes estrangeiros — predominantes no primeiro período do pós-guerra — por um semiproletariado de origem interna".

O CAPITAL ESTRANGEIRO

A investigação recorda-nos que "na indústria mineira o capital estrangeiro é totalmente predominante". E fornece uma relação das principais empresas com capitais no país, encabeça-

da no cromo pela Union Carbide dos Estados Unidos, no níquel pela Anglo-American da África do Sul e Estados Unidos, no cobre igualmente pela Anglo-American, no carvão pela Wankie Colliery (que é controlada também pela Anglo-American), no cobalto pela Rio Tinto, etc., etc.

Segundo indicam aqueles investigadores, há actualmente na Rodésia "150 companhias estrangeiras operando, a maioria das quais na produção industrial". E entre os sectores praticamente dominados pelo capital transnacional encontram-se os do açúcar, tabaco, alimentos para lactantes, fábricas de cerveja, pasta goma, produtos químicos e adubos, electrónica, automóveis e o sector do petróleo.

No sector financeiro as investigações levadas a cabo pelo Centro mostraram que, tal como nos já referidos, ele é quase totalmente controlado pelo capital estrangeiro. Os mais importantes bancos e instituições financeiras que operam na Rodésia são encabeçados pelo Barclays (dos Estados Unidos da América e da Grã-Bretanha), logo seguido pelo Standard (Grã-Bretanha e África do Sul).

O PROBLEMA AGRÁRIO

Quando ao problema da terra as conclusões publicadas no livro "A Questão Rodesiana" dão conta de uma realidade que em tudo é semelhante à da África do Sul, à Namíbia e à situação da África em geral na época colonial. "A terra distribuída aos europeus — afirma o texto, — situa-se nos solos mais férteis, em torno das principais cidades, indústrias e minas, e possui além disso uma boa infra-estrutura; as terras distribuídas aos africanos encontram-se nas zonas periféricas, em solos pobres sem semi-infraestrutura e distantes dos mercados".

Bastante revelador é o capítulo dedicado à classe operária africana, onde se historiam as lutas sindicais na Rodésia e se analisam as potencialidades dos operários como elemento de pressão.

"Pese embora todas as limitações à acção sindical, os trabalhadores já, demonstraram a sua força potencial nestes últimos anos", afirma-se no livro; ao mesmo tempo em que são enumeradas as principais greves verificadas nos últimos tempos: em Gwelo, na

Mina de Shabani, na Mina de níquel de Trojam, na Mina Gaths, na Mina de ouro Blanket, na Mina de esmeraldas Sandawana, em Beliugure, na fábrica de açúcar de Hippo Valley Estates, etc. No entanto como corolário da reflexão sobre a luta de classes afirma-se: "porém, o aparelho repressivo do Estado e a criação de uma maior reserva de desempregados reduziram drasticamente a margem de manobra de muitos sectores da força de trabalho".

Entre as limitações cita-se a existência de um excedente de mão-de-obra, o que faz com que a política de redução de salários possa desenvolver-se sem problemas de maior, já que "quando um indivíduo tem a sorte" de encontrar emprego torna-se um escravo assalariado e as pressões de sobrevivência para ele e para os que dele dependem impedem-no de tomar qualquer atitude que possa pôr em perigo o seu emprego".

Neste capítulo é estudada essa classe "que se situa entre a burguesia e o proletariado". E se a define como "a posição de classe mais elevada que os africanos podem alcançar num estado colonial".

Entre o "reduzidíssimo número" de capitalistas africanos que surgiram na Rodésia, encontram-se principalmente os que se dedicam à actividade hoteleira nos "Tribal Trust Lands" ou os envolvidos no negócio dos transportes ou de venda de propriedades. Como cifra significativa, é mencionado que os africanos apenas contribuem em 1 por cento para o imposto

sobre rendimentos, demonstrando assim que é reduzido o número de nativos que possuem bens em comparação com os europeus.

Outro dado interessante apresentado no trabalho diz respeito a um inquérito realizado pela própria equipa do Centro. Dos poucos privilegiados que conseguiram completar o ensino secundário só 11,5 por cento encontrou emprego, apenas 25,6 por cento continuou os seus estudos e 50,2 por cento está no desemprego.

Sobre os colonos o livro (para 1969) apresenta os seguintes dados:

Origem

nascidos na Rodésia	41,2
nascidos em Inglaterra	23,9
nascidos na África do Sul	21,3
nascidos em Portugal	5

Do total dos colonos, 35 por cento controla o aparelho de Estado. O trabalho finaliza com citações de homens de negócios. Reproduzimos a do director da Triangle Ltd., controlada pela Hullets Corporation Ltd. da África do Sul (a quinta na lista das companhias mais importantes que operam no país). Afirmou ele: "O tempo é de mudança. Não só na Rodésia como em toda a África Austral. Temos que reconhecer que há uma discriminação injustificada".

"A Questão Rodesiana" abre um caminho nas investigações das equipas universitárias da África que se dedicam às ciências sociais. Que seja, pois, o peimeiro de muitos trabalhos do mesmo nível.

ciência e tecnologia

as vantagens do leite materno e o perigo «Nestlé»



foto de samuel iavelberg

A actuação sem escrúpulos das transnacionais dos «preparados instantâneos» provocam infanticídios em massa.

Os interesses comerciais que se sobrepõem à saúde das populações transplantam «modernizações» que, em vez de progresso, representam um grande retrocesso.

Maurice Jacques

“Assassino de bebés” foi o título que o jornalista inglês Mike Muller deu a um folheto, publicado em 1974, de denúncia às práticas publicitárias e comer-

ciais da companhia transnacional “Nestlé”. Em alemão, a tradução também teve um título contundente: “Nestlé mata bebés”. Nestes últimos cinco anos esta transnacional, cuja sede central está na Suíça,

foi denunciada por vários grupos de cientistas progressistas.

Segundo fabricante mundial de alimentos industrializados e o maior fornecedor de alimentos para bebés no Terceiro Mundo, o

Nestlé é um perfeito exemplo da agressividade expansionista de determinadas empresas que exportando "modernas" soluções para a alimentação e outras necessidades vitais das populações incutas, provocam uma série de problemas, às vezes gravíssimos, como o aumento da mortalidade infantil.

AMAMENTAR É MAIS SEGURO

Nos últimos vinte anos, a mentalização "modernizante" ligada à publicidade comercial em favor de preparados alimentícios "instantâneos" para bebés, orquestrada pelas transnacionais como a Nestlé, Abbott, Bristol-Myers, levou ao abandono massivo da prática materna de "dar o seio" aos filhos, substituindo-a pelo hábito de lhes dar leite vacum ou uma mistura em pó, com água num biberão.

Esta pressão social chegou primeiro às classes mais cosmopolitas e favorecidas das cidades. Estendeu-se, depois, por imitação e como consequência da expansão comercial e publicitária, aos subúrbios ainda em vias de urbanização e com problemas de higiene evidentes.

Todos sabem que um bebé é saudável quando amamentado durante os primeiros quatro ou seis meses da sua vida; isto quando a mãe tem leite suficiente, o que é o caso normal. A mãe pode ter pouco leite por estar mal alimentada ou em mau estado geral de saúde, o que é produto de uma situação social comum no Terceiro Mundo e como tal deve ser enfrentado. A solução consiste em buscar

remédios para as dificuldades das mães para que elas possam alimentar os seus filhos, e não deixar as mães em mau estado e pretender apenas alimentar os bebés artificialmente.

O leite materno é o melhor alimento para os bebés: dá proteção ao lactente contra infecções e outras doenças, ao transmitir-lhe as defesas desenvolvidas pela mãe, o que não pode ser feito com o leite em pó. Além de uma composição alimentícia óptima e rica, o leite do seio não fica em contacto com o exterior, evitando, dessa forma, o risco de contaminações. As suas vantagens são muito concretas em relação aos substitutos industrializados: está sempre à temperatura ideal e não apresenta problemas de conservação, transporte ou distribuição, que são problemas reais nos países subdesenvolvidos. E mais: o acto de mamar corresponde a uma relação física e psicológica benéfica entre a mãe e o bebé.

COMO A NESTLE MATA BEBÉS

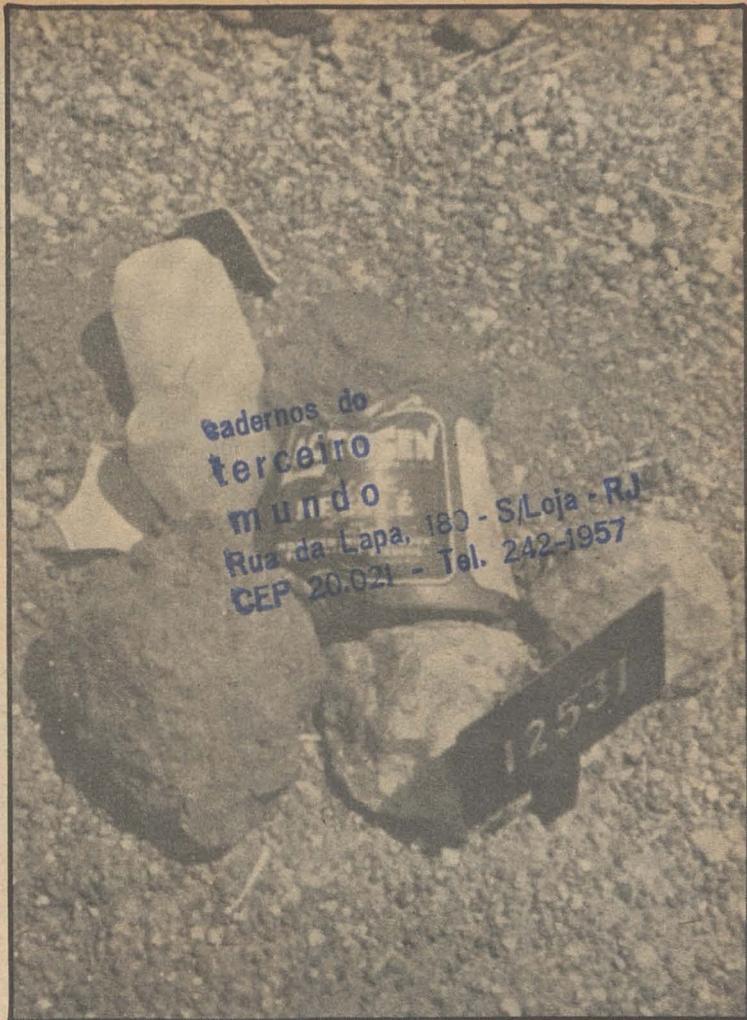
Um dos problemas mais graves da utilização do leite em pó, ou de outros preparados solúveis, está ligado ao uso do biberão, especialmente o biberão de plástico. Advém das dificuldades que as pessoas mais pobres, marginalizadas dos serviços urbanos, têm para desinfectar correctamente o biberão após o uso. Se não são bem limpos e esterilizados, os biberões e as suas tetinas são focos de desenvolvimento e de transmissão de bactérias que provocam diarreias e outras doenças nas crianças.

E é evidente que as condições higiênicas em que vive a maioria das mães no Terceiro Mundo, especialmente nas zonas populosas "fora do asfalto", não permitem os melhores cuidados na limpeza e desinfecções — com água a ferver, por exemplo, — de tais recipientes. Nos últimos anos, médicos de hospitais de grandes urbanizações desordenadas dos países dependentes baptizaram ironicamente o estado das crianças atacadas de infecções causadas pelo uso de biberões de "síndrome do biberão".

Estudos sistemáticos de mortalidade infantil — a fracção dos bebés que morrem durante o primeiro ano de vida, — feitos onde as estatísticas são seriamente realizadas, mostram que o índice é duas vezes maior para os bebés alimentados a biberão em relação aos que foram amamentados a seio.

Tais dados já são conhecidos desde o fim do século passado. Em Paris, em 1900, 31 por cento dos bebés "de biberão" morriam no decorrer do seu primeiro ano, contra "apenas" 14 por cento dos amamentados. Estudos detalhados feitos em aldeias da Baviera, Alemanha, de 1904 a 1906, onde as escolhas entre as duas opções variava muito de lugar para lugar, verificaram que a mortalidade atingida 35 por cento dos bebés alimentados artificialmente e 15 por cento nos casos de pura amamentação materna.

Mesmo quando, com o correr das décadas, o valor absoluto da mortalidade infantil diminuiu muito na Europa, a razão entre os riscos de morte de um bebé



Sepultura de um bebé, no cemitério de Chingwela, Lusaka, Zâmbia, o costume manda colocar os objectos da criança sobre a sepultura

alimentado de uma ou de outra forma manteve-se inalterada. Assim, na Inglaterra pós-Segunda Guerra Mundial, morriam 2 por cento dos que usavam biberão e apenas 1 por cento dos que mamavam no seio.

PESQUISADORES "NEUTROS"

Hoje é moda no Ocidente enviar investigadores a repetir essas medições, com os mesmos resultados (30 por cento e 15 por cento

em média, no Terceiro Mundo; 50 por cento e 30 por cento nas zonas mais pobres) desde a cidade da Guatemala até às aldeias da Ásia Central.

Pesquisadores privilegiados encontram farto material para as suas teses de mestrados em sociologia e "population research", percorrendo o Mundo em viagens pagas pelas Fundações Ford ou Rockefeller, a contar bebés mortos e biberões contaminados. As suas estatísticas são apresentadas

em conferências internacionais, enquanto a subnutrição das mães, a mortalidade infantil e as vendas de produtos Nestlé continuam na mesma ou em aumento.

No jornal "Science", da Associação Americana para o Progresso da Ciência, por exemplo, encontramos a seguinte constatação: "Wray estimou indirectamente, a partir de dados colhidos em quatro áreas de vários países incluídos num estudo da Organização Panamericana de Saú-

de, que as probabilidades de morte durante os segundos seis meses de vida são de 6 até 14 vezes maiores para as crianças que mamaram ao seio menos de seis meses do que as que mamaram mais tempo" (J. D. Wray, comunicação apresentada à Conferência sobre Nutrição e Reprodução, Institutos Nacionais de Saúde, Bethesda, Md., Fevereiro 1970).

Tais investigadores apenas medem efeitos; muito raramente um deles trai a sua classe, suja as mãos e reconhece o fundo do problema, denuncia e tenta penetrar nas causas reais. Nessa altura, geralmente, perde o emprego.

PARA ALÉM DO BIBERÃO

Mas existe ainda outra

causa da mortalidade infantil que afecta também os que sobrevivem marcados pela subnutrição sofrida na primeira infância. Nas situações de pobreza, ou de falta de recursos e educação, as mães dão aos filhos uma "papa" tradicional, apenas farinha e água, e que contém somente hidrocarbonetos (uma batata, por exemplo, é constituída praticamente só de hidrocarbonetos, substâncias que a nossa saliva digere parcialmente, transformando-as em substâncias açucaradas; fornecem as calorias que dão energia necessária para os esforços físicos a curto prazo).

Uma "papa" pobre não contém proteínas — abundantes na carne, no peixe, na soja, nos ovos e em alguns outros cereais, — que são indispensáveis para o

bom desenvolvimento das crianças, inclusive o desenvolvimento intelectual. O atraso mental nos jovens provém de uma carência de proteínas na primeira infância.

É por insistir na necessidade da presença de proteínas na alimentação das crianças desmamadas que os peritos das organizações internacionais de saúde recomendaram muito, nos anos 60, o uso de um "suplemento alimentar", além da papa tradicional à base de água.

As grandes companhias de alimentos infantis estavam prontas a oferecer as suas "farinhas lácteas" vitaminadas e com uma concentração de proteínas. O mercado para tais produtos já estava saturado nos países industrializados. Tudo justificava entrar em força no Terceiro Mundo.

Mas as companhias transnacionais só entraram para ter lucros na venda dos seus produtos, sem nenhum escrúpulo quanto ao facto de tais produtos serem ou não recomendados ao bebé já desmamado numa idade conveniente. Elas, a Nestlé em particular, desencadearam uma campanha publicitária envolvente, recalçando a preparação "instantânea" de uma "papa láctea deliciosa, sabor a biscoito". O slogan da Nestlé dirigido às mães apareceu em todas as línguas: "O bebé espera tudo de si... para ele a melhor garantia é... Nestlé".

O resultado foi que muita gente começou a utilizar estes produtos tão práticos, em pó e instantâneos, para bebés cada vez mais jovens, desmamados cada vez mais cedo. A indústria de plásticos exportou biberões aos



Batas brancas: vendedoras ou enfermeiras?



milhões, e ninguém falava das condições sanitárias necessárias para o seu uso. E as famílias pobres, para quem a ideia do "complemento alimentar" fora lançada, não podiam satisfazer materialmente essas condições. E o "síndrome do biberão" expandiu-se, multiplicando as diarreias e a desidratação.

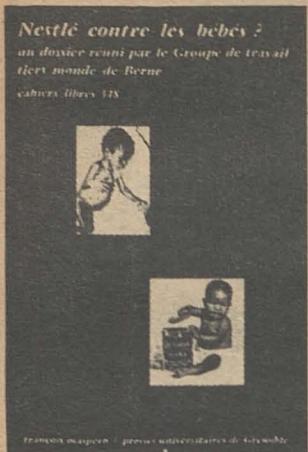
É de notar que tudo isso é produto de um esquema económico viciado. Vários tubérculos ricos em proteínas são exportados da África, da Nigéria em particular, para a Europa, onde servem de alimentos para as vacas leiteiras. A Nestlé transforma o leite em pó,

acercenta-lhe proteínas e exporta a mistura de volta para a África, fechando o circuito com um preço alto. Portanto, alimentar artificialmente o bebé representa além do mais uma séria carga no orçamento familiar. Nesta situação, a tentação em diluir a "fariinha" em mais água que o normal, para poupar, é grande. A preparação instantânea torna-se a fórmula da subnutrição. (Existe um filme sobre os perigos da alimentação artificial descuidada dos bebés: "Bottle Babies", distribuído pela Tricontinental Films, 333 Sixth Avenue, New York, N.Y. 10014 — USA)

PUBLICIDADE E LUCROS

A influência das "técnicas de venda" das transnacionais foi tão grande que a Assembleia da Organização Mundial da Saúde (OMS) adoptou unanimemente uma resolução, em 1974, condenando as práticas publicitárias desonestas, como uma causa do abandono do método natural de alimentar bebés.

Companhias com imensos departamentos de publicidade impõem os seus produtos a pessoas recém expostas aos meios de comunicação de massa.



«Nestlé contra bebés», livro denúncia do Grupo de Trabalho Terceiro Mundo de Berna, Suíça, editado na França.

Quando uma mulher vê repetidas vezes um cartaz com um bebé feliz e sôa a chupar num lindo biberão de plástico, recebe uma mensagem de aceitação social a todos os níveis. Esses cartazes, colocados nas maternidades e nos consultórios médicos, representam uma recomendação implícita de supostas autoridades no assunto.

Algumas empresas imprimem formulários para os médicos receitarem, e neles já vem impressos a lista de produtos. Basta assinalar um deles. Essas facilidades tendem a impedir qualquer cuidado maior no exame do essencial: a qualidade e os resultados concretos desse tipo de alimentos.

As companhias reagiram às críticas com declarações de boas intenções. Na realidade, a sua falta de escrúpulos nas promoções comerciais revelou-se quando oito companhias decidiram redigir um "código de ética nas técnicas de venda". O resultado das reuniões foi a elaboração de três códigos diferentes, sem nenhuma medida concreta para a sua

aplicação e com recomendações mínimas. Por exemplo: os vendedores e promotores podem continuar a usar batas brancas — o que lhes dá a aparência de médicos ou enfermeiros, — mas terão de levar na lapela a insignia da, companhia!

MEDIDAS E CUIDADOS

Hoje, alguns governos começam a enfrentar o problema, restringindo a importação de produtos lácteos para bebés (caso da Jamaica), ou lançando uma campanha nacional a favor da amamentação ao seio (caso da Malásia). Nutricionistas na Zâmbia desenvolveram um alimento para recém-nascidos cujas mães, por qualquer razão médica, não podem amamentar; este alimento, fabricado com produtos nacionais, leva a cada lata uma propaganda em favor da amamentação ao seio e instruções rigorosas contra o uso de água purificada.

Certos países utilizam a distribuição gratuita de leite às crianças para complementar sistematicamente a alimentação familiar. Este procedimento existe nos países Europeus há bastante tempo. O Chile do tempo de Allende e da Unidade Popular fez um esforço sério neste sentido.

Mas mesmo o leite, tido como alimento completo por conter proteínas, sais minerais e vitaminas, não serve para qualquer povo ou situação. Ele contém uma substância, um tipo de açúcar, a lactose, que a maioria das pessoas *adultas* no Mundo não assimila convenientemente. Pesquisas feitas nos últimos 15 anos, demonstram que muitos grupos étnicos têm

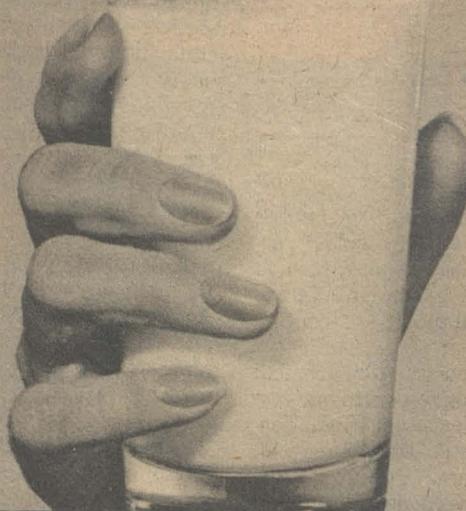
problemas de tolerância à lactose; isto é, a ingestão de certa dose de lactose (através do leite ou produtos lácteos) provoca-lhes sintomas como diarreia ou flatulência. É que lhes falta a *lactase*, enzima necessária à metabolização da lactose. Essa carência não afecta os recém-nascidos, começa a aparecer apenas depois do ano e meio a três anos de idade na maioria das pessoas.

Três grandes etnias nigerianas — Yoyuba, Ibo e Hausa —, os asiáticos em geral, os esquimós e os índios sul-americanos, todos tiveram essa intolerância à lactose detectada em recentes estudos. No Uganda, os adultos da tribo Tussi são maioritariamente (cerca de 80 por cento) tolerantes, enquanto os Ganda apresentam a proporção inversa: apenas cerca de 20 por cento assimilam a lactose. É interessante notar que os Tussi são tradicionalmente criadores de gado e os Ganda nunca se dedicaram ao pastoreiro. Na Nigéria, das grandes etnias, apenas os Fulani, nómadas e pastores, apresentam maioria (78 por cento) de adultos tolerantes à lactose. A intolerância incide, pois, mais entre os povos que tradicionalmente não se dedicaram ao pastoreio, ao gado leiteiro, por razões várias: na Nigéria, por exemplo, por causa de condições climáticas do centro para o sul e das moscas tsé-tsé dizimadoras de gado. As origens também influem. Povos caçadores não se dedicaram a criar gado.

Entre os que não têm problemas de tolerância à lactose estão a quase totalidade dos Europeus do Norte. Por isso é que, eurocen-

Leite em pó desnatado

INSTANTÂNEO



Nestlé

400 g

A publicidade e os lucros à custa de milhões de vidas sacrificadas pelo hiperão.

tristas habituados à exploração do "modelo ocidental", convencidos da sua "acção civilizadora", os peritos europeus não hesitam em recomendar o leite como a solução dos problemas de subnutrição em todo o Mundo, a grande panaceia, inclusive, para os problemas da superprodução de leite em pó nos seus países.

Não há soluções técnicas milagrosas para o problema da subnutrição, que é basicamente socio-económico e político. O pó instantâneo da Nestlé não só não resolve estes problemas como tem agravado a mortalidade infantil. O leite é, de facto, um alimento quase completo, importantíssimo. Mas como todos os hábitos e técnicas, o seu consumo não pode ser implantado sem os cuidados necessários que envolvem to-

dos os aspectos da nutrição. Principalmente quando interesses financeiros se sobrepõem às necessidades do povo, que exigem uma nutrição correcta, baseada numa orientação científica honesta, que leve em conta os problemas sociais, sanitários e culturais. Uma das primeiras regras é de que a exportação de hábitos alimentares dos países centrais para a periferia, determinadas pela busca do lu-

cro, pode afectar o equilíbrio alimentar dos povos e provocar males terríveis. Essas consequências só podem ser evitadas se houver uma real consciencialização dos problemas envolvidos, uma política de atendimento às necessidades populares levada a sério, sem cair nas facilidades e nas armadilhas oferecidas pelas transacionais.

cadernos do
terceiro
mundo



ciência e tecnologia

breves

«tecnologês» versus tecnologia popular

Os peritos da retórica desenvolvimentista inventaram um abundante vocabulário que serve para esconder a ausência da sua prática concreta nos empreendimentos técnicos que solucionem problemas reais. Assim, elaboraram as abreviaturas T.I. (tecnologia intermediária), T.A. (tecnologia apropriada), A.T. (avaliação da tecnologia). Todas essas elocubrações letreadas devem ser experimentadas sobre os povos do Terceiro Mundo a que se referem, sempre em inglês, como L.D.C. (*less developed countries*—países menos desenvolvidos).

Estes são alguns exemplos do extenso vocabulário de um novo idioma: o “tecnologês”.

Por outro lado, existem países onde centros de tecnologia popular foram criados e estão a funcionar. Así, existe uma produção numa escala verdadeiramente intermediária entre o artesanato familiar antigo e a grande indústria moderna.

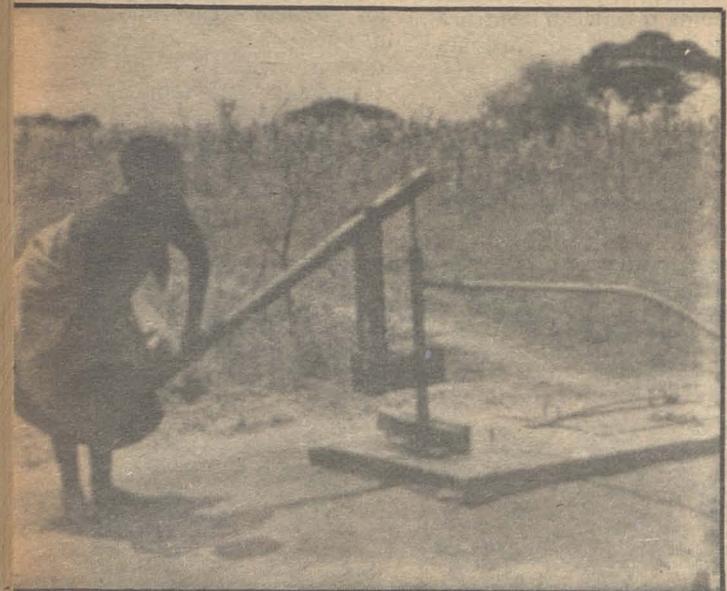
Na Tanzânia, por exemplo, o Projecto de Tecnologia Apropriada de Arusha reflecte uma estratégia de

apropriação popular de tecnologia. É interessante não só pela sua produção concreta (bombas de água manuais e moinhos de vento para bombear água), mas também pelo processo social de participação das populações locais na escolha e no desenvolvimento de novas tecnologias próprias.

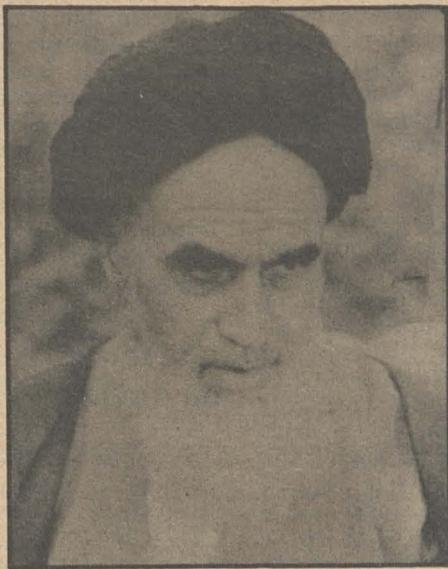
A primeira etapa, consiste em pedir ao Comité de Aldeia que designe um grupo de três homens e três mulheres para procurar e seleccionar uma área onde problemas técnicos que lhes pareçam de interesse estão por resolver. Este grupo discute com a população da aldeia e apresenta as suas conclusões e sugestões em Assembleia de Aldeia. Desta maneira chega-se à escolha de um projecto tecnológico.

Este procedimento resultou do fracasso de tentativas anteriores elitistas, quando técnicos do centro de Arusha sugeriram directamente projectos e soluções aos habitantes da aldeia. Tinham, por exemplo, proposto e depois instalado uma máquina simples para bombear água, composta de uma corda que passa sobre uma roldana. Mas o poço era profundo demais para que as mulheres pudessem fazer o trabalho necessário a fim de fazer subir a água com a corda. Os técnicos tinham-se esquecido das mulheres e apresentado o projecto apenas a alguns homens da aldeia.

Nessa mesma aldeia de Majengo, hoje, uma dúzia



o que diz Khomeiny, o ayatollah



"Vamos mecanizar a nossa agricultura. Um governo islâmico tem a responsabilidade de fornecer aos camponeses tudo o que precisam, da melhor maneira possível. Se se criasse no Irão um tipo de agricultura correcta, tornar-nos-fámos um importante exportador de alimentos dentro de pouco tempo. Antes da Reforma Agrária do Xá, que era parte de um programa elaborado pelos norte-americanos e pôs o Irão totalmente na mão destes, exportávamos produtos agrícolas. De facto, o Irão é um dos poucos países no qual uma ou duas províncias são capazes de produzir a maior parte dos alimentos necessários à população, se forem utilizados os processos adequados para os cultivar. Desgraçadamente, hoje, o Irão importa mais de 93 por cento da sua alimentação.

Para mecanizar a nossa agricultura, produziremos os nossos equipamentos, vamos adquiri-los nos países que venderem as maquinarias mais baratas e mais duradouras. Em resumo, com um governo islâmico, o Irão protegerá a sua própria independência económica".

Ayatollah Komeini, numa entrevista aos sociólogo norte-americano Jim Cochroft, publicada na revista "Seven Days", New York, 23/1/1979.

de pessoas fabrica bombas de água que elas mesmas desenham e aperfeiçoaram. Desta vez, o técnico deixou os camponeses proporem soluções e limitou-se ao papel de ajudante, em situação de igualdade com eles na elaboração do projecto, que foi escolhido pela população.

As bombas utilizam tubos metálicos padronizados, válvulas de escape de motor e um pistão móvel selado com couro, fabricado na aldeia (similar, em princípio, ao pistão de uma bomba de bicicleta). As mulheres que utilizam as bombas exigiram que estas sejam equipadas com um cabo comprido e baixo, para que pudessem utilizar o peso do seu corpo ao bombar. Assim, chegou-se a uma tecnologia apropriadamente apropriada, no sentido político da palavra: a de ser adequada e apropriada, isto é, dominada e controlada pelo próprio povo. As bombas são fabricadas, utilizadas e reparadas na aldeia e na região.

No início foram fabricadas três bombas para a própria aldeia de Majengo; depois cinco mais para outras aldeias. Um ano e meio depois do início do projecto, o Ministério dos Recursos Hídricos tanzaniano encomendou vinte bombas. Começou uma indústria que teve origem na população. Um grupo de gente do campo, alguns ainda analfabetos, controla hoje a produção e a utilização de uma tecnologia e fornece a um Ministério equipamento que antes era importado.

(Arusha Apropriated Technology Project.
Arusha, Tanzânia)

a caminho da independência tecnológica

ÍNDIA

Na Índia, os camiões Tata são hoje fabricados com 98 por cento de peças manufaturadas no país.

Até aos anos cinquenta, a companhia Tata era uma firma comercial ligada às indústrias do aço. Em 1954, associou-se à companhia alemã Daimler-Benz para produzir camiões. No início, a produção consistia em montar peças importadas separadamente. Pouco a pouco, de maneira planeada, começou a utilizar a produção local.

Em meados dos anos 60, a Tata Engineering and Locomotive Company (Telco)

pagou à Daimler-Benz um milhão de libras por todos os planos e desenhos técnicos, as patentes e os dados de testes técnicos.

imediatamente se começaram a introduzir modificações nos desenhos, de forma que os camiões atendessem às condições específicas da Índia. Por exemplo: aumento da resistência mecânica geral para aguentar as más estradas do país, ao contrário da preocupação com o aumento da velocidade ou do conforto interno que interessava à firma alemã.

Em 1969, a Telco já tinha a sua própria secção de formação de pessoal, desde mecânicos a engenheiros. Ela é, no entanto, uma exceção na Índia, como também nos projectos habituais de relações tecnológicas entre as transnacionais e o Terceiro Mundo. A Telco fez o seu próprio plano de crescimento tecnológico de maneira a estar tecnicamente preparada para se autonomizar quando chegou ao fim da fase inicial do acordo de "cooperação" com a companhia estrangeira.



argélia

Na Argélia já trabalham nos campos os novos tratores Cirta, fabricados em Constantine. No ano passado, foram produzidos mais de três mil.

Nas estradas rodam camiões pesados "made in Algeria". A Sociedade Nacional de Construções Mecânicas (Sonacome) elaborou vários modelos de ca-

miões de carga de 5,5 até 35 toneladas. Com a participação da companhia francesa Berliet, desenhou veículos especialmente adaptados às condições físicas da Argélia. Em 1978, os trabalhadores de Rouiba produziram 6000 camiões — ultrapassando a meta de 4500 — o que representa um terço das necessidades totais do país.

Esta vitória significa muito mais do que um aumen-

to numérico. Não se trata de pura montagem de peças e partes importadas das fábricas francesas. A taxa de participação nacional, isto é, a proporção de peças fabricadas no próprio país atinge hoje 70 por cento. A metade dos motores vieram directamente da fábrica de Constantine. As chapas para a carroceria provêm de um complexo siderúrgico de El Hadjar. Os pneus são fornecidos pela Sonatrach (petrolífera), e uma grande parte do material eléctrico é produzido pela Sonelec, todas empresas argelinas.

o reverso da medalha

O reverso da medalha: o boletim informativo dos financistas norte-americanos "Development Finance", de Março-Abril de 1978 traz a seguinte notícia:

"O Export-Import Bank aprovou um empréstimo de um milhão e meio de dólares para o banco privado Crocker National Bank. O empréstimo será usado no financiamento de um sistema de comunicação hospitalar para o Ministério boliviano da Saúde, a ser comprado da firma SWAN ELECTRONICS, dos Estados Unidos."

O Export-Import Bank é um banco governamental norte-americano especializado em empréstimos condicionados à compra obrigatória de produtos específicos nos Estados Unidos.

Negócios deste tipo servem para consolidar e aumentar a dependência tecnológica.

honduras

A sua história antiga é comum à do resto da América Central. Berço da civilização Maia, foi conquistada para a Espanha por Hernan Cortés e Pedro de Alvarado, que só alcançaram os seus propósitos após assassinar à traição o dirigente indígena Lempira.

Ao fim de três séculos de colonialismo, a independência em 1821 foi obtida junto com o México e as outras províncias centro-americanas, todos integrados no efêmero império mexicano de Iturbide, até à queda deste em 1823. Durante o século XIX, destacados políticos hondurenhos, como Francisco Morazán, tentaram manter ou restabelecer a federação subcontinental, mas a oposição dos interesses britânicos e estadunidenses impediu-o, o que consumou a divisão em cinco Estados.

Em 1899 instala-se na região a United Fruit Company, a transnacional da banana chamada de Mamita Yunái pelos indígenas e que se tornou a maior autoridade económica e política destes países.

Honduras chegou a ser o principal centro das actividades da United (hoje United Brands), representando 25 por cento da produção mundial daquela companhia, que chegou a possuir quase a metade das terras cultivadas do país, os caminhos de ferro, portos e barcos para transportar os seus produtos e o monopólio do mercado internacional onde vendia as suas "chiquitas bana-

nas". Por mecanismos invisíveis mas reais, legislava, elegia presidentes e os derrubava segundo suas conveniências.

Enquanto isso, os problemas fronteiriços desgastavam as energias do país. Os Estados Unidos foram árbitros, em 1930, do problema da delimitação de fronteiras com a Guatemala. No ano seguinte o litígio com a Nicarágua provocou a "guerra filatélica", com ambos os países a imprimirem selos postais indicando diferentes limites geográficos. Mais grave foi a "guerra do futebol", em 1969, com El Salvador, detonada por um encontro futebolístico, mas cujas causas profundas devem ser buscadas na massiva emigração de camponeses salvadorenhos para a zona fronteiriça de Honduras.

Os reveses sofridos por Honduras evidenciaram graves irregularidades. Os jovens oficiais filhos de ricos patrulhavam Tegucigalpa com modernas matraladoras, enquanto soldados camponeses lutavam na frente descalços e com armas brancas. Para salvar a situação, o general Lopez Arellano, no poder desde 1963, convocou eleições que consagraram na presidência a Ramon Ernesto Cruz, do Partido Nacional.

Lopez Arellano retorna ao poder em 1972, derrubando Cruz. Mas não foi um golpe tradicional. A guerra tinha conscientizado os camponeses que reclamavam uma reforma agrária e o "governo dos tenentes-coronéis" (assim chamado por-



que o grau dos principais assessores e funcionários era este) decide-se a iniciá-la. Honduras passa a integrar a OPEB (a OPEP da banana) e a controlar a United Brands.

Embora comedidas, as reformas encontram a oposição da oligarquia e das transacionais, que exigem o retorno dos militares aos quartéis. A tensão elevou-se quando a própria United denunciou haver subornado um "alto funcionário" para obter redução de impostos. Arellano negou as acusações, mas teve de demitir-se e foi substituído pelo coronel Juan Alberto Melgar Castro, em Abril de 1975.



Expurgos entre os militares, medidas "desenvolvimentistas" sob a influência dos organismos de crédito internacional e o anti-comunismo, foram algumas das características do governo Melgar Castro, que também colaborou com o regime vizinho de Somoza. No entanto, em Agosto de 1978, o chamado "tegucigolpe" pôs no poder um general ainda mais reaccionário e repressivo: o general Polícarpo Paz García, conhecido como implicado no tráfico internacional de drogas.

REPÚBLICA DE HONDURAS

Governo: general Polícarpo Paz García, presidente. **Capital:** Tegucigalpa (320 mil habitantes). **Superfície:** 112 088 km². **População:** 3,3 milhões de habitantes. **Moeda:** lempira. **Idioma:** espanhol. **Festa Nacional:** 15/9 (independência, 1821). **Religião:** maioria católica. **PNB per capita:** 340 dólares anuais. **Educação:** 514 000 estudantes em 1974 e analfabetismo de 45 por cento. **Saúde:** um médico para cada quatro mil habitantes.

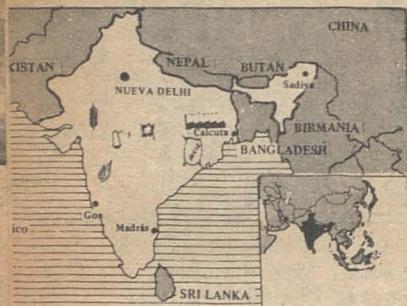
Honduras é membro da ONU, da OEA, do Tratado de Tlatelolco, do Mercado Comum Centro-Americanico, do Tratado Geral de Integração Económica da América Central e do Sistema Económico Latino-Americano (SELA).

índia



A independência da Índia, em 1974, marca o princípio do fim do império colonial britânico. A chamada "jóia mais preciosa" da coroa da rainha Vitória — proclamada imperatriz da Índia em 1876, — travou uma luta tenaz por sua autodeterminação, conduzida espiritual e politicamente por Mahatma Gandhi e pelo Partido do Congresso Nacional Indiano.

Fundado em 1885 pelos britânicos, como órgão de consulta, o PCNI foi convertido por Gandhi num instrumento de expressão popular, que recorreu a táticas não violentas de "não cooperação" primeiro, e de "desobediência civil" depois, para mobilizar o povo e sensibilizar a opinião pública mundial em favor da sua causa.



A retirada britânica deixou a península indostânica dividida em União Indiana e Paquistão, este um Estado criado para agrupar a população muçulmana. Sob uma fórmula federativa, a União Indiana reuniu num só Estado uma grande diversidade de grupos étnicos, linguísticos e culturais, consolidando um sentimento de unidade nacional forjada na luta anticolonialista e que os ingleses sempre buscaram anular.

O Primeiro-Ministro Jawaharlal Nehru forjou, com Nasser e Tito, o conceito de Não-Alinhamento político dos países que lutam pela independência e soberania plenas, e elaborou para o seu país uma política de desenvolvimento baseada na ideia de que a industrialização traria a prosperidade.

Em poucas décadas a Índia obteve avanços tecnológicos que lhe permitiram por satélites em órbita e detonar, em 1974, uma bomba atómica, com o que se tornou a primeira potência nuclear dos Não-Alinhados. Contudo, é muito discutida na Índia a validade de projectos deste tipo, num país que ainda não solucionou o problema da alimentação do povo.

A crise económica dos primeiros anos 70 golpeou duramente a Índia, que carece de petróleo. A indústria não aumentou as suas exportações para compensar o aumento dos preços de importação e a procura alimentar de uma população que cresce a um ritmo de 15 milhões de pessoas por ano.

Tal crise, sofrida principalmente pelas camadas populares, e a resistência às campanhas de esterilização massiva, levaram o governo de Indira Gandhi (a filha de Nehru, que lhe sucedeu quando da sua morte em 1966) a declarar o Estado de Emergência em 1975, com censura à imprensa.

O governo da Senhora Gandhi abandona a orientação po-

pulista tradicional do Partido do Congresso para adoptar as receitas económicas do Banco Mundial, com o que perde as simpatias populares, sem obter o apoio integral dos sectores empresariais, em particular os ligados ao capital estrangeiro que reclamavam concessões maiores.

A oposição combinada (ainda que por razões opostas) dos sectores populares, do grande capital e da classe média educada na tradição britânica de respeito às liberdades democráticas, obrigou à realização de eleições parlamentares em Março de 1977. O Partido do Congresso sofreu uma avassaladora derrota do Partido Janata, uma heterogênea coligação formada por sectores direitistas saídos do Partido do Congresso, pelo Partido Socialista do dirigente sindical Georges Fernandes e pelo Congresso pela Democracia, de Jagjivam Ram, líder dos "intocáveis" que fora Ministro no gabinete de Indira Gandhi até o último momento.

O velho político Morarji Desai foi designado Primeiro-Ministro, após algumas disputas iniciais, no seio do "Janata". Desai afirma seguir a via do "socialismo gandhiano" (de Mahatma Gandhi), proclama a colaboração de classes, o pleno emprego e a vigência das liberdades democráticas, como metas. Contudo, os observadores não esperam grandes mudanças nem na economia, nem na política externa que seguirá independente e não-alinhada.

REÚBLICA DA ÍNDIA

Governo: Morarji R. Desai, Primeiro-Ministro. **Capital:** Nova Delhi (4 milhões de habitantes). **Superfície:** 3 287 590 km². **População:** 620 000 000 habitantes (20 por cento urbana). **Moeda:** rupee. **Idioma:** hindu (oficial), inglês e outras 844 línguas e dialectos. **Festa Nacional:** 26/1 (dia da República). **Religião:** maioria hinduista, com uma importante minoria muçulmana. **PNB per capita:** US 150 anuais. **Educação:** 76 milhões de estudantes em todos os níveis, em 1975; analfabetismo de 52 por cento. **Saúde:** um médico para cada 45 mil habitantes.

A Índia é membro da ONU e do Movimento dos Países Não-Alinhados.

indonésia

Depois do Indostão britânico, a Indonésia foi a colónia mais populosa do Planeta desde que, em 1595, um grupo de aventureiros holandeses expulsou os interesses lusitanos de todo o arquipélago.

A dominação dos Países Baixos durou até 1942, quando as tropas japonesas invasoras derrotaram os europeus, levando à substituição dos senhores sem mudar o regime colonial. Os patriotas se levantaram em armas, que não depuseram após a retirada dos japoneses derrotados na Segunda Guerra Mundial. Resistiram à reocupação pela antiga metrópole. Quatro anos depois, em 1949, os rebeldes emergiram das selvas liderados por Ahmed Sukarno, após conquistada uma semi-independência sob a forma de uma união com a Holanda.

Em 1954, a união fracassou, dadas as evidentes divergências de interesses entre os dois países, e o arquipélago conquistou a sua soberania total, completa da em 1963 com a recuperação do Irián Ocidental, a metade holandesa da ilha de Nova Guiné.

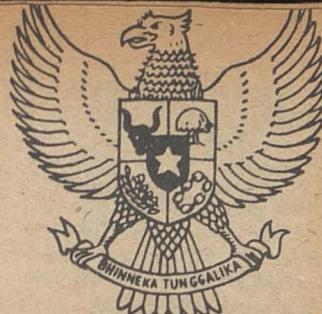
A independência da Indonésia, junto com a da Índia e do Paquistão, a revolução cubana, a nacionalização do Canal de Suez e as derrotas francesas em Dien Bien Phu e Argélia, marcam a irrupção do Terceiro Mundo na cena política mundial. Sukarno participou activamente deste movimento e foi na cidade indonésiana de Bandung que, em 1955, reuniram pela

primeira vez os principais líderes terceiro-mundistas para estabelecer as bases do que viria a ser o Movimento dos Países Não-Alinhados.

Apoiado pelo Partido Comunista – que, com três milhões de membros, era o mais poderoso da Ásia depois do chinês, – Sukarno empreende projetos de desenvolvimento de carácter nacionalista, orientados para a elevação do nível de vida dum a população com um dos mais baixos rendimentos per capita do mundo. O petróleo, então nas mãos da transnacional anglo-holandesa Royal Dutch-Shell, deveria ser a base da nova política económica. Sukarno funda a empresa estatal Pertamina.

Em 1965 anunciam-se passos na nacionalização do petróleo, que as companhias transnacionais não podiam suportar. Em Outubro desse ano, um grupo de militares, liderados pelo general Suharto, toma o poder sob o pretexto de evitar a "penetração comunista" e assassina a mais de meio milhão de militantes e populares. Privado de toda a autoridade efectiva, Sukarno permanece nominalmente como Chefe do Estado até 1967, quando Suharto foi oficialmente promovido a presidente.

Suharto entrega novamente a exploração petrolífera às corporações estrangeiras. Mas o aumento nos preços do petróleo, o afluxo de capitais e a política económica liberal não melhoram as condições de vida dos



milhões de camponeses.

Em 1971, os estudantes ganharam as ruas, desafiando a repressão para denunciar a aliança dos "generais corruptos, comerciantes chineses e investigadores japoneses".

Para canalizar as inquietações que começavam a manifestar-se entre os militares, e estimulado por Ford e Kissinger, Suharto ordena em 1975 a invasão e a ocupação do Timor Leste, para impedir que a FRETILIN concretizasse a independência, ao desmoronar a dominação portuguesa.

A tenaz resistência timorense à ocupação fez aprofundar as contradições no regime de Suharto e, em Setembro de 1976, o governo indonésiano anunciou ter derrotado uma tentativa de golpe de Estado que teria tido a participação de personalidades religiosas muçulmanas e católicas, o Chefe das Forças Armadas e vários membros do ministério.

Em Maio de 1977, o descontentamento voltou a manifestar-se nas eleições para renovar parcialmente a Câmara de Representantes, onde 100 dos 460 deputados são nomeados directamente por Suharto. Apesar de proibidos os partidos de esquerda, da censura e outras medidas repressivas, o partido oficial Golkar perdeu em Jacarta para uma coalisão de partidos muçulmanos que tinham criticado a corrupção no regime, que também sofreu grandes perdas eleitorais nas zonas rurais, onde o controlo político ditatorial sempre é mais eficaz.



REPÚBLICA DA INDONÉSIA

Governo: tenente-general Suharto, presidente. Capital: Jacarta. (6 milhões de habitantes). Superfície: 1 919 270 km². População: 130 milhões de habitantes. Moeda: rúpia. Idioma: indonésiano (malaio) e 25 idiomas locais além de 250 dialetos. Festa Nacional: 17/8 (independência, 1954). Religião: maioria muçulmana. PNB per capita: 180 dólares anuais. Educação: quase 16 milhões de estudantes em todos os níveis, em 1974; analfabetismo de 41 por cento. Saúde: um médico para 18 mil habitantes.

A Indonésia é membro da ONU, do Movimento dos Países Não-Alinhados, da OPEP e da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático).

irão

Talvez inspirado nas glórias passadas da civilização persa e no exemplo de Ciro, o Grande, que há 2500 anos foi senhor indiscutível do Médio Oriente, Mohamed Reza Pahlevi, o Xá do Irão havia proclamado que o seu país seria a quinta ou sexta potência mundial no início do próximo século.

O Xá herdara as pretensões expansionistas do Reza Pahlevi pai, simpatizante do nazi-fascismo que em 1935 trocou o nome de Pérsia por Irão (que significa "ariano") para distinguir a sua origem racial da dos vizinhos árabes, "impuros". A aliança com o Eixo motivou a ocupação do país por tropas soviéticas e britânicas em 1941. Com a queda do imperador, assumiu o poder o seu filho que se decide a colaborar com os aliados para evitar o desmembramento do país entre os vencedores da guerra.

Amparados na Constituição de 1949, que limitava os poderes imperiais, as forças democráticas e progressistas aumentaram o seu poder no Parlamento e apoiaram o Primeiro-Ministro Mossadegh nos seus planos de nacionalizar o petróleo e expropriar as propriedades da Anglo-Iranian Oil Company. Em 29 anos de operações, aquela transnacional apenas tinha contribuído com 150 milhões de dólares, pagos em armas que os ingleses haviam confiscado.

A "ousadia" de Mossadegh teve como resposta o bloqueio econômico e um golpe de Estado, organizado pela CIA, em 1953, que devolveu ao Xá um poder quase absoluto, e às transnacionais a tranquilidade exploração do petróleo.

Quando a Grã-Bretanha decide, na década de 60, retirar-se do "leste do Canal do Suez", os Estados Unidos atribuem ao Irão e à Arábia Saudita o papel de "gendarmes" da região, para preencher o vazio.

A relação entre ambos os "peões" não são, contudo, muito cordiais. A Arábia Saudita tem pelas pretensões expansionistas iranianas sobre o Golfo Arábico (que os persas chamam "Lago do Xá") e sobre a sua própria península, perigo revelado pela ocupação de várias ilhas no Estreito de Hormuz que pertenciam aos Emirados Árabes e pelo envio de tropas do Xá ao Oman, para a defesa do Sultão local contra as guerrilhas populares. Ademais, o Irão era o principal abastecedor de petróleo a Israel e já tentara "desestabilizar" o Iraque, ao estimular movimentos separatistas entre a população kurda.

Baseado nos enormes recursos petrolíferos, o Xá tenta desenvolver uma indústria moderna e a tecnologia nuclear, ao mesmo tempo que arma as suas forças armadas, triplicadas em efectivos, com um poderio bélico impressionante. Só aos Estados Unidos, entre 1973 e 1975, o Irão comprou dez mil milhões de dólares em armas, constituindo um dos dez maiores arsenais militares do mundo. Com a força naval mais importante do Golfo, o Xá chegou a anunciar o propósito de estender ao Oceano Índico a sua "periferia defensiva" e tenta instalar uma base militar nas Ilhas Maurícias.

REPÚBLICA ISLÂMICA DO IRÃ

Governo: Mehdi Bazargan, primeiro-ministro. *Capital:* Teerão (4 milhões de habitantes). *Superfície:* 1 648 000 km². *População:* 33 milhões de habitantes, 63 por cento urbana. *Moeda:* rial (70 por dólar). *Idioma:* persa, árabe, kurdo e turco. *Festa Nacional:* antes era 26/10, aniversário do Xá; uma nova data deverá ser fixada, provavelmente uma significativa da vitória popular. *Religião:* maioria muçulmana chiita. *PNB per capita:* 1 450 dólares anuais. *Educação:* 7 milhões de estudantes em todos os níveis. *Saúde:* um médico para cada 3 300 habitantes.

O Irão é membro da ONU e da OPEP.



iraque

A história do petróleo, que as transnacionais pretendem ter começado com elas próprias, na verdade começou no Iraque. O mais velho poema épico da humanidade, "O Canto de Gilgamesh", anterior à Bíblia em mil anos, já refere que Utnapishtim recebeu deus as instruções para construir uma arca similar à de Noé e calafetá-la "com alcatrão e asfalto".

Na mitologia suméria e assíria já havia referências aos hidrocarbonetos e aos ladrilhos da Babilónia unidos por betumes e alcatrões. Mas não foi o petróleo, e sim as terras férteis irrigadas pelos rios Tigre e Eufrates que atraíram à Mesopotânia sucessivas ondas de povos que desenvolveram importantes civilizações. No século VII, os árabes fundam Bagdad e introduzem o islamismo, que permanece como a base cultural do povo iraquiano.

Mil anos mais tarde o Império Otomano ocupa o país e mantém o domínio até a sua derrota na Primeira Guerra Mundial, perdendo a colónia para os britânicos. Em 1927 brota o petróleo na região de Kirkuk. Turcos, ingleses e alemães disputam o território, até que empresas britânicas e norte-americanas passam a dominar o negócio. Pouco depois, com luz verde de Londres, o emir Faiçal proclama a independência em 1932. O seu filho Faiçal II é destituído em 1958, com a proclamação da República.

AL-JUMHURIYA AL-IRAQUIYA AD-DIMUQRATIYA ASH-SHAABIYA

Governo: Ahmed Hassan al-Bakr, presidente. Capital: Bagdad (2 800 000 habitantes). Superfície: 434 924 km². População: 12 milhões de habitantes, 63 por cento urbana. Moeda: dinar iraquiano. (0,30 por dólar). Idioma: árabe (79 por cento), kurdo, persa e turco. Festa Nacional: 14/7 (proclamação da República, 1958). Religião: islâmica. PNB per capita: 1300 dólares anuais. Educação: mais de 2 milhões de estudantes em 1974; analfabetismo de 70 por cento (1970). Saúde: um médico para cada 2800 habitantes.

O Iraque é membro da ONU, da Liga Árabe, do Movimento dos Países Não-Alinhados e da OPEP.

A unidade nacional só adquire base sólida com a Revolução de 1968, que levou o Partido Baath Árabe e Socialista ao poder. Fundado em 1940, o Baath (palavra árabe, significa ressurgimento) concebe todo o mundo árabe como "uma unidade política e económica indivisível", onde nenhum país, por si só, "pode reunir as condições necessárias para a sua vida, independentemente dos demás". Assim, estrutura-se a nível "nacional" (árabe) com direções "regionais" para cada país.

O partido Baath proclama o socialismo como "necessidade que brota do coração do nacionalismo árabe", como "o regime ideal para o povo árabe desenvolver as suas possibilidades e expressar o seu gênio".

O Iraque recuperou para o país a riqueza petrolífera, ao nacionalizar todas as empresas montadas pelas transnacionais. Defendeu então a utilização do petróleo como arma política na luta contra o imperialismo e o sionismo. Jogou um importante papel na defesa dos preços do petróleo e na consolidação da OPEP, como organização pioneira na luta terceiro-mundista pela recuperação dos recursos naturais.

Ao mesmo tempo, a revolução iraquiana — liderada pela Frente Nacional integrada pelo Baath, pelo Partido Comunista, personalidades independentes e vários outros movimentos políticos, — transformou profunda-



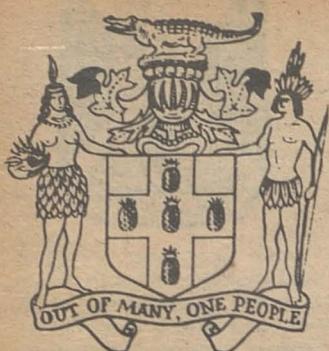
mente as arcaicas estruturas económicas e sociais do país. A reforma agrária terminou com o poder dos latifundiários, e planos ousados de desenvolvimento levam a investir as divisas petrolíferas na industrialização. O fortalecimento económico e social do Iraque contribui para aumentar a influência do partido Baath no Médio Oriente e actua como um entrave às pretensões imperialistas na região agora muito mais abaladas com a queda do Xá no Irão.

A solução satisfatória do problema do Kurdistão contribui para esses progressos. A minoria Kurda (dois milhões de pessoas), no norte do país, sempre conservou as suas características próprias. Em 1970, o governo de Bagdad oficializou o seu idioma e deu autonomia interna ao Kurdistão. Instigados pelo Xá e temerosos pela reforma agrária, os chefes tribais e feudais tinham-se levantado em armas, mas desde 1975 foram isolados politicamente, o que permitiu normalizar a situação, com a participação plena do povo kurdo na vida do país, dentro dos marcos da autonomia e da unidade nacional.

O Iraque é dos poucos países em que a fortuna petrolífera não beneficiou apenas uma finíma minoria da população, como ocorria no Irão e ocorre em países de regimes reaccionários como da Arábia Saudita.



jamaica



Quando Colombo chegou à Jamaica, na sua segunda viagem ao Novo Mundo – em Maio de 1494, – a ilha era habitada pelos arahuacos que a denominavam Xayamaça, “terra dos mananciais”, devido à generosa irrigação natural aos seus bosques tropicais.

Em 1655, os ingleses comandados por William Penn desalojaram os espanhóis da Jamaica e convertem-na em centro de actividade dos corsários e piratas que sabotavam o comércio espanhol no Caribe. Nesta etapa culmina o genocídio da população nativa e a sua substituição pelos escravos trazidos de África e destinados às plantações de cana.

Durante os séculos XVIII e XIX, registaram-se frequentes rebeliões anti-eslavagistas e anticolonialistas, encabeçadas por líderes como Marcus Garvey e Norman Manley. Mas a aspiração de independência teve de esperar até a década passada. Ao formar-se a Comunidade Britânica das Nações, a Jamaica foi adquirindo gradualmente a sua autonomia e, em 1962,

proclamou a independência. No entanto, sob os sucessivos governos do Partido Trabalhista de Edward Seaga, a sua economia continuou nas mãos de interesses estrangeiros. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha forneciam 60 por cento das importações do país e compravam 80 por cento das suas exportações.

A bauxita é a principal fonte de divisas do país. Com uma extração de mais de cinco milhões de toneladas anuais, a Jamaica é o primeiro produtor mundial desse estratégico metal, do qual se elabora o alumínio. As empresas Alcoa, Reynolds, Kayser (norte-americanas) e Alcan (canadense) controlavam a produção e a comercialização. As suas concessões ocupavam mais de um quarto da superfície total da ilha e várias vezes interviveram na política interna, para entorpecer o surgimento de movimentos nacionalistas.

Mas não puderam impedir o triunfo do Partido Nacional Popular nas eleições de 1972, que levou Michael Manley ao governo. Em 1974, Manley decretou um imposto sobre as exportações de bauxita, o que levou as transacionais a iniciarem um litígio jurídico internacional. O confronto conduziu a progressivas medidas de controlo pelo Estado jamaicano, que actualmente já possui a maioria de ações de todas as empresas mineiras, podendo assim defender os recursos naturais do país.

O governo do PNP também deu um grande impulso ao pro-

cesso de integração do Caribe, criando com a Venezuela uma empresa bi-nacional de comercialização da bauxita, integrando-se na Frota Mercante Multinacional do Caribe (onde defendeu, junto com Cuba e Costa Rica, a instituição de fórmulas que evitassem a penetração do capital norte-americano), e instaurando o ensino do espanhol como segundo idioma, com assessoramento e colaboração do México.

A reacção tentou opor-se a estas medidas progressistas, criando um clima de instabilidade nas vésperas das eleições de 1976. O PNP obteve uma esmagadora vitória nas urnas, aumentando a sua maioria parlamentar, apesar da comprovada participação da CIA em manobras “desestabilizadoras”.

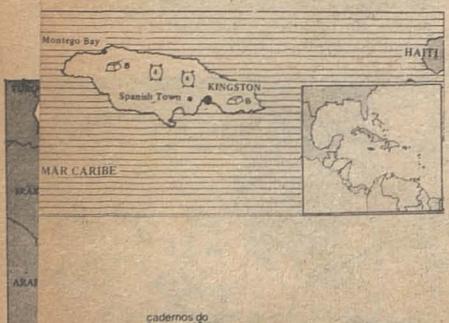
Com esse apoio renovado, Manley anunciou sua convicção de que “as riquezas do país têm que ser utilizadas em benefício de todos e têm que ser compartilhadas de maneira equitativa”. Pronunciou-se pelo socialismo, como via para lograr esses objectivos, dentro dos marcos constitucionais vigentes. Para Manley, “quando falamos de democracia, não nos referimos apenas ao direito de voto. Democracia significa que o povo decide sobre os seus problemas, desde o nível da comunidade”.

Coerente com essas posições, a Jamaica é activa no Movimento dos Países Não-Alinhados e apoia, nos organismos internacionais, a luta anticolonialista e os movimentos de libertação, particularmente os da África Austral.

DOMINION OF JAMAICA

Governo: Michael Manley, primeiro-ministro. Capital: Kingston (614 000 habitantes na área metropolitana). Superfície: 10 961 km². População: 2 091 000 habitantes. Moeda: dólar jamaicano (1,10 por dólar US). Idioma: inglês. Festa Nacional: 6/8 (independência, 1962). Religião: cristã. PNB per capita: US\$ 1 290 anuais. Educação: 560 000 estudantes em todos os níveis. Saúde: um médico para 3500 habitantes.

A Jamaica é membro da ONU, da Comunidade Britânica das Nações, da OEA, do Mercado Comum do Caribe (CARICOM) e do Movimento dos Não-Alinhados.



cadernos do
terceiro
mundo

as vozes da áfrica revolucionária

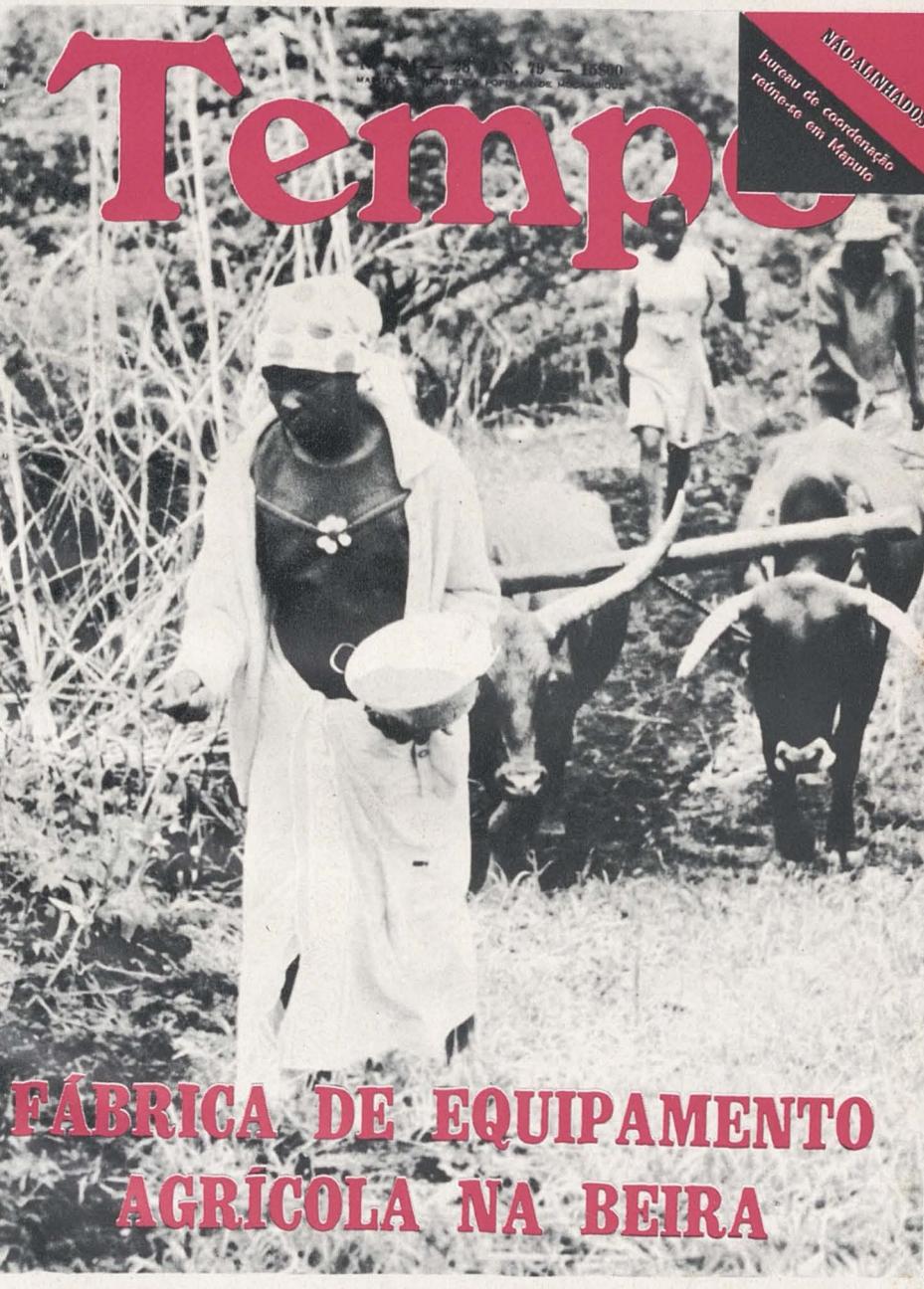
Tempo

N.º 10 — 20 JAN. 79 — 1500

MAPUTO — REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

MADALINHADOS

bureau de coordination
réunisse em Maputo



FÁBRICA DE EQUIPAMENTO AGRÍCOLA NA BEIRA

TEMPO, de Maputo. Revista semanal ilustrada.

Redacção: av. Ahmed Sekou Touré, 1078-A

Caixa Postal 29.17 — República Popular de Moçambique



cadernos do
terceiro
mundo
Rua da Lapa, 180 - S/Loja - R.
CEP 20.021 - Tel. 242-1951